

A MARAVILHOSA VIAGEM DE VÍTOR PEREIRA ATRAVÉS DO ENSINO

RELATÓRIO DE ESTÁGIO PROFISSIONAL

Relatório de Estágio Profissional apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto com vista à obtenção do 2º ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário (Decreto-lei nº 74/2006 de 24 de março e o Decreto-lei nº 43/2007 de 22 de fevereiro).

Orientadora: Professora Doutora Paula Maria Fazendeiro Batista

Vítor Hugo Freitas Pereira

Porto, Setembro de 2013

FICHA DE CATALOGAÇÃO

Pereira, V. (2013). *A Maravilhosa Viagem de Vítor Pereira Através do Ensino. Relatório de Estágio Profissional*. Porto: V. Pereira. Relatório de Estágio Profissional para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

PALAVRAS-CHAVES: ESTÁGIO PROFISSIONAL, FORMAÇÃO INICIAL, PROFESSOR, EDUCAÇÃO FÍSICA, MOTIVAÇÃO, NARRATIVA.

*“Se eu não fosse imperador, desejaria ser professor.
Não conheço missão maior e mais nobre que a de dirigir as inteligências
jovens e preparar os homens do futuro.”*

D. Pedro II

DEDICATÓRIA

Dedico este documento aos meus **PAIS** e ao meu **TREINADOR**, que apesar de todas as dificuldades fizeram os possíveis e os impossíveis para que completasse mais este ciclo de formação.

Muito obrigado pelo apoio incondicional e por todos os valores transmitidos.

AGRADECIMENTOS

À **Professora Doutora Paula Batista**, professora orientadora de estágio, pela disponibilidade, compreensão e valiosas contribuições que foram fundamentais para a conclusão de todo este processo.

Ao **Professor Gualdino Freitas**, professor cooperante, pela afetividade, dedicação, partilha do saber e competência com que orientou o meu estágio.

À **Escola da APEL** e a todos os **Professores do Gabinete de Educação Física**, pela forma como fui recebido na sua casa e também por tudo o que me ensinaram.

Aos meus colegas de estágio, **Bárbara de Sousa, José Vítor Ferreira e Miguel Afonso Franco**, por todos os momentos partilhados ao longo deste ano e por toda a partilha, ajuda, amizade e compreensão.

A todos os **meus Alunos** da Escola da APEL, por todas as situações de aprendizagem que me criaram e que contribuíram para a minha formação e transformação professor-aluno.

Ao meu Pai, **José Maria de Sousa Pereira**, pela orientação e apoio que sempre me deu ao longo da vida e que contribuiu efetivamente para a minha formação. À minha Mãe, **Ana Paula de Ponte Freitas**, pelo suporte incondicional que me permitiu ir mais além na vida e na formação. À minha Irmã, **Rubina Freitas Pereira**, por todos os passos que partilhou comigo nesta vida e acima de tudo, por ser a pessoa que sempre me compreendeu.

A toda a minha **Família e Amigos**, com especial atenção a **Mariana Pereira de Sousa Marques**, pela manifesta amizade, apoio e dedicação.

Por fim e não menos importante, ao mundo da **Natação** que me ensinou a ser através do desporto, com especial atenção ao meu treinador, amigo e padrinho, **Nuno Miguel Camacho Vicente Franco**, pois desde que o conheci tomei como referência o seu conhecimento e carácter. Desde então tenho vindo a seguir os seus passos com o intuito de um dia o alcançar e ser um magnífico habilitado nesta área. Ao longo da minha formação contei literalmente com a sua ajuda e reconheço que foi um ponto essencial para muito daquilo que consegui até hoje.

A todos, o meu **OBRIGADO!**

ÍNDICE GERAL

ÍNDICE DE FIGURAS	XIII
ÍNDICE DE TABELAS	XV
ÍNDICE DE QUADROS	XVII
ÍNDICE DE ANEXOS	XXI
RESUMO	XXIII
ABSTRACT	XXV
ABREVIATURAS	XXVII

1 - INTRODUÇÃO	1
2 - ENQUADRAMENTO PESSOAL	7
2.1. Percurso Académico	8
2.2. Percurso Desportivo	11
3 - ENQUADRAMENTO INSTITUCIONAL	13
3.1. Estágio Profissional	14
3.2. A Escola como Instituição	17
3.3. A Escola da APEL	19
4 - O ESTÁGIO PROFISSIONAL: ENTENDIMENTO E EXPETATIVAS	21
4.1. Núcleo de Estágio	22
4.2. Professor Cooperante e Professora Orientadora	25
4.3. Grupo de Educação Física	27

5 - O ESTÁGIO / A VIAGEM	29
5.1. O “CHECK IN”	30
5.1.1. Atendimento ao Balcão	30
5.1.2. Porta de Embarque	33
5.1.3. Os Tripulantes	37
5.2. A PARTIDA	63
5.2.1. Palavras do Capitão	63
5.2.2. Previsão de Voo	66
5.2.3. Descolagem	68
5.2.4. Ganhar Altitude	72
5.3. ALTITUDE DE CRUZEIRO	75
5.3.1. As Escalas	75
5.3.1.1. Inspeção de Voo	75
5.3.1.2. Assistência em Terra	84
5.3.1.3. Bagagem de Mão	87
5.3.2. O “Serviço de Bordo”	90
5.3.2.1. As Hospedeiras	90
5.3.2.2. Vendas a Bordo	95
5.4. CHEGADA	99
5.4.1. O Trem de Aterragem (nostalgia)	99
5.4.2. Um Olhar Além a Janela	100

6 - A MOTIVAÇÃO DOS ALUNOS PRATICANTES DESPORTIVOS E NÃO PRATICANTES DO ENSINO SECUNDÁRIO PARA AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESCOLA DA APEL: – ESTUDO REALIZADO NA ESCOLA DA APEL DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA.....103

6.1 – PREÂMBULO 115

6.2 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....117

6.2.1 – Motivação e Experiências Anteriores.....117

6.2.2 – Motivação e Nível de Desempenho.....118

6.2.3 – Motivação, Sexo & Idade 119

6.2.4 – Motivação.....120

Praticantes e Não Praticantes

6.3 – OBJETIVOS.....120

6.4 – METODOLOGIA.....121

6.4.1 – Delineamento do Estudo.....122

6.4.2 – Recolha de Dados.....122

6.4.3 – Instrumento.....123

6.4.4 – Processamento de Aplicação.....123

6.4.5 – Procedimentos de Análise.....124

6.5 – RESULTADOS.....126

6.5.1 – PRIMEIRA FASE: Aplicação na Escola em Geral.....126

6.5.1.1 – Dados Gerais da Amostra.....126

6.5.1.2 – Diferenças Relativas à Prática Desportiva.....128

6.5.1.3 – Diferenças Relativas ao Sexo.....130

Sexo Masculino e Sexo Feminino

6.5.2 – SEGUNDA FASE: Aplicação na minha Turma.....132

1º Momento e 2º Momento de Avaliação

6.6 – AÇÃO	133
6.6.1 – Estratégias a Implementar	133
6.6.1.1 – Maior Autonomia ao Aluno Federado	133
6.6.1.2 – Maior Responsabilidade à Turma	135
6.6.2 – Respostas - Novas Estratégias / Educação Física (2012/13)	136
6.6.2.1 – Questão 1.	136
6.6.2.2 – Questão 2.	137
6.6.2.3 – Questão 3.	137
6.6.2.4 – Questão 4.	138
6.6.2.5 – Questão 5.	138
6.6.2.6 – Questão 6.	139
6.7 – CONCLUSÃO	145
6.8 – BIBLIOGRAFIA DO ESTUDO	142
6.9 – ANEXOS DO ESTUDO	143
6.9.1 – Requerimento	143
7 - CONCLUSÃO GERAL	145
8 - BIBLIOGRAFIA GERAL	153
9 - ANEXOS	XXIX

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1. Cartaz de Apresentação da “Sala de Musculação”	95
FIGURA 2. Aluno Praticante a Introduzir a Matéria à Turma.....	134
FIGURA 3. Aluno Praticante a Exercitar a Matéria à Turma.....	134
FIGURA 4. Os Alunos, o Estudante e os Professores.....	151

ÍNDICE DE TABELAS

TABELA 1. Fragilidades e Potencialidade (1º Momento).....	69
TABELA I. Objetivos.....	121
TABELA II. Número e Média de Idades.....	122
TABELA III. Teste de SMIRNOV.....	125
TABELA IV. Médias e Desvios Padrão de respostas na Amostra Geral.....	126
TABELA V. Médias, Desvios Padrão e Nível de Significância entre Alunos Praticantes e Não Praticantes.....	128
TABELA VI. Médias, Desvios Padrão e Nível de Significância entre o Sexo Masculino e Feminino.....	130
TABELA VII. Médias e Desvios Padrão do Primeiro e Segundo Momento / Turma.....	132

ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO 1. Mapa Internacional de Voo	38
QUADRO 2. Cartão de Embarque - Bartolomeu de Gusmão	39
QUADRO 3. Cartão de Embarque - Leonardo da Vinci	41
QUADRO 4. Cartão de Embarque - Ada Leda Rogato	42
QUADRO 5. Cartão de Embarque - Santos Dumont	43
QUADRO 6. Cartão de Embarque - Charles Lindbergh	46
QUADRO 7. Cartão de Embarque - George Cayley	47
QUADRO 8. Cartão de Embarque - Otto Lilienthal	48
QUADRO 9. Cartão de Embarque - Wilbur Wright	50
QUADRO 10. Cartão de Embarque - Orville Wright	50
QUADRO 11. Cartão de Embarque - Clément Ader	52
QUADRO 12. Cartão de Embarque - Amelia Earhar	53
QUADRO 13. Cartão de Embarque - Amy Johnson	54
QUADRO 14. Cartão de Embarque - Percy Pilcher	56
QUADRO 15. Cartão de Embarque - Henry Farman:	58
QUADRO 16. Cartão de Embarque - Gago Coutinho	60

QUADRO 17. Cartão de Embarque - Evelyn Johnson	61
QUADRO 18. Cartão de Embarque - Samuel Pierpont Langley	62
QUADRO a. Ponto de Situação - ALPHA	30
QUADRO b. Ponto de Situação - BRAVO	35
QUADRO c. Ponto de Situação - CHARLIE	63
QUADRO d. Ponto de Situação - DELTA	68
QUADRO e. Ponto de Situação - ECHO	72
QUADRO f. Ponto de Situação - FOXTROT	75
QUADRO g. Ponto de Situação - GOLF	84
QUADRO h. Ponto de Situação - HOTEL	87
QUADRO i. Ponto de Situação - INDIA	88
QUADRO j. Ponto de Situação - JULIETT	89
QUADRO k. Ponto de Situação - KILO	90
QUADRO l. Ponto de Situação - LIMA	91
QUADRO m. Ponto de Situação - MIKE	92
QUADRO n. Ponto de Situação - NOVEMBER	95

QUADRO o. Ponto de Situação - OSCAR.....	97
QUADRO p. Ponto de Situação - PAPA.....	97
QUADRO q. Ponto de Situação - QUEBEC.....	98
QUADRO r. Ponto de Situação - ROMEO.....	99
QUADRO s. Ponto de Situação - SIERRA.....	100
QUADRO t. Ponto de Situação - TANGO.....	146

ÍNDICE DE ANEXOS

ANEXO 1.	Calendário Escolar 2012/2013.....	XXX
-----------------	--	------------

RESUMO

O Estágio Profissional assume um papel importante, não apenas por ser o culminar de um ciclo de formação, mas também por representar o começo da profissão docente. Neste sentido, o espaço de estágio apresenta-se como uma oportunidade de transformar e colocar em prática, num contexto real, os conhecimentos adquiridos no contexto da formação inicial. O presente documento procura retratar, na primeira pessoa, e por recurso à analogia com uma viagem, o experienciado no Estágio Profissional. Este decorreu na Escola da APEL, no ano letivo 2012/2013, num núcleo composto por quatro estudantes-estagiários, o professor cooperante, da escola, e a professora orientadora da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Em termos de estrutura o relatório é composto por cinco capítulos: o primeiro, *enquadramento pessoal*, engloba os principais aspetos experienciados e que contribuíram para o estágio formativo em que agora me encontro; o segundo, *enquadramento institucional*, retrata os pressupostos legais, institucionais e funcionais em que a prática de ensino supervisionada decorreu; o terceiro capítulo comporta o *entendimento e as expectativas* relativas ao estágio profissional, com destaque para o núcleo de estágio, professora orientadora, professor cooperante e grupo de educação física da Escola da APEL. O quarto capítulo, designado de “MARAVILHOSA VIAGEM DE VÍTOR PEREIRA ATRAVÉS DO ENSINO”, reúne as vivências mais marcantes desta vivência de aprender a ser professor através de uma narrativa. No último capítulo (quinto) é apresentado o estudo subordinado à temática da motivação para as aulas de educação física.

PALAVRAS-CHAVES: ESTÁGIO PROFISSIONAL, FORMAÇÃO INICIAL, PROFESSOR, EDUCAÇÃO FÍSICA, MOTIVAÇÃO, NARRATIVA.

ABSTRACT

The Professional Internship represents a key stepping stone that not only denotes the end of an initial learning cycle but also the beginning of an academic career in the physical education field. It provides the interns with a real opportunity to put the knowledge acquired along the initial training into practice. This project presents a reasoned first-person narration of the Professional Internship that took place in *Escola da APEL*, in the academic year of 2012/2013. Four student interns embraced this experience together with a co-teacher from the mentioned high school and an academic coach from *Faculdade de Desporto da Universidade do Porto*. This report comprises five chapters: the first, *personal framework*, includes the main experiences in the educational internship; the second, *institutional framework*, presents the legal, institutional and functional requirements for conducting the supervised internship; the third explains the *internship's understanding and expectations* with emphasis on the internship group, the academic coach, the co-teacher and finally the gymnastics group of *Escola da APEL*. The fourth chapter entitled "THE WONDERFUL TRIP OF VÍTOR PEREIRA THROUGH TEACHING" (MARAVILHOSA VIAGEM DE VÍTOR PEREIRA ATRAVÉS DO ENSINO). The latter presents the narration of the different experiences lived by the author along the journey of learning how to become a teacher. In the last chapter the author presents a study on student's motivation for physical education courses.

KEY-WORDS: PROFESSIONAL INTERSHIP, INITIAL TRAINING, TEACHER, PHYSICAL EDUCATION, MOTIVATION, NARRATIVE

ABREVIATURAS

APEL	-	Escola Promotora de Ensino Livre
EF	-	Educação Física
EP	-	Estágio Profissional
FADEUP	-	Faculdade de Desporto da Universidade do Porto
GEF	-	Gabinete de Educação Física
NE	-	Núcleo de Estágio
PNEF	-	Programa Nacional de Educação Física
QMEF	-	Questionário de Orientação Motivacional no Desporto
QMEP	-	Questionário de Motivação para a Educação Física
RAM	-	Região Autónoma da Madeira
RE	-	Relatório de Estágio
UP	-	Universidade do Porto
ZSAF	-	Zona Saudável de Aptidão Física

INTRODUÇÃO

“Olá. Bem-vindos a bordo!”

*“Desejo a todos uma ótima viagem através da minha experiência de ensino!
Mas antes que o sonho de voar tome conta de nós, vamos lembrar as regras de segurança.
Estas são importantes para mim e para si.
Por isso, mesmo que tenha coisas muito importantes para fazer...
Peço a sua atenção por uns pequenos minutos.”*

O Relatório do Estágio Profissional pretende caracterizar, de um modo fidedigno, um conjunto de vivências e experiências ocorridas ao longo de um ano letivo em contexto real de ensino, que concorreram para um desenvolvimento profissional sustentado e consistente.” (Relatório de Estágio, Ana Catarina Silva, 2011, p.3). Este documento assumiu assim um papel fundamental na conclusão de mais um ciclo de formação, neste momento, do Estágio Profissional (EP).

*“Para o nosso conforto e segurança,
a bagagem de mão deve ser colocada dentro das bagageiras.”*

O Estágio Profissional apresenta-se como a última etapa deste processo de transição. Trata-se de um momento específico da formação de professores que proporciona, pela primeira vez, o contacto com as responsabilidades da docência. (Relatório de Estágio, Paulo Leal, 2012, p.3). O Estágio Profissional foi assim uma magnífica “oportunidade” no sentido em que me permitiu intervir conscientemente em contexto profissional. A sua função (EP) foi oferecer conhecimento prático das funções profissionais como professor, possibilitando um “toque” especial entre as matérias que me foram transmitidas em aulas com o contexto real da sua aplicação.

*“Antes de descolarmos,
os corredores têm que estar desimpedidos para facilitar a circulação.
Por mais importantes que sejam as bagagens, lembre-se:
É proibido colocá-las junto às saídas de emergência.”*

Ser Professor é ter a capacidade de se relacionar com os restantes intervenientes do processo de ensino-aprendizagem, não esquecendo a importância de conhecer a pessoa que mora em cada aluno, mas também a pessoa que mora em si mesmo. (Relatório de Estágio, Daniela Ferreira, 2012, p.3). Para que tal fosse possível tive que recorrer a qualificações académicas e pedagógicas, para que conseguisse transmitir e ensinar ao aluno a matéria de ensino de forma deliberada e efetiva.

“Neste avião existem oito saídas de emergência, todas devidamente assinaladas.

2 portas na retaguarda

4 janelas sobre as asas

e 2 portas na frente.

*Todas elas têm mangas de evacuação que em caso de necessidade,
podem ser usadas como meio de flutuação.*

E é muito fácil descobri-las.

*Basta seguir as luzes de emergência que estão ao longo do corredor,
próximo dos seus assentos.*

Para abrir as portas só tem que puxar a alavanca para cima.”

O contacto com os diferentes papéis, responsabilidades e atividades do professor e a interação com os diversos agentes escolares, também foi uma experiência formativa muito relevante. (Relatório de Estágio, Paulo Leal, 2012, p.3). Porém, foi da minha maior responsabilidade, enquanto professor, foi formar cidadãos.

“Neste avião existem cintos de segurança.

*Sempre que o sinal de “apertar cintos” estiver ligado e estiver sentado,
já sabe o que deve fazer:*

Manter o cinto de segurança apertado.

É muito fácil apertá-lo.

Encaixa a patilha de metal na fivela... até ouvir um clique...

e puxe a ponta do cinto até se ajustar a si.

Para abrir o cinto, basta levantar o topo da fivela.”

Nesse sentido, o presente documento procura evidenciar as vivências, percepções e reflexões associadas ao “tomar-se professor”, de um estudante-estagiário (autor), no reconhecimento dos aspetos mais significativos, bem como das dificuldades e estratégias inerentes à construção da sua identidade enquanto professor. (Adaptado do Relatório de Estágio, Introdução de Vânia Ribeiro, 2012, p.3)

“Em caso de queda das máscaras de oxigênio, não se assuste.

*Puxe a máscara, aplique-a sobre o nariz e a boca
ajustando o elástico à volta da cabeça.*

Depois respire tranquilamente.

E não estranhe.

É mesmo ar não poluído.”

A primeira parte do Relatório de Estágio refere ao *enquadramento pessoal* (Cap. 2), onde são apresentados os principais aspetos que vivenciei e que contribuíram para a minha presente formação. De seguida, no *enquadramento institucional* (Cap. 3) são expostos alguns pressupostos legais, institucionais e funcionais do Estágio Profissional e da Escola.

“Mas atenção:

Coloque sempre a sua máscara em primeiro lugar antes de ajudar os outros.”

Ainda na primeira parte, *entendimento e as expectativas* (Cap. 4) do Estágio Profissional com ênfase no núcleo de estágio, na professora orientadora, no professor cooperante e no gabinete de Educação Física da Escola da APEL, destacando assim os seus contributos para a minha formação.

“Há um colete de salvação na parte central da cadeira ou debaixo do assento.

Se for preciso, retire-o da embalagem, vista-o e ajuste-o.

*Não é uma peça de alta-costura,
mas até tem um corte bastante fashion.*

A segunda parte do Relatório de Estágio (Cap. 5) refere-se objetivamente à prática de ensino supervisionada, a **“A MARAVILHOSA VIAGEM DE VÍTOR PEREIRA ATRAVÉS DO ENSINO”**, em que são apresentadas as vivências mais marcantes desta experiência que foi aprender a ser professor, por recurso a um processo reflexivo que foi sendo desenvolvido ao longo do estágio, no decorrer no ano letivo de 2012 / 2013.

“Para descolagem e aterragem,

*todos os equipamentos eletrónicos têm que ser desligados
porque podem interferir com os instrumentos de voo.”*

O tema deste relatório, matéria de desenvolvimento no quinto capítulo, foi adaptado do livro “*Nils Holgerssons underbara resa genom Sverige*”, em português, “*A Maravilhosa Viagem de Nils Holgersson através da Suécia*”, uma obra de Selma Lagerlöf, uma escritora sueca vencedora do Prêmio Nobel de Literatura de 1909, publicado em dois volumes, entre os anos de 1906 e 1907.

*“Existe um folheto de segurança na bolsa do assento que está à sua frente.
Por isso, antes de ler as últimas do **DESPORTO**,
leia atentamente este folheto.”*

A sua obra recorre a analogia fantástica, que me inspirou e orientou na conceção e estruturação desde relatório. A autora combina uma experiência pedagógica com o seu talento de narradora e o resultado é inspirador... Porém, é a mensagem que emerge do livro, que explica esta minha opção. Do livro sobressai a exaltação do trabalho, da boa vontade e da caridade, e de valores como o respeito pela natureza, a importância do trabalho em grupo e a integridade.

*“Só mais uma informação antes de partirmos.
Coloque as costas da cadeira na posição vertical,
recolha a mesa, aperte o cinto de segurança e... relaxe.”*

No entanto, senti necessidade de personalizar e moldar esta história à minha experiência, ao meu gosto, por isso, parti deste elemento e concebi a narrativa em torno de uma viagem de avião. Nesta viagem eu sou o copiloto e ao mesmo tempo o comandante, o qual é responsável por transportar dezassete passageiros (alunos) até “outro patamar de conhecimento”. Inúmeros aspetos do mundo da aviação e do próprio conceito de viajar são utilizados na construção desta analogia entre o “estágio” e a “viagem”. Deste modo, o reviver o vivido desta viagem maravilhosa, que foi o meu estágio profissional, espaço para desconstruir o experienciado, num processo em que o real e o imaginário confluem no processo de atribuição de significado ao experienciado. Um espaço em que o sonho requerido foi permitido.

*“Ah,
um aviso muito importante.
É proibido fumar no avião.”*

Por fim, na última parte (Cap. 6) será apresentada o estudo decorrente do Projeto de Investigação, que se desenvolve em torno da temática da **MOTIVAÇÃO** dos alunos praticantes e não praticantes desportivos da Escola da APEL. Esta pesquisa além de ajudar a compreender melhor a população estudantil, funcionou como um instrumento de melhoria da minha intervenção como professor.

*“Quanto a nós,
Agradecemos a sua atenção e prometemos recebê-lo sempre de braços abertos.”*

Vítor Pereira

AGRADEÇO A TODOS OS ESTUDANTES DA FADEUP QUE CONTRIBUÍRAM PARA A
CONSTRUÇÃO DESTA INTRODUÇÃO.

THANKS FOR ALL STUDENTS FROM FADEUP WHO WORKED WITH US IN MAKING THIS
INTRODUCTION.

Adaptado do vídeo de Segurança da TAP: "De Braços Abertos"

Publicado em Janeiro de 2013

Mccann Erickson

2. ENQUADRAMENTO PESSOAL

2. ENQUADRAMENTO PESSOAL

2.1. Percurso Académico

Reconheço uma linha do tempo que persiste em existir e que contorna as curvas da minha vida. Esta linha desenhou o meu processo de formação e fez de mim aquilo que sou hoje. A construção do “EU” como indivíduo, como professor, foi e continua a ser um processo progressivo, pelo que é difícil descrever literalmente quais foram os principais contributos para a minha formação. Como consequência desta “incerteza”, que persiste em acompanhar-me, o meu pensamento é elevado a um nível superior, fazendo-me questionar e procurar constantemente sobre o “quem sou”. Recorro, assim, às palavras de Fernando Pessoa, para expressar o meu entendimento:

“Não sei quem sou, que alma tenho.

Quando falo com sinceridade não sei com que sinceridade falo.

Sou variamente outro do que um eu que não sei se existe (se é esses outros)...

Sinto crenças que não tenho.

Enlevam-me ânsias que repudio.

A minha perpétua atenção sobre mim perpetuamente me ponta

traições de alma a um carácter que talvez eu não tenha,

nem ela julga que eu tenho.

Sinto-me múltiplo.

Sou como um quarto com inúmeros espelhos fantásticos

que torcem para reflexões falsas

uma única anterior realidade que não está em nenhuma e está em todas.

Como o panteísta se sente árvore (?) e até a flor,

eu sinto-me vários seres.

Sinto-me viver vidas alheias, em mim, incompletamente,

como se o meu ser participasse de todos os homens,

incompletamente de cada (?),

por uma suma de não-eus sintetizados num eu postigo.”

Fernando Pessoa (1966). “Não sei quem sou, que alma tenho”

Para muitos, é no seio da família, mas também ao nível da educação básica, que se forjam as atitudes perante a aprendizagem que durarão ao longo de toda a vida (DELORS, 1998, p.16).

O meu percurso académico iniciou-se formalmente no Externato Princesa Dona Maria Amélia, uma escola católica que contribuiu, sobretudo, para a aquisição de conhecimentos e competências de preparação para o segundo ciclo, mas também para a aprendizagem dos princípios básicos de cidadania. Foi neste espaço que os primeiros pilares da minha formação começaram a adquirir forma e a chama pela aprendizagem começou a ganhar luz. Tenho consciência de que outros valores foram sendo adquiridos, mas devido à minha imaturidade, característica da idade, só mais tarde me fui apercebendo (consciência, inteligência, conhecimento, etc.). Julgo que seria mais um mero reprodutor do que um criador (é natural), mas suponho que isso não diminui a importância do momento, pois tudo conta para a formação, tudo conta para a vida.

O segundo ciclo da minha formação foi cumprido na Escola Básica e Secundária Gonçalves Zarco, espaço onde comecei a tomar gosto pela área das ciências e pelo mundo das artes. Pressuponho que este interesse tenha surgido por influência dos meus professores, o que me faz valorizar ainda mais a minha profissão.

A dada altura, entre o segundo e o terceiro ciclo, o desporto e a escola preenchiam-me a vida e, simultaneamente, definiam os contornos das minhas opções académicas. Por isso, hoje percebo que foi o desporto que me encaminhou para outra instituição social, a Escola Secundária Jaime Moniz, onde concluí o terceiro ciclo e o ensino secundário: este espaço formativo possibilitou-me estar mais próximo do local onde treinava o meu desporto, natação, pelo que pude treinar mais vezes e em horários, digamos, madrugadores.

A pergunta mais importante da vida de um jovem e a sede insaciável de resposta surgiu nesta fase da minha formação: *“O que quero ser no futuro?”* Dividido entre uma aptidão (artes) e uma paixão (desporto), que persistiam em guiar-me pelos caminhos da vida e da formação, tive que encontrar uma resposta capaz que satisfazer o “coração” e a “razão”.

Essa resposta apareceu no terceiro ciclo, porquanto a dada altura tudo o que sonhava era ser como o meu treinador, uma pessoa habilitada na área da educação e do desporto e, até hoje, considero que ele foi o grande impulsionador das minhas opções profissionais, razão pela qual escrevo presentemente estas palavras. Em conformidade com esta valorização, prossegui para o Agrupamento 1 (área de desporto), tendo sido a partir deste momento que a minha formação começou a ser específica e o ensino começou a adquirir novos significados.

Foi na Licenciatura que todo o processo de formação ganhou significado e tudo se transformou. Foram três anos de descobertas pessoais e do mundo do conhecimento, que impulsionou-me e motivou-me através da matéria. O maior contributo desta licenciatura, e da FADEUP em geral, para a minha formação, foi o sentimento de confiança que percecionei em mim, o que contribuiu, em muito, para “despertar” as minhas reais capacidades.

Presentemente, no término do 2º ciclo em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, os benefícios desta experiência formativa continuam a eclodir. Entre os vários contributos que esta formação me permitiu adquirir, realço o facto de ter aprendido a ser Profissional. Todavia, estou consciente de que para chegar a este nível vários foram os processos de ensino que me permitiram atingir esta plenitude.

Apesar de este percurso ter-se iniciado formalmente no Externato Princesa Dona Maria Amélia, foi também na família e nas velhas ruas da minha cidade que adquiri muitos dos valores que sustentam o meu modo de ser e de atuar. Como resultado, hoje sinto-me uma pessoa capaz, com um pensamento consciente e com uma enorme capacidade de trabalho, algo que me caracteriza e utilizo constantemente para aprender como para ensinar. No entanto, sei que não posso ficar por aqui. Hoje em dia ninguém pode pensar em adquirir na juventude uma bagagem de conhecimentos suficientes para toda a vida, porque a evolução rápida do mundo exige uma atualização contínua dos saberes (DELORS, 1998, p.15). Bem, o percurso da formação parece ser infinito e talvez seja nisso que reside a maravilha de aprender e de ensinar.

2.1. Percurso Desportivo

“Não há nenhuma coisa existente da qual não se possa perguntar qual é a causa”

Lei da Causa e Efeito (Descartes, René.)

A minha formação, tal como o treino, tem sido um processo contínuo e tudo o que fui concretizando teve por base uma experiência, mesmo as que se materializam numa visão superficial de algo. A forma como atualmente continuo a apostar na formação académica tem tudo a ver com a forma como me sinto enquanto desportista, umas vezes apoiado e outras contrariado pela prática, mas nada me é indiferente.

Iniciei o meu percurso desportivo na modalidade de natação, aos seis anos, e logicamente, na altura, não tinha consciência do impacto que este viria a ter no meu percurso formativo e profissional. A construção do meu “EU” como indivíduo, como desportista, também continua a ser um processo muito moroso, razão pela qual é difícil descrever literalmente quais foram e quais são os contributos fundamentais para a minha formação. Porém, para ser um desportista, no sentido lato da palavra, alguns princípios tiveram que estar presentes, e suponho que tenham sido esses mesmos princípios a auxiliar e orientar as minhas opções académicas e profissionais.

A experiência desportiva influenciou-me em duas condições que convergiram e orientaram a minha formação num sentido único, no carácter e nos estudos.

A primeira condição é pessoal, pois o desporto moldou a minha identidade perante um conjunto de sensações e conceitos que fui adquirindo, na maioria psicossociais, e que me ajudaram a progredir até este ponto da minha formação.

O facto de poder vir a ser um vencedor no mundo do desporto manifestou-se numa seriedade que resultou em “empenho”, sendo este, talvez, o primeiro contributo que o desporto teve para a minha formação como pessoa. Porém, rapidamente entendi que uma vitória poderá não estar tão perto quanto julgamos. Assim, sem “persistência” e “dedicação” dificilmente se concretizam os objetivos visados. Desta forma, percebo que a noção de empenho foi fundamental à minha formação, tanto a curto, como a longo prazo, pois este pode manifestar-se numa única tarefa ou num conjunto delas.

Apesar de a natação ser uma modalidade individual, o treino é sempre realizado em equipa. Como tal, a “cooperação” e a “camaradagem” foram conceitos que aprendi, que adquiri dia após dia e treino após treino. Ao longo do tempo, estes princípios foram sendo cada vez mais valorizados e isso ajudou-me a compreender que trabalhar em equipa é uma competência essencial, não sendo apenas um contributo social.

Ao longo do meu percurso desportivo também tive que fazer valer o meu valor a mim próprio, aos conhecidos e aos desconhecidos, através de competições, e isso fez de mim “competitivo”, algo que me ajuda constantemente a encontrar níveis superiores das minhas capacidades. Porém, compreendo que nada é tão simples como aparenta ser, pois sem “determinação” e “ambição” alguns desses valores desvanecem-se rapidamente. Por isso, assume-se como necessário nunca deixar de ser “persistente” e a “dedicado”.

Para mim, o desporto foi uma das medidas mais honestas da vida. Pelas vivências tidas neste contexto, posso afirmar que ser desportista é tão brutal e exigente que simplesmente temos que gostar do que fazemos, de outra forma nunca chegaremos ao “nosso” topo. Seja como for, quer sejamos especialistas ou apreciadores, o importante é desfrutar da experiência e dos momentos.

Bem, posso dizer que o desporto, perante estes oito conceitos (empenho, persistência, dedicação, cooperação, camaradagem, competição, determinação e ambição), ajudou-me a construir uma identidade. Sinto que o desporto preenche a minha vida e continua a complementar a minha formação.

A segunda condição é formal, pois o tempo dedicado ao desporto condicionou as linhas da vida, orientado o desporto e os estudos num só caminho. Tudo foi tão natural que as coisas aconteceram de forma a que parece que foi tudo combinado, digamos que foi uma verdadeira e maravilhosa coincidência.

3. ENQUADRAMENTO INSTITUCIONAL

3. ENQUADRAMENTO INSTITUCIONAL

3.1. ESTÁGIO PROFISSIONAL

O estágio profissional, em contexto académico, é parte do processo de formação do estudante, estabelecendo a interlocução entre a formação académica e o mundo profissional, através de uma aproximação com a Escola e com a realidade social.

O estágio profissional que realizei, enquanto marco fundamental para a minha formação como futuro professor, encontra-se estruturado pela interação de orientações legais, institucionais e funcionais.

A regulamentação legal deste modelo de estágio foi implementada pela primeira vez no ano letivo de 2009/2010, com o intuito de poder fazer cumprir o objetivo do processo de Bolonha, designadamente de forma a conseguir tornar inteligíveis e comparáveis as formações ministradas no ensino superior, nos diversos países que a subscreveram.

Com a implementação deste processo, pretendeu-se promover uma dimensão europeia do ensino superior, regida pela mobilidade, cooperação, comparabilidade e transferência. Assim, pretendia-se que as faculdades aumentassem a eficiência dos seus sistemas de ensino, promovendo uma formação de qualidade a todos os seus alunos e, conseqüentemente, o aumento da competitividade e empregabilidade dos mesmos.

Desde modo, todo o sistema de ensino teve que passar por um processo de transformação e reorganização, para que as instituições pudessem funcionar de modo integrado, regidos por mecanismos homogeneizados de formação e respetivo reconhecimento. Assim, este novo enquadramento europeu permitiu a qualquer estudante, de qualquer estabelecimento de ensino superior, iniciar a sua formação académica, continuar os seus estudos, concluir a sua formação superior e obter um diploma europeu reconhecido em qualquer universidade de qualquer estado-membro.

Por sua vez, a Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP), confere ao desporto uma grande importância na formação e na investigação, assim consagrada nos estatutos. O objeto de estudo da FADEUP situa-se no domínio do desporto, tomado este no seu sentido abrangente e plural: enquanto atividade

preponderantemente orientada para o desenvolvimento e aperfeiçoamento corporal do Homem; enquanto prática com diferenciação de acentuações e intencionalidades nos domínios da educação e formação institucionais, do rendimento desportivo, da recreação e tempos livres, da reeducação e reabilitação.

Embora o desporto mereça a atenção maior da atividade académica, nem por isso a FADEUP está dissociada de outros motivos do corpo contemporâneo. Disso são exemplos o investimento na relação da atividade física com a saúde e a promoção da qualidade de vida das pessoas idosas. É nesta conformidade que a Faculdade oferece um curso de licenciatura em Ciências do Desporto, sete cursos de mestrado (tendo elegido o 2º Ciclo em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário), e o doutoramento em Ciências do Desporto, correspondendo assim à polissemia e polimorfismo da atividade desportivo-corporal e às respetivas necessidades de formação e investigação.

A licenciatura (Ciência dos Desporto) habilita para a profissão de professor na área do Desporto e da Educação Física, com inclusão de uma formação opcional que, no meu caso, foi realizada na área das Ciências do Desporto - Ramo de Treino Desportivo (natação).

Esta escolha foi cumprida em dois anos, sendo que no primeiro ano permitiu-me: conhecer o desporto de participação e de rendimento; compreender a natureza, processos de potenciação e controlo do desenvolvimento dos diferentes pressupostos de rendimento da Natação, tendo em vista a obtenção de prestações competitivas superiores; dominar teórica e metodologicamente as questões relativas ao controlo e avaliação de treino, bem como a prospeção precoce de talentos desportivos em natação; dominar o estado atual de desenvolvimento do conhecimento no domínio dos fatores condicionantes do rendimento desportivo em natação. No que se refere ao segundo ano, este ramo possibilitou-me: conhecer o desporto de rendimento e o meio desportivo específico da natação; compreender o estado atual de desenvolvimento do conhecimento no domínio dos fatores condicionantes do rendimento desportivo em natação; aplicar os conhecimentos adquiridos relativos à natureza, processos de potenciação e controlo do desenvolvimento dos diferentes pressupostos de rendimento da Natação, tendo em vista a obtenção de elevadas prestações competitivas; desenvolver competências práticas para a intervenção no âmbito do planeamento, condução, controle e

avaliação do treino desportivo em natação; orientação competitiva de nadadores e de equipas de nadadores.

Já que no que se refere ao Mestrado no 2º Ciclo em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, este tem por objetivo a atribuição do grau de mestre, que habilita para a docência da Educação Física e Desporto nos referidos níveis de ensino. Este ciclo de estudo teve a duração de quatro semestres letivos, incluindo no terceiro e quarto semestres a realização do estágio profissional.

Sendo assim, a nível institucional, o Estágio Profissional é uma unidade curricular do segundo ciclo de estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de Educação Física da FADEUP. A nível mais funcional, importa salientar, em primeiro lugar, que o Estágio Profissional remete o estagiário para a prática de todo um leque de funções que o professor desempenha, ou seja, o estagiário é confrontado com uma experiência real do que é ser professor. Assim, é essencial, para os estagiários, ter em consideração que a prática de ensino supervisionada não se resume apenas à lecionação das aulas, mas à responsabilização por toda a turma em geral e por cada aluno em particular. Ao fomento de todas as aprendizagens didáticas, acresce ainda ao professor ajudar o aluno na construção da sua identidade, da boa conduta e na ajuda da superação dos seus problemas.

3.2. A ESCOLA COMO INSTITUIÇÃO

A Escola é uma instituição concebida para o ensino de alunos, sob a direção de professores com o objetivo explícito do desenvolvimento das potencialidades físicas, cognitivas e afetivas dos alunos, por meio da aprendizagem dos conteúdos (conhecimentos, habilidades, procedimentos, atitudes, e valores). Tal deve acontecer de maneira contextualizada, desenvolvendo nos discentes a capacidade de se tornarem cidadãos participativos na sociedade em que vivem.

A sociedade tem avançado em vários aspetos, e mais do que nunca é imprescindível que a escola acompanhe essas evoluções. Para que isso seja possível, assume-se como necessário que a escola esteja conectada a essas transformações, favorecendo o acesso ao conhecimento e o atingir do respetivo sucesso da sua função enquanto instituição.

Para se atingir esse sucesso é necessário saber o que se pretende alcançar, ou seja, a escola para funcionar como instituição deve ter objetivos definidos, para que possa desempenhar corretamente o seu papel social. O crescimento intelectual, emocional, espiritual do aluno deverá assumir-se como a sua principal preocupação, mas para que esse avanço venha a fluir talvez seja necessário que a escola se torne acessível a todas as realidades sociais.

No que se concerne ao papel do professor na escola, ou seja, à minha função, passa por facilitar a aprendizagem do aluno, moldar seu poder de argumentação e conduzir as aulas de modo questionador, onde o aluno como sujeito ativo exerça também seu papel de sujeito pensante. Procurei, igualmente, transmitir a ótica construtivista ao aluno, "arquitetando" as suas aprendizagem através de exercícios e trabalhos que fui propondo, argumentando e questionando.

Tal apenas é possível após um bom planeamento, conjugando a escola como instituição e a minha função como professor. O planeamento foi imprescindível para o sucesso cognitivo dos meus alunos e para o êxito no desenvolvimento do meu trabalho como professor, digamos que foi como uma bússola que definiu a rota a ser seguida.

Então, a escola com instituição parece funcionar como parte de um processo onde o aluno encontra motivos para estar ali e participar de forma ativa, dinâmica, construindo seu aprendizado, pois uma sociedade só é, de fato, democrática quando

os cidadãos que dela fazem parte são em primeiro lugar alfabetizados, reflexivos, com condições reais de exercerem sua participação e cidadania, assim como conhecedores de seus direitos e deveres.

A Escola da APEL (Associação Promotora do Ensino Livre), em particular, enquanto espaço de realização do estágio, deu-me a “oportunidade” de me tornar um profissional da educação, tendo sido o culminar de toda a minha formação.

3.3. A ESCOLA DA APEL

A Escola da APEL, escola católica, foi fundada a 21 de Julho de 1978, tendo dado início à sua atividade a 1 de Outubro de 1978. Foi criada, quando, em meados dos anos 70, se reconheceu a necessidade premente da existência de um estabelecimento do ensino particular de nível complementar, atual secundário, onde os alunos que terminavam o 3º ciclo pudessem continuar a optar pelo ensino privado.

Inicialmente vocacionada apenas para os cursos gerais de prosseguimento de estudos, atualmente a Escola da APEL também desenvolve a vertente profissional, tendo em vista os jovens da Região Autónoma da Madeira (RAM) que, não estando vocacionados para o ensino superior, optem por entrar no mercado do trabalho, preocupando-se, assim, com uma constante adaptação às exigências daquele.

A Escola da APEL foi inovadora em diversas áreas do ensino ao aderir aos cursos de formação profissional tanto para ativos, como para pessoas à procura do primeiro emprego. Foi, ainda, das primeiras escolas a dar início aos cursos do 13º ano via profissionalizante, colaborando, assim, com a Secretaria Regional de Educação (SRE) na formação profissional dos jovens da RAM que, por um motivo ou outro, não prosseguem os seus estudos.

Após o enquadramento institucional apercebo-me da responsabilidade que foi ser Professor, como também de toda a importância que a Escola representa para a comunidade escolar e social. Por outro lado, este enquadramento fez-me entender que a “possibilidade”, a “oportunidade” e a “experiência” foram benefícios que ajudaram e completaram esta reta final minha formação.

4. O ESTÁGIO PROFISSIONAL: ENTENDIMENTO E EXPETATIVAS

4.1. NÚCLEO DE ESTÁGIO

O professor estagiário, ao ingressar no mundo profissional, enfrenta um impacto com a realidade do ensino, que aporta muitos dilemas, oriundos do desvincular das suas aprendizagens com a nova realidade em que se encontra.

Ao longo da minha formação fui aprendendo e adquirindo conhecimentos e maneiras de ser, fazer e estar. Porém, quando me deparei com a realidade da escola, estas aprendizagens não revelaram ser muito ajustadas à realidade da situação, mas suponho que isso seja normal, de outra forma este estágio profissional não seria necessário. Assim sendo, possuir um núcleo de elementos a passar por este mesmo conjunto de experiências permitiu aumentar os conhecimentos de cada um através dos inúmeros momentos de aprendizagem (ex. seminários), desenvolvendo o diálogo, a cooperação e o respeito. Da mesma forma, permitiu trocar ideias, tal como ajudou a desenvolver a responsabilização, quer individual, quer em grupo.

Os primeiros tempos de trabalho na escola constituem um caminho marcado por muitos obstáculos, situações variadas, desafios, etc. São sempre momentos em que o professor estagiário é “posto à prova”. A característica que se manifesta de forma mais acentuada no início do estágio é a insegurança. O facto de sentir-se incapaz e não ter a capacidade de decidir por si mesmo. Isto muitas vezes acontece, pois o professor sente-se dividido entre duas identidades, a de ser aluno e de se assumir como professor.

Neste processo de imersão na realidade escolar, o núcleo de estágio funcionou como uma força unificadora, pois os problemas que surgiam, independentemente de a quem pertenciam, eram tratados pelo grupo e no grupo, num ambiente de interajuda. A importância de trabalhar com o grupo em equipa ficou, por demais, evidente.

Este foi constituído por quatro elementos.

Começando pela Bianca de Souto¹, foi das pessoas cujas dificuldades mais contribuíram para esta etapa final da minha formação. Apesar de eu ter vivenciado algumas dessas mesmas dificuldades, características do início de carreira de um docente, foi a partir da experiência da Bianca² que me apercebi de outras. Um bom exemplo disso foi a dificuldade de comunicação com os alunos. Acerca deste

¹ Nome fictício

elemento, aprendi que, apesar de toda a organização e preparação que a matéria de ensino necessita, no fim quase tudo se resume ao ato de transmissão, pois é neste momento que o aluno efetivamente aprende. É claro que este último passo está claramente dependente de outros, mas se não se consegue concretizar “este” momento, todos os outros serão dissipados.

Da mesma forma, compreendi que a disponibilidade com que um professor se dispõe perante o aluno e a matéria condiciona todo o processo de ensino, pois é preciso acreditar naquilo que se ensina.

Em relação ao José Maria Felgueiras², julgo que o facto de ter acompanhado a sua experiência enalteceu a minha formação pelo simples facto de demonstrar que existem várias realidades de ensino dentro da mesma escola e da mesma turma. A sua experiência foi tão diferente da minha que me fez entender que, na escola, poderemos ter a mesma missão mas com objetivos completamente distintos, é preciso estar preparado para tudo. Ou seja, a sua turma caracterizou-se por ser maioritariamente feminina, sem motivação e habilidade para a prática desportiva, enquanto a minha se caracterizou por ser maioritariamente masculina, ativa e recheada de talentos, o que resultou na elaboração de objetivos completamente distintos entre mim e o José Felgueiras³.

Por fim, o Adolfo Ferraz³, ao longo destes cinco anos preparação, foi uma pessoa que esteve muito próxima de mim. Todos os contributos que recolhi da nossa amizade foram bem consolidados e objetivados para a minha formação. O facto de termos “crescidos” juntos ao longo da licenciatura em Ciências do Desporto e deste 2º ciclo em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário fez com a nossa preparação fosse muito similar, e isso refletiu-se no estágio profissional. Por esta razão, tenho a sensação de que a nossa experiência foi muito idêntica, ou seja, as suas dificuldades “caminharam” em paralelo às minhas. Isso possibilitou-me encontrar algumas respostas e, dessa forma, antecipar alguns problemas que poderiam ter ocorrido e vice-versa. Da mesma forma, apercebi-me que para o mesmo problema existem várias respostas e soluções, pois cada caso é um caso, um aluno nunca deverá ser tratado pela média, porque ninguém se encontra na média - ou está a cima ou abaixo dela.

² Nome fictício

³ Nome fictício

Em síntese, posso afirmar que o núcleo de estágio contribuiu para o meu processo formativo, acrescentando novas aprendizagens e assemelhando-se a ter quatro experiências distintas que contribuíram para um melhor entendimento da realidade da escola e do que é ser professor.

4.2. OS ORIENTADORES: PROFESSOR COOPERANTE E PROFESSORA ORIENTADORA

No meu entendimento, devido aos tempos de dificuldade que se vivem, as definições legais atuais do estágio profissional obrigam a uma maior cumplicidade entre os estagiários e o seu professor cooperante, isto porque o facto de eu lecionar a uma turma do orientador, pela qual ele é responsável, convida a uma maior participação deste nas atividades letivas do estagiário, não só nas suas aulas, mas também no planeamento e preparação das mesmas. Confesso que, inicialmente, tanto o Professor Cooperante como a Professora Orientadora foram por mim percebidos como mais uma barreira, olhando-os como alguém a quem teria que justificar e fazer valer o meu trabalho. Porém, com o passar do tempo, ambos os orientadores se tornaram um suporte, isto simplesmente pelo facto de agregarem a esta reta final da minha formação a “confiança”, a “segurança” e o “conforto” de que necessitava.

Poderia dizer que tive o melhor Professor Cooperante de todas as escolas, mas isso não seria real, pois o estágio profissional apenas me deu a oportunidade de seguir esta experiência a tempo inteiro, ou seja, não acedi a outra realidade de aprendizagem. Todavia, sinto que isto é verdade pelo simples facto de tudo acabar por ser perfeito, pois ao longo do tempo fui-me transformando e moldando, mediante uma visão mais madura e experiente, que além de me oferecer toda a confiança, segurança e conforto de que necessitei para este estágio, me ensinou a ser professor numa escola.

A Professora Orientadora apresentou-se como uma figura mais formal e distante, no entanto, isto apenas sucedeu nas vezes em que não estava literalmente presente. Posso, assim, dizer que reconheço “duas” professoras orientadoras durante este estágio. Uma muito próxima e sempre disposta a ensinar, em que a sua matéria de ensino foi tão densa e verdadeira que me transmitiu uma enorme confiança no meu processo de formação, e isso era o que necessitava para seguir em frente. Por outro lado, reconheci uma pessoa mais distante, perante a qual tinha que me justificar e mostrar o meu valor, através de responsabilidade e trabalho. Acho que a frase “*toda gente tem um chefe*” enquadra-se nessa perspetiva, pois sei que ao longo da minha carreira terei sempre que me justificar a alguém, nem que seja a mim próprio.

O enaltecimento que fica por fazer revela-se na importância que estes dois professores assumiram para mim ao longo do estágio, sendo pessoas que nunca poderei igualar. O facto de contar com este olhar, e no momento sentir que era verdadeiro, fez-me acreditar que ainda poderia ser muito melhor do que o que sou.

Aprendi, assim, que “*a forma como tu me vês é mais importante do que aquilo que realmente sou*”, ou seja, mais importante do que ser professor é o aluno saber que EU sou o Professor.

4.3. GRUPO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

O Grupo de Educação Física (GEF), sem contar com a presença do núcleo de estágio, foi constituído por seis professores, sendo eles: O Prof. Nicolau Garcia⁴ (delegado de grupo), Prof. Bartolomeu Vasques⁵, Prof. Patrícia Abrantes⁶, Prof. André Felipe Simões⁷, Prof. Rafael Corte-Real⁸ e o meu Prof. Cooperante.

Não é fácil enumerar todos os contributos que este grupo teve para a minha formação, pois cada um contribuiu, de uma forma muito particular e por vias completamente distintas, mas todos foram importantes neste percurso repleto de significado. Por esta razão, sinto-me na obrigação de sublinhar individualmente alguns desses contributos, pois considero que esta será a forma mais justa de agradecer o que este grupo fez pela minha formação.

Foi o primeiro grupo com quem trabalhei profissionalmente e foram eles que me fizeram sentir em casa. Estou consciente de que esta experiência foi totalmente influenciada pelas suas intervenções, desde as chamadas de atenção às oportunidades de aprendizagem, nomeadamente, com os seminários de grupo.

Começando pelo Prof. Nicolau Garcia¹⁵, delegado do grupo: um dia explicou-me que ser professor numa escola não se restringe apenas ao ato de ensinar o aluno, existindo outras obrigações agregadas ao papel do professor, na escola, que fazem com que esta funcione como uma instituição. Com isto entendi que, quando estiver presente na escola, o meu compromisso não se restringirá ao ato de ensinar, porquanto o professor tem outras “obrigações” e funções que são essenciais para o funcionamento da mesma (delegado de grupo, direção de turma, atividades extracurriculares, etc.).

O Professor Bartolomeu Vasques¹⁶ orientou-me e ensinou-me a olhar além do horizonte, para além da minha experiência. Entendi, assim, que não posso nem devo sobrepor esta experiência a qualquer outra, ela não é transversal nem universal. Desta forma, tenho que compreender que lecionar uma turma durante um ano não enquadra a totalidade da responsabilidade do que é ser professor na escola, embora

⁴ Nome fictício

⁵ Nome fictício

⁶ Nome fictício

⁷ Nome fictício

⁸ Nome fictício

não retire credibilidade a esta oportunidade e experiência que foi o meu estágio profissional.

A Professora Patrícia Abrantes¹⁷ mostrou-me que ser professor, para quem é capaz e está preparado, poderá ser uma conquista natural. E é verdade, pelo menos foi para mim... Desde o primeiro momento em que entrei na sala de aula, passei a ser professor perante o olhar dos meus alunos, dentro e fora do espaço da escola. Na verdade, não posso ser ou deixar de ser professor assim que queira, ser professor é um cargo que vou carregar para a vida.

Por fim, os Professores André Felipe Simões¹⁸ e Rafael Corte-Real¹⁹ ensinaram-me que lidar com pessoas é uma arte. Nós, como professores, interagimos na escola com uma comunidade, na medida em que partilhamos interesses comuns. Sublinho, então, que trabalhar em equipa não é apenas uma competência social, mas um bem essencial. Foram duas pessoas que também me mostraram que na escola não basta querer para acontecer, estamos sempre dependentes de alguém. Destaco ainda que trabalhar em grupo implica cedência, o que, por vezes, também é uma arte.

Para concluir, recupero e adapto uma frase escrita numa reflexão referente ao primeiro período, que após todo este estágio continua muito atual:

“Algo que contribuiu positivamente para o sucesso desta experiência foram os elementos que compõem o GEF, pois sem eles este estágio teria um sabor menos agradável.”

(Relatório Final do 1º Período, 19 de Dezembro de 2012)

5. O ESTÁGIO / A VIAGEM

5. O ESTÁGIO / A VIAGEM

5.1. O “CHECK IN”:

5.1.1. ATENDIMENTO AO BALCÃO / A CHEGADA À ESCOLA

O “*check In*” é o procedimento que acontece antes de embarcar. Para mim foi a altura ideal de conhecer a estrutura e a equipa com quem posteriormente trabalhei:

- **Torre de Controlo:** Professora Orientadora;
- **Piloto:** Professor Cooperante;
- **Copiloto:** Prof. Vítor Pereira;
- **Aeronave:** APEL.

Foi a primeira vez “pilotei” uma “aeronave” com tamanha dimensão, muitos alunos e uma “assistência de bordo” sempre pronta a auxiliar. Lembro-me que foi um momento de algum nervosismo e ansiedade. Tudo parecia demasiado complexo, mas como todo o instante tem significado, este para a minha formação ficou...

“Tudo parece impossível até que seja feito”

(Nelson Mandela)

E a chegada do “aeroporto foi assim... (Quadro a.).

Quadro a. Ponto de Situação - ALPHA

Relatório de Inspeção: 1 Dia: 14 de Setembro de 2012

Hora: 8:37

Observação: 7 dias para “A PARTIDA”.

O reencontro com a escola foi nostálgico, pois relembrei alguns dos momentos da minha formação enquanto jovem ambicioso e de certo modo expectante em relação ao seu futuro profissional. Mas agora foi diferente, senti-me diferente, apesar de ainda não ter consciência da imensa responsabilidade que me aguardava.

“Este período iniciou-se de uma forma muito natural para quem está a iniciar uma nova fase da vida, perdido e confuso. Novos horários, novos professores, nova escola, novos alunos e sobretudo, um novo papel!”

(Relatório Final do 1º Período, 19 de Dezembro de 2012)

Este primeiro momento na escola foi difícil, sobretudo porque comecei a tomar consciência da minha responsabilidade enquanto estudante e simultaneamente professor. Foi uma experiência real da duplicidade de papéis.

A primeira sensação de transição “Estudante → Professor” aconteceu quando me dirigi à secretaria da escola e apresentei-me. Nesse momento senti que deixei de ser um elemento que pertencia à escola (professor) para passar a ser um indivíduo que também era “a escola” (professor na escola). Tema que já foi desenvolvido neste relatório de estágio (capítulo 4, p.25). A tomada de consciência que todo o meu trabalho daqui por adiante não seria apenas a favor da minha formação, mas sim, a favor de toda uma comunidade, ficou bem patente nesta primeira experiência.

Esta duplicidade de papéis / impacto com a realidade está bem mencionada na literatura. Esteves (1995) & Veenman, (1984), analisam que os estudantes ao chegarem à realidade escolar sofrem o que denominam de “choque de realidade”, que representa as dificuldades na nova profissão. Esse choque, se não for bem gerido pelo professor com apoio de outros profissionais da educação mais experientes, pode provocar sérios danos à construção do perfil do docente que neste momento se inicia no trabalho escolar.

No reconhecimento desta estrutura escolar deparei-me com algumas desigualdades, pois esta não era uma “aeronave” comum, não havia conselho executivo e determinadas normas que uma escola pública possui simplesmente não estavam patentes. A escola da APEL é uma instituição semiprivada, mas o seu funcionamento é autónomo, pelo que se reveste de certas particularidades. Assim sendo, compreendi que todo o sistema educativo da Escola da APEL é controlado por três órgãos:

- **Piloto Automático:** Diretor Geral;
- **Controlador de Altitude:** Diretor Financeiro;
- **Controlador de Velocidade:** Diretor Pedagógico.

Todo este entendimento inicial em torno do sistema educativo foi importante para a minha transição “Estudante → Professor”, sobretudo porque fez-me perceber que agora faço parte de uma instituição escolar (primeiro passo). Da mesma forma, entendi que o meu papel como professor (na escola) é maior, pois existem outras e mais responsabilidades agregadas ao papel deste como formador no meio escolar (direção de turma, delegado de grupo, atividades extracurriculares, etc.). Comecei assim a descobrir o significado de instituição escolar e a compreender que este “voo” não iria depender apenas de mim para “descolar” e se manter em “altitude”, para tal iria necessitar de toda a orientação dos diversos órgãos da escola, da mesma forma que estes órgãos dependeriam de toda a minha capacidade e concentração para funcionarem corretamente.

Foi também por esta altura que fiquei a conhecer outros “comandantes” e pela primeira tive colegas de profissão! Que momento... Também, nesta fase senti outra transição “Estudante → Professor”, pois não consegui ver professores no “*check in*”, apenas pessoas usuais que partilhavam algo em comum comigo (comunidade escolar).

Ora, estas pequenas sensações que o ambiente me proporcionou contribuíram inicialmente para a minha transformação, permitindo-me, de uma forma consciente, ir integrando o meu papel como professor (na escola), mesmo que até ao momento não tivesse ainda exercido essa função com os alunos.

Após conhecer o conselho geral e os docentes da Escola da APEL identifiquei a minha turma. Os “passageiros” destinados ao meu “voo” foram os alunos do 12º Ano / Curso: Ciências Socioeconómicas (2012 / 2013).

“Fiquei um pouco intrigado com este facto porque nunca tive prática de ensino no ensino secundário, apenas no Ensino Básico. No entanto, considero que será o melhor para a minha formação pois irá certamente complementar o meu processo de aprendizagem.”

(Diário de Bordo, 14 de Setembro de 2012)

Bem, não posso dizer com exatidão que este acaso tenha “certamente” complementado a minha formação, pois o que realmente a complementou foram as situações de aprendizagem que a turma em questão me proporcionou. Todavia, considero que foi um feliz acaso.

De seguida segue a lista de reservas do meu voo:

Reservado: Bartolomeu de Gusmão*

Reservado: Ada Leda Rogato*

Reservado: Raymond de Laroche*

Reservado: Charles Lindbergh*

Reservado: Otto Lilienthal*

Reservado: Clément Ader*

Reservado: Amy Johnson*

Reservado: Wilbur Wright*

Reservado: Gago Coutinho *

Reservado: Elisabeth Thible*

Reservado: Samuel Pierpont Langley*

Reservado: Leonardo da Vinci*

Reservado: Elisa Rossi*

Reservado: Santos Dumont*

Reservado: George Cayley*

Reservado: Orville Wright*

Reservado: Amelia Earhart*

Reservado: Percy Pilcher*

Reservado: Henry Farman*

Reservado: Evelyn Johnson*

Reservado: Richard Byrd*

(*) Todos os nomes mencionados são reais (história da aviação) mas as personagens são fictícias.

Flight – 100 Years of Aviation by GRANT, R. G. (2003)

5.1.2. Porta de Embarque: O meu Primeiro Contacto

Poderia dizer que a chegada à escola foi o meu primeiro contacto, todavia, para mim essa fase foi de acomodação, ou seja, foi um processo de aprendizagem e de transformação indireta que me fez sentir professor por emoções e não na ação, no exercício da função.

O primeiro contacto ocorreu com a descoberta da primeira barreira, primeira aula (primeiro momento). Sim, foi aqui que se iniciou “formalmente” a derradeira transformação de “Estudante → Professor”.

“Importante será referir que este primeiro momento é de apresentação, irá ocorrer dentro de uma sala de aula e terá a duração de noventa minutos, algo que que nunca nenhum de nós (estagiários) fez na vida e que se apresenta inicialmente como uma barreira a passar.”

“... o desporto é tão interessante e importante na sua teoria como na sua prática.”

(Diário de Bordo, 14 de Setembro de 2012)

O revisitar destes dois excertos faz-me aperceber de dois elementos que na altura não “percebi” mas que, representaram, a “porta de embarque” para a transição “Estudante → Professor” que estava a acontecer.

O PRIMEIRO OBSTÁCULO que percecionei não resultou da ação de dar a aula, nem sequer de esta ocorrer dentro de uma sala de aula. Surgiu sim pela dificuldade de a PLANEAR (primeiro obstáculo) perante as dificuldades acrescidas (sala de aula, noventa minutos, etc.).

De facto, esta primeira experiência já era difícil pelo facto de não conhecer os alunos, que foi acrescida pelo facto de não estar familiarizado com alguns processos, tais como a requisição do livro do ponto, das chaves da sala, etc. O facto de ter que contornar estes pequenos obstáculos, num ambiente muito pouco familiar (sala de aula), foi um multiplicador da complexidade. Todavia, uma boa preparação e um bom planeamento foi tudo o que que necessitei para contornar este grande obstáculo, mas já lá vamos.

O segundo elemento, presente no segundo excerto, resulta da PERTINÊNCIA DOS meus PENSAMENTOS e das minhas palavras, que constituíram as primeiras REFLEXÕES. Este foi também o primeiro contacto com a derradeira transição “Estudante → Professor”, digamos, uma verdadeira “porta de embarque”.

É claro que naquele instante toda a minha concentração esteve destinada ao momento mais superficial da ação, dar a aula, por isso a maioria das minhas palavras reportadas nas reflexões reportavam-se a essas emoções. Mas agora que olho à distância e “revejo” os acontecimentos com outro olhar, compreendo que as minhas palavras, a dada altura, incorporavam mais informação do que aquela que eu conseguia compreender. Hoje posso dizer que nesta fase ainda era demasiado imaturo para compreender e traduzir o verdadeiro sentido dos meus pensamentos, esse foi um processo que foi acontecendo durante o percurso de transformação.

Relatório de Inspeção: 2 Dia: 18 de Setembro de 2012

Hora: 10:07

Observação: 3 dias para “A PARTIDA”.

Apesar que ainda faltarem três dias para a minha “descolagem”, muitos já tinham partido em direção ao “outro patamar do conhecimento”, como foi o caso de um dos colegas de estágio. Este acontecimento fez com que ficasse ainda mais nervoso e ansioso em relação ao meu “primeiro momento”. Começar bem foi tudo o que desejei para o início desta “viagem”.

O primeiro momento de um dos colegas não foi “atribulado” mas ocorram pequenas falhas que apenas foram reconhecidas após a sua “descolagem”. A maioria dessas falhas estiveram relacionadas com a falta de conteúdo, mas o mais importante, para mim, é que foram reconhecidas. Desta forma, houve possibilidade de corrigir de forma a que essas falhas não fossem cometidas por mim nem pelos restantes colegas de estágio. Todavia, estive sempre consciente que errar é parte integrante de todo o processo de formação e agora de transformação.

“...as aulas conforme forem ocorrendo este “erro” será cada vez menos tolerável, à que aprender com as experiências dos colegas por mais superficial que estas sejam. A recolha de informação e organização são dois aspetos essenciais para que este estágio corra bem.”

(Diário de Bordo, 18 de Setembro de 2012)

O meu “PRIMEIRO OBSTÁCULO”, a “PERTINÊNCIA DOS MEUS PENSAMENTOS” e as minhas “REFLEXÕES” foram definitivamente a “porta de embarque” para toda esta transformação.

Sublinho importância deste último conceito (reflexão) porque na nossa vida pessoal e profissional a reflexão constitui um elemento importante do processo de aprendizagem. A reflexão surge como um modo possível dos professores interrogarem as suas práticas de ensino. A reflexão fornece oportunidades para voltar atrás e rever acontecimentos e práticas. Isto certamente permitiu melhorar as minhas práticas de ensino.

De um modo mais específico, os professores são conduzidos, através da reflexão na sua própria prática e, especialmente, através da reflexão sobre ela a obter uma visão crítica do contexto estrutural ou ideológico em que estão a trabalhar. Na verdade, a reflexão pode ter como principal objetivo fornecer ao professor informação correta e autêntica sobre a sua ação, as razões para a sua ação e as consequências dessa ação; mas essa reflexão também pode apenas servir para justificar a ação, procurando defender-se das críticas e justificar-se.

Porém, existe um substantivo que também marca fortemente toda esta fase inicial da minha transformação e faço questão de mencioná-lo, o “ERRO”.

Segundo Aquino, J (1997), são os filósofos por vezes distanciados por nós no tempo e da preocupação pedagógica, que têm muito a nos dizer, já que frequentemente refletiam sobre o papel do “erro” para o conhecimento, para a aprendizagem ou ainda acerca de outros aspetos da conduta humana.

Demóstenes, filósofo grego da Antiguidade, via no erro não um caminho para o fracasso mas antes uma razão para a esperança. O filósofo Bacon, que cita Demóstenes, nos diz que a verdade emerge mais facilmente do erro do que da confusão. Então, o termo erro é um dado, algo objetivamente detetável, por vezes até indiscutível. Mas o erro pode ser interpretado de várias formas. O importante é que a constatação de um erro não nos indica, de imediato, que não houve aprendizagem, tão pouco nos sugere inequivocamente fracasso, seja da aprendizagem, seja do ensino.

Depreende-se que o erro foi parte integrante desta experiência, foi uma via física consciente de aprender. No entanto, foi na forma como lidei com o erro que o seu valor ganhou significado. Pois muitas vezes o erro não esteve no próprio ato de errar mas sim de rentabilizar (ex. gestão de tempo, *feedbacks*, escolhas de exercícios, entre outros). Pois houve sempre aprendizagem! Porém, nesta “viagem” nunca existiram segundas “rotas”, todo o processo que aprendizagem foi traçado por um trajeto único, para a frente...

“...por não ter feito melhor não quer dizer que tenha feito mal.”

(Diário de Bordo, 25 de Setembro de 2012)

5.1.3. Os Tripulantes: A Comunidade Escolar

“...todo o meu trabalho daqui por adiante não seria apenas a favor da minha formação, mas sim, a favor de toda uma comunidade.”

(Relatório de Estágio, p.29, 2º parágrafo)

Esta foi uma realidade que conferiu mais responsabilidade ao estágio, porém, profissionalidade e responsabilidade são duas palavras que convergem no mesmo sentido.

Todas as pessoas que contribuíram e influenciaram a minha experiência, de uma maneira ou de outra, estão representadas nesta viagem, porém, as pessoas que contribuíram de forma efetiva para a minha transição “Estudante → Professor”, porquanto foram comigo, os meus orientadores e os meus alunos. Apesar dos meus colegas de estágio não estarem “literalmente” presentes neste “avião”, pois cada um “viajava” no seu, o facto de estarmos constantemente em comunicação “via rádio” fez com que estes também fossem parte integrante deste “voo”, ou seja, também contribuíram e influenciaram efetivamente a minha experiência e, por sua vez, eu influenciei a deles.

O “piloto” desta aeronave foi o Professor Cooperante, ele era o responsável por guiar este avião até ao “outro patamar de conhecimento”. Já eu, como “copiloto”, prestes a me tornar “piloto” assumiria o “comando” deste “voo” durante todo o seu “trajeto”, mas sempre sobre a supervisão do “Comandante”. Por sua vez, o “plano de voo” seria definido pela “torre de controlo”, pela orientadora da faculdade, que orientaria todo o trajeto até ao destino (outro patamar de conhecimento). De modo consequente, toda a aeronave seria influenciada pelos “instrumentos de voo” que forneceriam a informação necessária para que este voo fosse feito em segurança (secretaria, direção geral, direção pedagógica, entre outros.), tema desenvolvido já no Relatório de Estágio.

Segue em anexo um quadro resumo sobre a informação da viagem (Quadro 1.).

Quadro 1. Mapa Internacional de Voo.

Código IATA: UP		Código ICAO: FADEUP	
Torre de Controlo: Professora Orientadora da Faculdade			
Aeronave - Avião			
Tipo: APEL		Código de Voo: Uma Escola de Gente Feliz	
Nº de Voo: VP 217 - Viver com Desporto é Viver com Saúde			
Plano de Voo			
Partida: Funchal, Madeira		Destino: Conhecimento, Outro Patamar	
Embarque: 07:50, 21 / 09 / 12		Partida: 08:00, 21 / 09 / 12	
Duração Prevista de Voo: 9 Meses		Escalas Previstas: 2	
Exploradores			
Piloto: Professor Cooperante		Copiloto: Prof. Vítor Pereira	
Lugares / Lista de Passageiros			
1A: Bart. de Gusmão	1B: Leonardo da Vinci	1C: Ada Leda Rogato	
2A: Santos Dumont	2B: Charles Lindbergh	2C: George Cayley	
3A: Otto Lilienthal	3B: Orville Wright	3C: Clément Ader	
4A: Amelia Earhart	4B: Amy Johnson	4C: Percy Pilcher	
5A: Wilbur Wright	5B: Henry Farman	5C: Gago Coutinho	
6A: Evelyn Johnson	6B: Samuel Langley		

Observação: A “História da Aviação” está repleta de algumas personagens (Quadro1. Mapa Internacional de Voo. Lugares / Lista de Passageiros) que possibilitaram a travessia de oceanos e a descoberta de novos limites da existência humana. Ao logo da apresentação dos “passageiros” serão referidos alguns marcos das suas bravuras.

Apesar de esta “viagem” ser um marco fundamental para a minha formação, foi para os alunos e com os alunos que este “voo” aconteceu. Por isso, o conhecimento deles (quer individualmente, quer em grupo) foi um passo fundamental que me permitiu aperfeiçoar a minha capacidade de ensinar ao longo do Estágio Profissional.

Desta forma, apresento de seguida cada um dos passageiros que compôs esta viagem, bem como o contributo de cada um para esta reta final da minha formação.

Quem ocupou o lugar “1A” desta “aeronave” foi o Bartolomeu de Gusmão (1685-1724), o inventor português. Este “passageiro”, cognominado o padre voador, nasceu na capitania de São Vicente (colónia portuguesa do Brasil) e ficou conhecido por ter inventado o primeiro aeróstato operacional (passarola). (Quadro 2.).

Quadro 2. Cartão de Embarque - Bartolomeu de Gusmão:

BOARDING PASS:				Associação Promotora de Ensino Livre		ESCOLA DA APEL	
	FLIGHT NO:	BOARDING TIME:	GATE:	SEAT:	CLASS:	SEAT:	APEL
	VP 217	07:50	C	1A	Y	1A	
	NAME: GUSMÃO / B MR		CLASS: Y		GUSMÃO / B MR		
	FROM: FUNCHAL / MAD		DATE: 21 SET		VP 217 21 SET		
	TO: CONHECIMENTO / OOP				FROM: FUNCHAL / MAD		
FADEUP - FACULDADE DE DESPORTO DA UNIVERSIDADE DO PORTO				TO: CONHECIMENTO / OOP			
ETKT 40472153919857-1				DEPARTURE TIME: 08:00			
SEQUENCE: NO: 1011				SEQUENCE: NO: 1011			
				ETKT 40472153919857-1			

Este “passageiro” gostava de educação física e as suas modalidades favoritas eram futebol, judo e voleibol. Por outro lado, dizia ter mais dificuldades na dança. Nos tempos livres Bartolomeu de Gusmão praticava desporto, Judo e disponha uma excelente condição física, algo que poderia ter sido muito útil para as aulas de EF. Porém, nas aulas raramente usufruiu dessa vantagem e ao longo dos testes de aptidão física, no meu entender, nunca expressou o seu verdadeiro potencial, ficando sempre pelo, digamos, “razoável”, acima da zona saudável de aptidão física (ZSAF).

Isso foi consequência do seu (mau) caracter, algo que sempre o prejudicou desde o início do ano letivo. Não foi por acaso que este “passageiro” foi o único indivíduo que causou algum embaraço perante a turma, digamos, alguma “precipitação” neste “voo”, sobretudo no início do ano letivo.

Recupero e adapto uma frase escrita numa reflexão referente às primeiras aulas e que retrata um pouco a imagem deste “passageiro”:

“Após não ter realizado a aula, Bartolomeu de Gusmão não entregou o Relatório de Aula pedido pelo Professor, o que demonstra algum mau caracter da sua parte, espero que este aluno não venha a causar problemas nas futuras aulas, pois o seu comportamento nesta aula não foi propriamente exemplar.”

(Diário de Bordo, 24 de Setembro de 2012)

Este aluno fez-me sentir professor estagiário, pois com ele passei, literalmente, por um processo de aprendizagem. Foi este “passageiro” que deu origem aos primeiros conselhos do meu “Comandante” o Professor Orientador, as quais se repercutiram-me nas primeiras reflexões.

“O Prof. Orientador alertou para estes casos, à que marcar uma posição desde início!” No entanto...

“Não entrar em confronto com os alunos, muito menos em frente da turma”; “Em casos de falta de respeito chamar o aluno em questão à parte e comunicar diretamente o sucedido, preferencialmente questionando-o”; “Entrar em discussão com o aluno deverá ser uma última opção”; “Ter muito cuidado com a linguagem que se utiliza quando se conversa com um aluno”.

(Diário de Bordo, 25 de Setembro de 2012)

Foram informações relevantes que, desde o início, moldaram a minha forma de ser professor (na aula), sobretudo no que concerne ao saber lidar com este tipo de situações. Isto foi importante nesta fase minha transformação “Estudante → Professor” porque a boa relação com a turma passou a assumir-se como um dos meus principais objetivos desta fase inicial da formação.

O “passageiro” que ocupou o lugar “1B” foi indiscutivelmente o meu melhor aprendiz, Leonardo da Vinci (1452-1519), pela qualidade de aluno e pessoa que ao longo do ano letivo demonstrou ser.

No que se refere à aviação, Leonardo da Vinci foi definitivamente uma pessoa que concebeu ideias muito à frente de seu tempo e, muito provavelmente, foi a primeira pessoa que se dedicou seriamente em projetar uma máquina capaz de voar carregando um ser humano. (Quadro 3).

Quadro 3. Cartão de Embarque - Leonardo da Vinci:

BOARDING PASS:				Associação Promotora de Ensino Livre		APEL	
	FLIGHT NO:	BOARDING TIME:	GATE:	SEAT:	CLASS:	SEAT:	
	VP 217	07:50	C	1B	Y	1B	
	NAME: VINCI / L MR			CLASS: Y		VINCI / L MR	
	FROM: FUNCHAL / MAD					VP 217 21 SET	
	TO: CONHECIMENTO / OOP			DATE: 21 SET		FROM: FUNCHAL / MAD	
FADEUP - FACULDADE DE DESPORTO DA UNIVERSIDADE DO PORTO						TO: CONHECIMENTO / OOP	
ETKT 40472153919864-2				SEQUENCE: NO: 0203		DEPARTURE TIME: 08:00	
						SEQUENCE: NO: 0203	
						ETKT 40472153919864-2	

Retratando a sua imagem como “passageiro” desde voo, Leonardo da Vinci sempre apresentou-se como um “desportista”, defendendo ideológicas como “exercício físico faz muito bem à saúde”.

Entre as suas modalidades favoritas, destacam-se a modalidade de ténis de mesa que praticava regularmente, juntamente com as modalidades de voleibol e futebol. Nas modalidades menos favoritas, Leonardo da Vinci refere a dança e ginástica. A sua condição física era ótima mas a sua dedicação às tarefas propostas foi ainda melhor, sendo que obteve bons resultados nos testes de aptidão física, bem acima da ZSAF. Juntando ambas as qualidades (sociais e físicas), Leonardo da Vinci possuía tudo o que era necessário para ser um excelente aluno.

Durante as aulas foi uma pessoa inteligente, atlética, simpática, mas acima de tudo, socialmente aceite pela turma. Com este último contributo “projetando-o” a meu favor, apreendi que os alunos também são agentes de ensino que auxiliam o professor na sua tarefa de ensinar. Senão vejamos:

“O objetivo será juntar a Amy Johnson (Quadro 12.) com alguém sociável e que consiga, ao mesmo tempo, motivá-la para a aula (ex. Leonardo da Vinci) na vez que ser eu, mais uma vez, a ter essa tarefa.”

(Diário de Bordo, 1 de Fevereiro de 2013)

Neste contexto, reconheço um contributo muito importante deste aluno para a minha formação como professor: Como ele compreendi que um aluno pode ser uma via viável de aprendizagem para os outros alunos, ou seja, uma “ferramenta” direta de ensino.

No último lugar da primeira fila (1C) estive Ada Leda Rogato (1910-1986), uma pioneira da aviação no Brasil. Conhecida por ser a primeira mulher a obter licença como para-quedista, a primeira piloto a voar um planador e a terceira a se *brevetar*, ou seja, a diplomar-se em curso de aviação. (Quadro 4.).

Quadro 4. Cartão de Embarque - Ada Leda Rogato:

BOARDING PASS:				Associação Promotora de Ensino Livre	
	FLIGHT NO:	BOARDING TIME:	GATE:	SEAT:	
	VP 217	07:50	C	1C	
	NAME: ROGATO / A MISS		CLASS: Y		
	FROM: FUNCHAL / MAD		DATE: 21 SET		
	TO: CONHECIMENTO / OOP				
FADEUP - FACULDADE DE DESPORTO DA UNIVERSIDADE DO PORTO					
ETKT 40472153919872-3				SEQUENCE: NO: 2006	

APEL	
CLASS:	SEAT:
Y	1C
ROGATO / A MISS	
VP 217	21 SET
FROM: FUNCHAL / MAD	
TO: CONHECIMENTO / OOP	
DEPARTURE TIME: 08:00	
SEQUENCE: NO: 2006	
ETKT 40472153919872-3	

A nível desportivo dizia gostar de educação física, sendo as suas modalidades favoritas badminton, futebol e voleibol. Pelo contrário, ginástica, atletismo e judo eram as que menos apreciava. A aluna não praticava qualquer atividade desportiva.

A nível da aptidão física esta aluna mostrou-se estar num nível “razoável”, atingindo o “limiar” da ZSAF, nível esse que manteve ao longo do ano, ou seja, sem evoluções nem regressões consideráveis. No entanto, foi a partir da sua experiência pessoal de vida que a “sua” lição chegou até mim.

Esta aluna tem um caso muito particular de vida, o de ser adotada. A convivência com ela alertou-me para a necessidade de estar muito atento às palavras que utilizo, pois uma má escolha de palavras, nomeadamente associadas com afetividade, podiam gerar momentos embaraçosos, colocando em causa a relação pedagógica, neste caso com esta aluna em questão. Reporto a este acontecimento porque apenas soube deste facto (ser adotada) a meio do ano letivo, ou seja, houve possibilidade de acontecer essa ocorrência, o que me deixou surpreso, pois julgo que a escola devia ter-me informado desse facto mais cedo.

Após saber dessa particularidade, “automaticamente” passei a ser um professor diferente para a aluna, sobretudo ao nível da afetividade. Segundo Leite (2001), a afetividade está presente em todas as decisões assumidas pelo professor em sala de aula, produzindo continuamente impactos positivos ou negativos na subjetividade dos alunos. Trata-se, pois, de um fator fundante nas relações que se estabelecem entre os alunos e os conteúdos escolares. Ou seja, o facto de passar a conhecer melhor a aluna aumentou a nossa relação pedagógica, melhorando a qualidade de ensino em todos os aspetos (transmissão, feedbacks, etc.).

Quem ocupou o primeiro lugar da segunda fila (2ª) desta “aeronave” foi Alberto Santos Dumont (1873-1932), um aeronauta, desportista e inventor brasileiro. Santos Dumont tornou-se uma das pessoas mais famosas do mundo ao contornar um dirigível construído por si em torno da Torre *Eiffel* em 1991. (Quadro 5).

Quadro 5. Cartão de Embarque - Santos Dumont:

BOARDING PASS:				Associação Promotora de Ensino Livre		APEL	
	FLIGHT NO:	BOARDING TIME:	GATE:	SEAT:	CLASS:	SEAT:	
	VP 217	07:50	C	2A	Y	2A	
	NAME: DUMONT / S MR		CLASS: Y		DUMONT / S MR		
	FROM: FUNCHAL / MAD		DATE: 21 SET		VP 217 21 SET		
	TO: CONHECIMENTO / OOP				FROM: FUNCHAL / MAD		
FADEUP - FACULDADE DE DESPORTO DA UNIVERSIDADE DO PORTO				DEPARTURE TIME: 08:00			
ETKT 40472153919887-6				SEQUENCE: NO: 0609		ETKT 40472153919887-6	

Este “passageiro” define que a educação física é “*algo saudável*”, e que pessoalmente “*gosta de praticar desporto*”. As modalidades que lhe dão mais prazer fazer são atletismo, basquetebol e andebol. Pelo contrário, ginástica e dança são as que menos aprecia. O Santos Dumont não pratica desporto regularmente. Porém, o seu nível de aptidão física é “bom”, acima da ZSAF, sendo uma pessoa que lida bem com tarefa quando motivado pelo próprio gosto e prazer.

Nas aulas de Educação Física, Santos Dumont, fez-me entender que todos os alunos são diferentes, ou seja, cada caso é um caso. Ele teve uma educação muito particular e julgo que isso lhe tenha moldado uma personalidade impetuosa. Isso refletiu-se nas aulas de Educação Física, sobretudo nos exercícios em que o aluno não gostava, uma vez que simplesmente recusava-se a fazer. Ora, esse tipo de personalidade pouco ou nada tem a ver comigo, e isso poderia ter sido uma dificuldade acrescida (falta de compatibilidade com o aluno).

Analisemos que excerto:

“O aluno recusa-se a fazer os exercícios propostos, seja o que for, e quando reforço e afirmo que ele tem de fazer mesmo que não goste, simplesmente ele fá-los mal. Hoje mandei-o sentar pois estava a destabilizar o resto do grupo, mas sei que isto não é solução para o futuro.”

(Diário de Bordo, 19 de Abril de 2013)

Não obstante da dificuldade, nunca olhei para este caso como desmotivação pessoal e formativa, bem pelo contrário, considerei-o um elemento que me permitiria aprender e ser melhor professor.

Santos Dumont “obrigou-me” a construir um plano de aula como base na sua forte personalidade indo depois para os objetivos centrais da matéria. Digamos que a minha primeira missão dessa aula foi aumentar a sua motivação.

Por fim, senti que consegui e foi no final dessa aula que a recompensa chegou e que encontrei a magia de se ser Professor, como ilustra este excerto.

“A solução que propus foi realizar um “Jogo de Basebol” antes da Didática de Basquetebol, desta forma preencheria a aula de forma mais diversificada e divertida. Para não variar, o Santos Dumont chegou tarde mas desta vez, por consequência ou não das aulas anteriores, não iria fazer a aula. Aproveitei a fase inicial, a mais calma da aula, para falar com ele e dizer-lhe que hoje tinha feito uma aula a pensar “exclusivamente” nele. Para minha surpresa, o aluno afinal tinha o equipamento consigo. Ele, simplesmente não quis fazer aula, mas após esta conversa acabei por convencê-lo.

Nunca tinha feito esta atividade de basebol e adianto que foi o Professor Nicolau Garcia⁹ me ensinou e ajudou a melhor compreender as suas regras. De qualquer forma tinha comigo o Professor Cooperante para o caso de necessitar da sua ajuda, sendo este um último recurso.

*Bem, o importante será dizer que a atividade correu muito bem e que no fim da aula o Santos Dumont disse: “**Obrigado Professor!**”. E eu, de forma propositada perguntei então: “**E porquê Santos?**”. Santos Dumont: “**Por me ter convencido a fazer a aula.**”*

É esta a minha alegria de ser professor, para isto vale lutar!”

(Diário de Bordo, 26 de Abril de 2013)

Foi uma sensação de prazer e alegria que definitivamente marcou o início da minha carreira como docente e que agora faz-me ter saudades desses momentos gratificantes no processo ensino-aprendizagem como aluno e professor.

⁹ Nome fictício

O passageiro que ocupa o lugar “2B” foi Charles Lindbergh (1902-1974), o primeiro indivíduo a realizar um voo sozinho sem escalas sobre o Atlântico Norte entre os EUA e França (1927). Para cumprir a proeza utilizou uma aeronave com o seu nome, *Lindbergh*, mundialmente conhecido por “*The Spirit of Saint Louis*”. No ano em que cumpriu o voo foi a primeira pessoa a ser escolhida como a “Pessoa do Ano” pela Revista “*Time*””. (Quadro 6.).

Quadro 6. Cartão de Embarque - Charles Lindbergh:

BOARDING PASS:				Associação Promotora de Ensino Livre		APEL	
	FLIGHT NO:	BOARDING TIME:	GATE:	SEAT:	CLASS:	SEAT:	
	VP 217	07:50	C	2B	Y	2B	
	NAME: LINDBERGH / C MR				CLASS: Y	LINDBERGH / C MR	
	FROM: FUNCHAL / MAD					VP 217 21 SET	
	TO: CONHECIMENTO / OOP				DATE: 21 SET	FROM: FUNCHAL / MAD	
FADEUP - FACULDADE DE DESPORTO DA UNIVERSIDADE DO PORTO					TO: CONHECIMENTO / OOP		
ETKT 40472153919900-7					DEPARTURE TIME: 08:00		
				SEQUENCE: NO: 0310	SEQUENCE: NO: 0310		
					ETKT 40472153919900-7		

As modalidades favoritas de Charles Lindbergh foram futebol, atletismo e *badminton*. Este “passageiro” tem a particularidade de não desgostar de nenhuma modalidade. O aluno praticou futebol e o seu nível de aptidão física (acima da ZSAF) em conjugação eram excelentes, o que fez com que este aluno fosse um dos melhores desta sua turma.

Ao longo do ano, Charles Lindbergh mostrou-me que diferentes matérias despertam diferentes valores nos alunos. Foi uma derradeira lição. Aprendi que não posso catalogar um aluno em função de uma única modalidade, ou seja, um aluno de dezoito valores na modalidade de voleibol poderá “valer” doze valores na modalidade de natação. Esta constatação fez-me passar a valorizar a avaliação contínua, pois neste contexto este parece ser um método de avaliação final justo. Baseado em Ander-Egg (1997), Ferreira e Santos (2000), a avaliação contínua situa cada aluno no currículo e favorece uma deteção precoce das dificuldades ou das potencialidades de cada um, permitindo um ensino mais individualizado.

O “passageiro” a ocupar o último lugar da segunda fila (2C) foi Sir George Cayley, (1777-1857), um engenheiro inglês, pioneiro da aeronáutica. O seu trabalho mais conhecido são os aparelhos voadores (ex. Planadores). (Quadro 7.).

Quadro 7. Cartão de Embarque - George Cayley:

BOARDING PASS:				Associação Promotora de Ensino Livre		APEL	
	FLIGHT NO:	BOARDING TIME:	GATE:	SEAT:	CLASS:	SEAT:	
	VP 217	07:50	C	2C	Y	2C	
	NAME: CAYLEY / G MR				CLASS: Y		
	FROM: FUNCHAL / MAD				FROM: FUNCHAL / MAD		
	TO: CONHECIMENTO / OOP				TO: CONHECIMENTO / OOP		
FADEUP - FACULDADE DE DESPORTO DA UNIVERSIDADE DO PORTO				DEPARTURE TIME: 08:00			
ETKT 40472153919905-8				SEQUENCE: NO: 2102		SEQUENCE: NO: 2102	
				ETKT 40472153919905-8		ETKT 40472153919905-8	

Ao longo do ano, George Cayley defendeu a disciplina de Educação Física com ideologias como “faz bem à saúde fazer exercício físico e (EF) é uma disciplina predominantemente prática”.

As suas modalidades favoritas são o basquetebol, andebol e futebol, sendo que dança é a única que menos aprecia. Apesar de George Cayley não praticar desporto, este “passageiro” sempre demonstrou bons níveis de aptidão física, bem acima da ZSAF.

Porém, George Cayley, tal como o Charles Lindbergh, foi um “passageiro” que demonstrou diferentes valores ao longo do ano, mas diferenciou-se pelo facto de ao longo das aulas e dos períodos se revelar cada vez melhor.

Aconteceu que este aluno iniciou o ano letivo com uma avaliação de primeiro período menos positiva, o que, claramente, não correspondia aos seus objetivos. Porém, fui muito claro com todos os alunos quando disse:

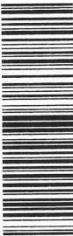
“Só dependem de vocês para alcançarem boas notas, pois se não as merecerem não as vão ter, sobretudo por respeito aos que realmente merecem!”

(Diário de Bordo, 4 de Janeiro de 2013)

Posso dizer que esta conversa resultou com este aluno, pois ele mostrou que a ambição em ser melhor e alcançar maiores objetivos também deve partir do interesse do aluno, não é só do professor. Ou seja, a minha missão ao longo do ano foi “garantir” o sucesso dos meus alunos na minha disciplina através de situações de aprendizagem contextualizadas. No entanto, o professor não pode dar tudo, o aluno também tem que mostrar que quer aprender, cumprindo na integra e se esforçando à procura desse “sucesso”.

O primeiro lugar da terceira fila (3A) foi destinado a Karl Otto Lilienthal (1848-1896), um engenheiro pioneiro da aviação ao ter publicado uma obra sobre o voo dos pássaros em 1889, sendo esta obra a base da aviação. Com base na sua formação construiu o seu primeiro planador em 1891 e desde então é conhecido como o "Pai do voo planado". (Quadro 8.).

Quadro 8. Cartão de Embarque - Otto Lilienthal:

BOARDING PASS:				Associação Promotora de Ensino Livre		ESCOLA DA APEL	
	FLIGHT NO:	BOARDING TIME:	GATE:	SEAT:	CLASS:	SEAT:	APEL
	VP 217	07:50	C	3A	Y	3A	
	NAME: LILIENTHAL / O MR				LILIENTHAL / O MR		
	FROM: FUNCHAL / MAD				FROM: FUNCHAL / MAD		
	TO: CONHECIMENTO / OOP				TO: CONHECIMENTO / OOP		
FADEUP - FACULDADE DE DESPORTO DA UNIVERSIDADE DO PORTO				DEPARTURE TIME: 08:00			
ETKT 40472153919916-9				SEQUENCE: NO: 2005		SEQUENCE: NO: 2005	
				ETKT 40472153919916-9		ETKT 40472153919916-9	

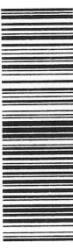
Para Otto Lilienthal, educação física é “*saudável para o corpo e para o bem-estar da mente*”. As modalidades favoritas deste “passageiro” relacionam-se com desportos de raquete (badminton e ténis de campo) enquanto a modalidade menos favorita é ginástica. O aluno não pratica desporto e a sua predisposição física e mental para as aulas foi pouca, por isso a sua dedicação à tarefa, ao longo do ano, foi fraca. Isso refletiu-se nos seus níveis de aptidão física, abaixo da ZSAF, não por falta de capacidade mas sim por falta de dedicação.

O Otto Lilienthal foi um “passageiro” especial porque me fez lembrar dos meus tempos de aluno do ensino secundário, nomeadamente no que se refere à personalidade e carácter. Tal como o Bartolomeu de Gusmão (Quadro 2.), Otto Lilienthal também assumiu comportamentos de difícil gestão. Porém, foi na forma como encontrei a solução para este problema que aprendi a ser melhor professor.

Foi a partir de um trabalho prático realizado no segundo período intitulado “o que a Universidade mudará na minha vida”, que descobri que este “passageiro” já tinha perdido outros “voos” e por consequência sentia imensas saudades da sua primeira turma. Ou seja, o Otto Lilienthal nunca se sentiu totalmente integrado nesta turma e isso refletia-se nas aulas de educação física, sobretudo aquando da formação de grupos. Esta foi uma das principais situações que me faz acreditar que conhecer o aluno é uma excelente ferramenta para se aperfeiçoarem as aprendizagens. Neste caso, a solução do problema esteve na forma como geri e organizei os exercícios, sendo que este pequeno ajuste foi o suficiente para aumentar a motivação do aluno, melhorando a sua participação e contributo para aulas de Educação Física.

Os Irmãos Wright, Orville Wright (1871-1948), passageiro “5A”, e Wilbur Wright (1867-1912), passageiro “3B”, são reconhecidos pela história da aviação por serem os inventores do primeiro aeroplano, denominado por “Flyer 1”. A 17 de Dezembro de 1903 cumpriram o primeiro voo de um aparelho motor controlado. Este voo teve a duração de 12 segundos e percorreu 36 metros. (Quadro 9.) e (Quadro 10.).

Quadro 9. Cartão de Embarque - Wilbur Wright:

BOARDING PASS:				Associação Promotora de Ensino Livre		APEL	
	FLIGHT NO:	BOARDING TIME:	GATE:	SEAT:	CLASS:	SEAT:	
	VP 217	07:50	C	5A	Y	5A	
	NAME: WRIGHT / W MR				CLASS: Y		
	FROM: FUNCHAL / MAD				FROM: FUNCHAL / MAD		
	TO: CONHECIMENTO / OOP				TO: CONHECIMENTO / OOP		
FADEUP - FACULDADE DE DESPORTO DA UNIVERSIDADE DO PORTO				DEPARTURE TIME: 08:00			
ETKT 40472153919972-15				SEQUENCE: NO: 2103		SEQUENCE: NO: 2103	
				ETKT 40472153919972-15		ETKT 40472153919972-15	

Quadro 10. Cartão de Embarque - Orville Wright:

BOARDING PASS:				Associação Promotora de Ensino Livre		APEL	
	FLIGHT NO:	BOARDING TIME:	GATE:	SEAT:	CLASS:	SEAT:	
	VP 217	07:50	C	3B	Y	3B	
	NAME: WRIGHT / O MR				CLASS: Y		
	FROM: FUNCHAL / MAD				FROM: FUNCHAL / MAD		
	TO: CONHECIMENTO / OOP				TO: CONHECIMENTO / OOP		
FADEUP - FACULDADE DE DESPORTO DA UNIVERSIDADE DO PORTO				DEPARTURE TIME: 08:00			
ETKT 40472153919920-10				SEQUENCE: NO: 0605		SEQUENCE: NO: 0605	
				ETKT 40472153919920-10		ETKT 40472153919920-10	

Entanto Orville Wright gosta de educação física por ser uma atividade “interessante”, já Wilbur Wright gosta por ser uma atividade “saúdável”.

Começando por Orville Wright, este aluno tem por modalidade favorita o futebol, andebol e basquetebol, sendo a menos favorita Ginástica. Por sua vez, Wilbur Wright, partilha dos mesmos gostos que o seu “irmão” e apenas apresenta como modalidade menos favorita a modalidade de Natação.

Apesar desta divergência inicial, ambos mostraram-me que apesar de não haver duas pessoas iguais, podem existir duas pessoas semelhantes.

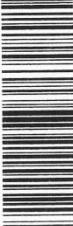
Estes alunos foram um caso prático desta situação, mas a lição que consegui recolher de ambos surgiu também pelo facto de revelaram um nível de habilidades motoras acima da média da turma e bem acima da ZSAF.

Com esta mais-valia aprendi a utilizá-los (ambos) como agentes de ensino, na componente da exemplificação de exercícios (em grupo), valorizando, os seus talentos. Todos ficávamos a ganhar. É claro que isto não foi regra para todas as aulas e para todos os exercícios, mas foi definitivamente um feliz acaso que resultou numa situação de aprendizagem mútua, para mim e para os restantes alunos da turma. Neste quadro, aprendi a utilizar as vantagens coletivas da turma em prol de todos os alunos.

Importante será ainda referir que Wilbur Wright praticava Judo e Orville Wright praticava futebol. Esta particularidade de Wilbur Wright (praticar Judo) foi tema de estudo e desenvolvimento do capítulo seis (a motivação dos alunos praticantes e não praticantes do ensino secundário para as aulas de educação física da Escola da APEL).

O “passageiro” do lugar “3C” foi Clément Ader, (1841-1925) um engenheiro francês, precursor da aviação, que se baseou em estudos sobre o voo dos pássaros para construiu os primeiros aeroplanos a motor (avião). Clément Ader foi o inventor do termo “*avion*” em 1890 (Quadro 10.).

Quadro 11. Cartão de Embarque - Clément Ader:

BOARDING PASS:				Associação Promotora de Ensino Livre		APEL	
	FLIGHT NO:	BOARDING TIME:	GATE:	SEAT:	CLASS:	SEAT:	
	VP 217	07:50	C	3C	Y	3C	
	NAME: ADER / C MR		CLASS: Y		ADER / C MR		
	FROM: FUNCHAL / MAD		DATE: 21 SET		VP 217 21 SET		
	TO: CONHECIMENTO / OOP				FROM: FUNCHAL / MAD		
FADEUP - FACULDADE DE DESPORTO DA UNIVERSIDADE DO PORTO				DEPARTURE TIME: 08:00		TO: CONHECIMENTO / OOP	
ETKT 40472153919934-11				SEQUENCE: NO: 2312		ETKT 40472153919934-11	

As suas modalidades favoritas são badmínton, basquetebol e andebol. Pelo contrário, voleibol, ginástica, dança e futebol são ditas por si como as menos favoritas. Refiro ainda que este aluno não pratica desporto.

Este “passageiro”, ao longo do ano, não apresentou grandes níveis de aptidão física, sendo que ficou um pouco acima da ZSAF. Da mesma forma, Clément Ader apresentou grandes dificuldades em todas as matérias. Talvez seja por isso que apresentou tantas modalidades (quatro) como “menos favoritas”, ou seja, da sua experiência deduzo que menos habilidades resultam num menor gosto.

Este aluno foi o único que não consegui criar um laço de afetividade significativo. Uma vez que nunca emergiu essa confiança, limitou a minha tal como a sua prestação nesta “viagem”. No meu entender, era necessário ter essa confiança para poder elevar as suas potencialidades e, da mesma forma, poder desenvolver ao máximo as suas situações de aprendizagem.

Apesar de ser uma situação particular, confesso que fui sendo um professor diferente e ao mesmo tempo melhor para aqueles alunos que queriam ser melhor aula após aula, julgo que seja natural. Mas este não foi o caso, foi a falta de experiência da minha parte, mas aprendi que como professor estes casos jamais poderão interferir no meu papel, à que ser profissional. Todavia, parece que existem habilidades que demoram mais tempo a se conquistar.

No primeiro lugar da quarta fila (4A) ficou Amelia Earhart (1897-1937), pioneira no mundo da aviação por ter sido a primeira mulher a voar sozinha sobre o oceano Atlântico (1932), estabelecendo a ligação entre os EUA e a Irlanda. (Quadro 11.).

Quadro 12. Cartão de Embarque - Amelia Earhart:

BOARDING PASS:				Associação Promotora de Ensino Livre		APEL	
	FLIGHT NO:	BOARDING TIME:	GATE:	SEAT:	CLASS:	SEAT:	
	VP 217	07:50	C	4A	Y	4A	
	NAME: EARHAR / A MISS		CLASS: Y		EARHAR / A MISS		
	FROM: FUNCHAL / MAD		DATE: 21 SET		VP 217 21 SET		
	TO: CONHECIMENTO / OOP				FROM: FUNCHAL / MAD		
FADEUP - FACULDADE DE DESPORTO DA UNIVERSIDADE DO PORTO				DEPARTURE TIME: 08:00		TO: CONHECIMENTO / OOP	
ETKT 40472153919944-12				SEQUENCE: NO: 2908		SEQUENCE: NO: 2908	
				ETKT 40472153919944-12		ETKT 40472153919944-12	

Esta “passageira” foi a única pessoa que desde o início do ano disse não gostar de educação física. As únicas disciplinas que diz gostar (mais ou menos) são os desportos de raquete (ex. badminton e ténis). A aluna não pratica desporto.

Amelia Earhart foi uma “passageira” que fez-me repensar sobre todo o processo de avaliação, nomeadamente o seu.

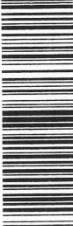
Apesar dos exercícios nem sempre serem iguais para ambos os sexos, no que se refere ao nível de exigência sempre tratei as raparigas como se de rapazes se tratassem o que, em parte, acabou por se refletir nas notas desta aluna. Porém, foi devido a este caso particular que comecei a reequacionar todo o processo de avaliação (geral): Serão os métodos de avaliação um processo justo?

A verdade é que com a Amelia entendi que o método de avaliação que estava utilizar não eram propriamente “justo”. Não eram porque sempre contextualizei as aprendizagens dos alunos, nomeadamente por níveis, e no fim acabava por “misturar” tudo no “mesmo saco” (mesmo processo de avaliação). Ou seja, estava a ensinar por vias diferentes e, no meu entender, mais adequadas ao aluno, mas no fim estava a avaliá-los exatamente pelo mesmo sistema.

Por outro lado, aprendi que existem fatores que estão aquém daquilo que um professor é capaz de fazer enquanto membro de uma comunidade educativa, o processo não é perfeito mas estamos a lutar para que seja, não posso nem devo tomar liberdade de atuar nesta matéria por conta própria só porque acho “injusto”.

No lugar “4B” ficou Amy Johnson (1903-1941), uma pioneira da aviação, destacando-se por ser uma das primeiras mulheres a pilotar um avião. Uma das suas maiores conquistas foi estabelecer ligação entre Inglaterra e Austrália em 1930, demorando 19 dias a cumprir esse objetivo. (Quadro 12.).

Quadro 13. Cartão de Embarque - Amy Johnson:

BOARDING PASS:				Associação Promotora de Ensino Livre		APEL	
	FLIGHT NO:	BOARDING TIME:	GATE:	SEAT:	CLASS:	SEAT:	
	VP 217	07:50	C	4B	Y	4B	
	NAME: JOHNSON / A MISS				CLASS: Y		
	FROM: FUNCHAL / MAD				FROM: FUNCHAL / MAD		
	TO: CONHECIMENTO / OOP				TO: CONHECIMENTO / OOP		
FADEUP - FACULDADE DE DESPORTO DA UNIVERSIDADE DO PORTO				DEPARTURE TIME: 08:00			
ETKT 40472153919952-13				SEQUENCE: NO: 2211		ETKT 40472153919952-13	

A “passageira” Amy Johnson sempre fez questão de dizer que gosta da disciplina de educação física pelo gosto que tem pelo exercício físico e porque as aulas de educação física são “agradáveis”. A sua modalidade favorita é a ginástica, modalidade pela qual pratica. As modalidades que a Amy Johnson menos aprecia são andebol, futebol e dança.

A Amy Johnson foi uma aluna extraordinária que me colocou derradeiras barreiras na minha construção como professor, sobretudo por ser uma brilhante aluna em todas as disciplinas menos na minha. Inicialmente este seu (bom) desempenho refletiu-se nas minhas aulas (primeiro período), mas com o passar do tempo esse desempenho foi desaparecendo, o que com o tempo e com o passar das aulas deixou-me cada vez mais preocupado.

“A Amy Johnson tem vindo a baixar o seu rendimento nas aulas de educação física, o que é preocupante, pois é boa aluna e não quero ser eu a prejudicar essa situação, ou seja, ser a única disciplina com uma classificação baixa. Já falei com a aluna em questão e coloquei-a a par da circunstância, a sua nota também depende dela, não é só de mim!”

(Diário de Bordo, 18 de Janeiro de 2013)

Além da minha disciplina ser a sua (disciplina) mais fraca, esta situação (ser pior com o passar do tempo) fez-me sentir, em parte, incompetente pois parecia que no primeiro período tinha uma aluna e que com o passar do tempo essa aluna foi perdendo as suas qualidades.

“A aluna Amy Johnson revela pouca motivação para a minha aula, mesmo quando faço exercícios com o propósito de a motivar tendo em conta as suas dificuldades na matéria. Mesmo durante a aula, quando verbalmente “puxo” pela aluna, ela pouco ou nada reage. Chega a ser, por vezes, uma situação desesperante para mim.”

(Diário de Bordo, 1 de Fevereiro de 2013)

Nesta situação percebi que tinha que ser eu a assumir a responsabilidade deste problema, culpar os alunos jamais irá resolver qualquer tipo de situação. A forma como “resolvi” foi recorrendo a um aluno, Leonardo da Vinci (Quadro 3.), aproveitando sobretudo a sua posição social perante a turma para elevar os seus níveis de motivação, ou seja, o objetivo foi pô-los a trabalhar em grupo.

Porém, foi uma circunstância que não posso dizer que a resolvi por inteiro, pois no terceiro período, após ter expressado verbalmente à aluna a sua real situação, esta defendeu-se dizendo que a sua nota estava “segura”, pois estava fortemente influenciada pelas notas do 10º e 11º ano e dificilmente a sua classificação global (de secundário) iria aumentar ou baixar. Este foi o elemento que a fez apostar mais nas restantes disciplinas. Apesar de respeitar a decisão da aluna, procurei sempre o seu melhor, ou seja, nunca desisti.

O último lugar da quarta fila (4C) foi para Percy Pilcher Sinclair (1866-1899), um inventor britânico e aviador pioneiro que realizou voos planados semelhantes aos de Otto Lilienthal. (Quadro 13.).

Quadro 14. Cartão de Embarque - Percy Pilcher:

BOARDING PASS:				Associação Promotora de Ensino Livre		ESCOLA DA APEL	
	FLIGHT NO:	BOARDING TIME:	GATE:	SEAT:	CLASS:	SEAT:	APEL
	VP 217	07:50	C	4C	Y	4C	
	NAME: PILCHER / P MR		CLASS: Y		PILCHER / P MR		
	FROM: FUNCHAL / MAD		DATE: 21 SET		VP 217 21 SET		
	TO: CONHECIMENTO / OOP				FROM: FUNCHAL / MAD		
FADEUP - FACULDADE DE DESPORTO DA UNIVERSIDADE DO PORTO				DEPARTURE TIME: 08:00		TO: CONHECIMENTO / OOP	
ETKT 40472153919964-14				SEQUENCE: NO: 3004		SEQUENCE: NO: 3004	
				ETKT 40472153919964-14		ETKT 40472153919964-14	

Este “passageiro” tem por modalidades favoritas atletismo e o futebol, sendo que dança e ginástica são as duas modalidades que menos gosta. O aluno diz gostar de educação física por ser uma disciplina “agradável”. Apesar de não praticar desporto, este aluno encontra-se bem acima da ZSAF.

Julgo que a apresentação do “passageiro” Percy Pilcher completa definitivamente o “*Triângulos das Bermudas*” entre o Bartolomeu de Gusmão e o Otto Lilienthal, as minhas três maiores dificuldades relacionadas com as questões do mau comportamento.

“É claro que tenho problemas de gestão de aula e compreensão da matéria, mas lidar com este tipo de alunos parece ser um aspeto que compromete todos os processos de aprendizagem uma vez que me desconcentra completamente dos objetivos da aula.”

(Diário de Bordo, 9 de Outubro de 2012)

Na verdade, lidar com maus comportamentos prejudica, em muito, a qualidade de ensino. Porém, sempre estive consciente que em todas as escolas existem casos similares a estes, por isso todas as situações foram de aprendizagem, sobretudo para mim, um professor estagiário.

Este foi o aluno que despoletou a situação mais grave de todo o ano letivo que vivenciei relacionada com mau comportamento, pelo que merece destaque neste relatório de estágio.

“Hoje tive um episódio que marcou a aula. Pela primeira vez mandei um aluno para “fora” do meu espaço de aula.

O aluno em questão tem tido comportamentos desviantes nas últimas aulas e por consequência ou não desses comportamentos, apesar de não ter sido “propositadamente”, atirou uma bola de ténis à cara da aluna Amy Johnson. Confesso que na hora fiquei muito chateado e a minha primeira reação foi mandar o aluno sentar-se junto dos meus colegas de estágio e do Prof. Cooperante, que no momento estavam a realizar as observações. Posteriormente, durante a aula, refleti sobre o sucedido e percebi que havia outras soluções que, poderiam ser mais benéficas para este aluno específico. No entanto, mantive a minha postura e preocupei-me com os alunos que estavam a fazer a aula.”

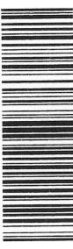
(Diário de Bordo, 8 de Março de 2013)

Uma vez que o aluno nunca mostrou interesse em mostrar arrependimento pelo sucedido, permaneceu até ao fim da aula junto dos meus colegas de estágio e do Professor Cooperante.

Até hoje considero que agi bem, pois tive em conta que este aluno é um jovem adulto de 19 anos e não podia ser tratado como um menino de 14 anos. Se ele não teve consciência que agiu mal, talvez o problema seja outro e bem maior. Em resultado desta situação, no decurso das restantes aulas, passei a ser mais exigente com este aluno, conduzindo-o ao sucesso. Deste modo, este poderia perceber que é bom fazer nas aulas de educação, mau é estar fora delas.

O “passageiro”, do lugar “5B” foi Henry Farman (1874-1958), um aviador inglês, posteriormente nacionalizado francês, considerado como um dos principais aviadores de seu tempo. Ele conquistou o “Grande Prêmio da Aviação” ao cumprir, em 1908, a meta de realizar um voo de um quilômetro em circuito fechado, ou seja, levantando e aterrando. (Quadro 15.).

Quadro 15. Cartão de Embarque - Henry Farman:

BOARDING PASS:				Associação Promotora de Ensino Livre		APEL	
	FLIGHT NO:	BOARDING TIME:	GATE:	SEAT:	CLASS:	SEAT:	
	VP 217	07:50	C	5B	Y	5B	
	NAME: FARMAN / H MR		CLASS: Y		FARMAN / H MR		
	FROM: FUNCHAL / MAD		DATE: 21 SET		VP 217 21 SET		
	TO: CONHECIMENTO / OOP				FROM: FUNCHAL / MAD		
FADEUP - FACULDADE DE DESPORTO DA UNIVERSIDADE DO PORTO				DEPARTURE TIME: 08:00			
ETKT 40472153919983-16				SEQUENCE: NO: 1605		SEQUENCE: NO: 1605	
				ETKT 40472153919983-16		ETKT 40472153919983-16	

Henry Farman, gosta de educação física por ser uma disciplina “agradável”. Este aluno, juntamente com Bartolomeu de Gusmão (Quadro 2.) e Wilbur Wright (Quadro 9.), corresponderam à particularidade do estudo desenvolvimento no capítulo seis deste relatório de estágio (projeto de investigação / motivação), uma vez que eles são todos alunos praticavam Judo.

As suas modalidades favoritas são futebol, andebol e badmínton, sendo que o basquetebol é que que menos gosta. Este aluno durante os testes de aptidão física mostrou estar na ZSAF.

Este “passageiro” foi um aluno que me fez refletir acerca os valores da minha disciplina enquanto unidade curricular da sua formação (assunto desenvolvido na conclusão deste relatório).

Aconteceu que num pequeno trabalho realizado dentro da sala de aula, questionei os meus alunos sobre os “Prós & Contras” da disciplina de EF, enquanto unidade curricular para a sua formação, e ter deixado de contar para a média dos alunos do ensino secundário. Ora, este aluno deu uma resposta que me deixou a pensar:

Prós: “Acho que faz sentido, pois para um economista, conhecimentos na área de Educação Física são praticamente inúteis. Isto vai resultar com que as pessoas que entrem na faculdade sejam mais competentes na sua área.”

(Trabalho Prático: “Prós e Contras” realizado a 21 de Setembro de 2012)

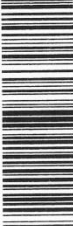
Um aluno que tem esta perceção não sabe o contributo que a educação física como disciplina tem para a sua formação. Isto só veio aumentar a minha responsabilidade enquanto seu professor, pois não podia deixar que esta mensagem permanecesse e/ou, porventura, se prolongasse aos restantes alunos da turma. É claro que não discordei totalmente do aluno, procurei sempre entender o seu ponto de vista, respeitando as suas opiniões. No entanto, ao longo do ano fiz perceber que o meu trabalho não se restringiu “apenas” em passar conhecimentos na área de Educação Física, além de sublinhar outros valores, nomeadamente do domínio sócio-afetivo, fiz entender que somos a única disciplina que trabalha o corpo com a mente. Por outro lado, sempre procurei realizar trabalhos práticos que envolvessem a sua preparação para o mundo universitário, isto é, que os fizesse pensar e, sobretudo, que os ensinasse a refletir sobre as suas opções, nomeadamente com o trabalho:

*“QUE VANTAGENS E DESVANTAGENS ESTÃO INERENTES AO
FACTO DE ESTUDAR FORA DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA”*

(Trabalho Prático do 2º período realizado a 18 de Fevereiro de 2013)

O ocupante do lugar “5C” foi Gago Coutinho (1869-1959) que, juntamente com o aviador Sacadura Cabral, no contexto das comemorações do centenário da Independência do Brasil, tornou-se um pioneiro da aviação ao efetuar a primeira travessia aérea do Atlântico Sul (1922,) no hidroavião Lusitânia. (Quadro 16.).

Quadro 16. Cartão de Embarque - Gago Coutinho:

BOARDING PASS:				Associação Promotora de Ensino Livre		APEL	
	FLIGHT NO:	BOARDING TIME:	GATE:	SEAT:	CLASS:	SEAT:	
	VP 217	07:50	C	5C	Y	5C	
	NAME: COUTINHO / G MR		CLASS: Y		COUTINHO / G MR		
	FROM: FUNCHAL / MAD		DATE: 21 SET		VP 217 21 SET		
	TO: CONHECIMENTO / OOP				FROM: FUNCHAL / MAD		
FADEUP - FACULDADE DE DESPORTO DA UNIVERSIDADE DO PORTO				DEPARTURE TIME: 08:00		TO: CONHECIMENTO / OOP	
ETKT 40472153919990-17				SEQUENCE: NO: 3012		SEQUENCE: NO: 3012	
				ETKT 40472153919990-17		ETKT 40472153919990-17	

O Gago Coutinho foi uma “passageiro” que eu recolhi de outro “voo” no início do ano e que já tinha a disciplina de EF feita. Apenas participava nas minhas aulas por razões relacionadas com a sua saúde.

Todavia, o Prof. Cooperante no início do ano letivo, logo após a sua aparição deste aluno, disse-me que não poderia permitir que este aluno participasse nas minhas aulas enquanto este não tivesse devidamente inscrito na disciplina e na turma. Isso acontece (não permitir) porque em caso de acidente a escola não se responsabilizava e o aluno sairia prejudicado.

Uma vez que o aluno queria muito participar na aula, pois para si não havia perigo algum, aprendi que não podemos confiar totalmente nos alunos, sobretudo no que se refere a situações burocráticas. Assim, importa confirmar todas as situações junto da secretaria para que não ocorram problemas maiores, tal como fiz.

A “passageira” que ocupou o primeiro lugar da sexta fila (6A) Evelyn Bryan Johnson (1909-2012), conhecida por “*Mama Bird*”, a piloto feminina com maior número de horas de voo em todo o mundo. (Quadro 17.).

Quadro 17. Cartão de Embarque - Evelyn Johnson:

BOARDING PASS:				Associação Promotora de Ensino Livre	
	FLIGHT NO:	BOARDING TIME:	GATE:	SEAT:	
	VP 217	07:50	C	6A	
	NAME: JOHNSON / E MRS		CLASS: Y		
	FROM: FUNCHAL / MAD		DATE: 21 SET		
	TO: CONHECIMENTO / OOP				
FADEUP - FACULDADE DE DESPORTO DA UNIVERSIDADE DO PORTO					
ETKT 40472153911000-18				SEQUENCE: NO: 0703	

APEL	
CLASS:	SEAT:
Y	6A
JOHNSON / E MRS	
VP 217	21 SET
FROM: FUNCHAL / MAD	
TO: CONHECIMENTO / OOP	
DEPARTURE TIME: 08:00	
SEQUENCE: NO: 0703	
ETKT 40472153911000-18	

Evelyn Johnson gosta da disciplina de educação física por ser “*uma aula prática*” como também por gostar de “*praticar desporto*”. Entre as suas modalidades favoritas destacam-se voleibol, andebol e badmínton. Pelo contrário, dança e basquetebol são as suas duas modalidades não favoritas. Apesar de não praticar nenhuma modalidade (não praticante) foi a aluna que tinha maior destreza motora, algo que se refletiu nos testes de aptidão física, acima da ZSAF.

Esta aluna foi certamente uma pessoa que a sua aparência e carácter rebelde inicialmente fez-me questionar sobre a sua personalidade e comportamento. Porém, não podia estar mais errado, pois ensinou-me uma lição sobre como ser líder

“É preferível um aluno me chamar por Vítor e me tratar com respeito do que um aluno me chamar por Professor e sem respeito.”

(Evelyn Bryan Johnson)

O último lugar desta “aeronave” (6B) foi para Samuel Langley (1834-1906). Langley foi um pioneiro da aviação ao interessar-se pela construção de aparelhos que pudessem voar. Ao longo da sua vida efetuou diversas tentativas usando aviões a que chamava “Aerodromes”. (Quadro 18).

Quadro 18. Cartão de Embarque - Samuel Pierpont Langley:

BOARDING PASS:				Associação Promotora de Ensino Livre		APEL	
	FLIGHT NO:	BOARDING TIME:	GATE:	SEAT:	CLASS:	SEAT:	
	VP 217	07:50	C	6B	Y	6B	
	NAME: LANGLEY / SP MR		CLASS: Y		LANGLEY / SP MR		
	FROM: FUNCHAL / MAD		DATE: 21 SET		VP 217 21 SET		
	TO: CONHECIMENTO / OOP				FROM: FUNCHAL / MAD		
FADEUP - FACULDADE DE DESPORTO DA UNIVERSIDADE DO PORTO						DEPARTURE TIME: 08:00	
ETKT 40472153911034-21				SEQUENCE: NO: 0108		SEQUENCE: NO: 0108	
						ETKT 40472153911034-21	

O “passageiro” Langley foi um aluno extraordinário e dotado de uma educação exemplar. O Samuel Langley marcou diferença por ser um aluno que procurou criar um laço de afetividade comigo, recorrendo às atividades extracurriculares e ao bom respeito para alcançar o almejado. A verdade é que conseguiu e isso fez-me entender que realizar atividades com os alunos fora do horário de aula, como é o exemplo da sala de musculação, é benéfico para os alunos, para a escola e para mim. Não é por acaso que Faria (2010) diz que é preciso construir uma relação com os alunos e entre eles de forma a criar um ambiente onde todos sejam respeitados em suas diferenças.

5.2. A PARTIDA

5.2.1. Palavras do Capitão: Fragilidades e Potencialidades.

Quadro c. Ponto de Situação - CHARLIE

Relatório de Inspeção: 3 Dia: 21 de Setembro de 2012 Hora: 06:30

Observação: Dia da “PARTIDA”.

O dia começou bem cedo, o momento que me ocupava o pensamento, estava prestes a acontecer! Mais precisamente, dentro de uma hora e meia; a “descolagem”, o meu primeiro momento! Neste tempo de espera pensei e refleti sobre as fragilidades e as potencialidades que iria transportar para este “voo”, que queria seguro, mas que sabia que também iria ser “atribulado”. Desta forma, destaco duas fragilidades e uma potencialidade.

Começando pelas fragilidades, a minha maior relaciona-se com a gaguez, ou seja, repetição involuntária, prolongamento ou bloqueio que interrompe o fluxo normal do discurso.

A forma que arranjei para reajustar a “rota” e contornar esta dificuldade foi através da melhoria da minha autoestima e do combate ao medo de falar com uma ou mais pessoas. Esta dificuldade fez-se sentir muito no início da “viagem”, sobretudo na primeira aula que foi realizada numa sala de aula, mas com o passar do tempo e dos “quilómetros” fui ganhando a confiança e confortabilidade necessária, que tomou o problema cada vez menos visível.

Outro fator importante que me ajudou a combater esta dificuldade foram os elogios que o professor Cooperante e os meus colegas de estágio fizeram sobre as minhas prestações. Este foi um passo extraordinário para aumentar a minha autoestima e consequentemente melhorar a minha gaguez.

Neste quadro, considereei que a boa comunicação era falar com naturalidade, aparência alegre e com uma confiança imbatível. A gaguez e o medo de falar em público, que começou assim, ao longo da “viagem”, foi perdendo força. Realço também o facto de ter estado sempre aberto aos conselhos dos meus professores e colegas, como também à análise dos vídeos que realizei das minhas aulas, que me

permitira deparar-me com a minha prestação, com as minhas “manobras”. Estes foram definitivamente um passo fundamental para a superação desta dificuldade. A lição que ficou, e que importa por enaltecer é que o entusiasmo é muito maior do que o medo e o conforto de permanecer na timidez.

A segunda fragilidade relacionou-se com a Escola, nomeadamente com a disponibilidade e qualidade das instalações desportivas, ou seja, um fator pouco dependente de mim. Porém, este foi um elemento que tive que contornar, para que não se transformasse num verdadeiro obstáculo.

Ao longo do ano letivo as instalações desportivas geraram impactos significativos sobre os meus alunos, pois foram também através das instalações que todo o ato de ensinar foi possível. Ou seja, os espaços e os materiais utilizados também foram uma peça fundamental no ato de ensinar.

Porém, diferentemente do que ocorre com a qualidade dos professores, julgo que não houve uma relação linear entre os dois, ou seja, a infraestrutura para além de ser um patamar básico (necessário) acho que não trouxe por si só grandes ganhos de aprendizagem aos meus alunos. Todavia, diversos estudos demonstram que o efeito de melhorias na infraestrutura pode ser substancial. Com efeito, com relativamente poucos recursos, podem-se tornar as salas de aula mais iluminadas e protegidas contra ruídos e garantir às escolas o acesso a serviços básicos de água, saneamento e eletricidade, com impacto significativo na saúde e no bem-estar dos alunos. No entanto, alguns estudos não conseguem especificar o peso que cada componente (energia, saneamento, mobiliário etc.) tem nesse impacto (ensino). Reporto a este facto por a escola possuía várias condicionantes (pavilhão não coberto, falta de espaço, entre outros). Isso condicionou o ato de ensino, sobretudo quando as condições climáticas não possibilitavam uma prática segura.

Assim, diante da realidade observada, aponte para a questão do espaço físico e das instalações como fatores que comprometeram de modo significativo o meu trabalho pedagógico. Porém, numa reflexão mais ampla identifiquei outros aspetos que também aportaram algumas condicionantes tais como, o valor social atribuído à disciplina, a atuação do professor, a organização administrativa da escola, entre outros.

No que se refere às potencialidades, apenas destaco uma: a tendência em ser perfeccionista. Se para a maioria dos casos esta característica se apresenta com uma clara fragilidade pessoal, neste contexto específico, de dar aulas, revelou ser uma potencialidade.

O facto de eu querer fazer tudo com perfeição realçou a qualidade da minha prática. Por conseguinte, por detrás de uma pessoa que procura a perfeição esconde-se uma pessoa nervosa e com medo excessivo de errar para não estragar a sua "boa imagem" perante aos outros. Da mesma forma, sempre acreditei que se não fizesse tudo certo, as pessoas não iriam gostar do meu trabalho, muito menos os meus alunos. Deste modo, sempre procurei dar aulas com a máxima qualidade possível e quando saía da aula com o sentimento de que a aula podia ter sido melhor, procurava rapidamente revolver a situação junto do meu "piloto", o Professor Cooperante.

Todavia e para concluir este ponto, reconheço que tenho o desejo de ser "génio" nas atividades a que me dedico, mas sei que tenho limitações e não posso fazer tudo, muito menos sozinho. Caso contrário, se acreditar que sou capaz de fazer tudo, posso acabar por me perder nas minhas próprias culpas e angústias, bem como na minha "rigidez" excessiva. Desta componente, coloco em evidência a forma como fui errando sem medo, olhando sempre para o "erro" como uma forma de aprendizagem.

5.2.2. Previsão de Voo:

Entre Expetativas e Realidade Encontrada

As expetativas profissionais que criei resultaram da imagem que a Escola da APEL me proporcionou, ou seja, das possibilidades de crescimento que expectei. Por outro lado, as minhas expectativas pessoais decorreram sobre o que eu sempre sonhei ser, um bom professor. Como é óbvio, apenas alcancei as minhas expetativas pessoais quando as profissionais foram bem-sucedidas, mas vamos por partes...

As minhas expetativas profissionais e pessoais percorreram diversas trajetórias desta "viagem", mas sempre em busca do sucesso profissional e pessoal. Isto, muitas vezes, causou-me satisfação, mas também constrangimentos, pelo que as minhas expetativas foram sendo, de certo modo, reajustadas no decurso desta "viagem". Ou seja, conforme fui ganhando "altitude" e aumentando a minha "carreira"

dentro desta instituição, fui adquirindo uma visão diferente, mas ao menos tempo mais realista perante todas as expectativas.

Mas centremo-nos nas expectativas iniciais (profissionais e pessoais), que foram seguir a “rota perfeita” para o meu desenvolvimento profissional, através de estudo, planeamento de aulas e consequente realização. Neste quadro de expectativas passo a apresentar as três principais expectativas para esta viagem:

1. APLICAR EXPERIÊNCIA

A minha primeira expectativa sublinha a forma como desejei integrar-me na comunidade educativa da escola da APEL, através de participações letivas, das atividades elaborada pela mesma (ex. seminários, atividades curriculares e extracurriculares, etc.), como também pelas atividades desenvolvidas e orientadas por mim e pelos meus colegas de estágio (ex. sala da musculação).

Para tal, utilizei as habilidades e o conhecimento que adquiri ao longo da licenciatura e no primeiro ano do 2º Ciclo em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário. Isso proporcionou valor ao que aprendi ao longo da formação como também mostrei à escola um valor de autoestima. Com estas mais-valias (formação e autoestima), julgo que consegui mostrar que aprecio as oportunidades que me têm sido dadas, tanto pela Faculdade de Desporto de Universidade do Porto como pela Escola da APEL. Julgo que consegui tirar o proveito de ambas e mostrei que quero crescer a partir desta nova posição, a de professor.

2. DESENVOLVER NOVAS HABILIDADES

Para alcançar esta expectativa tive que conhecer e compreender o que a Escola da APEL me podia oferecer e disponibilizar, desde as inúmeras oportunidades de aprendizagem (seminários de departamento, direção de turma, atividades curriculares e extracurriculares, etc.) às próprias instalações da instituição. Afinal de contas, as melhores relações estão na base do “dar e receber”, e quando um professor sabe o que a escola dispõe e pertente, estamos na “rota” certa para um relacionamento mutuamente benéfico. Um caso prático de como alcancei esta expectativa foi na criação da sala de musculação.

3. TRANSIÇÃO PARA O FUTURO

Todas as expectativas, experiências e esperanças expressas ao longo do ano letivo concorreram diretamente para o que meu desejo de ser professor. Porém, para alcançar o “sucesso” desta “missão”, esta transição teve que ser acompanhada por uma visão e uma disposição que aplicou-se em alcançá-la através de todo o estágio profissional. Ou seja, para alcançar as minhas expectativas tive que trabalhar para isso.

Agora, o objetivo é trabalhar na área de educação, mas estou consciente que esta transição para o futuro (professor) necessita sempre de mais um passo, ou seja, será uma conquista contínua que me permitirá ir construindo um melhor professor, pois o melhor professor de hoje não quer dizer que o seja amanhã, ou seja, os tempos mudam e novas formas de ser e ensinar são necessárias.

5.2.3. Descolagem: O Primeiro Momento

*“Bom dia senhoras e senhores passageiros.
Em nome do comante Cooperante,
sejam bem-vindos a bordo do voo
“Viver com Desporto é Viver com Saúde”
O nosso voo terá como destino
“o outro patamar do conhecimento”
e terá uma duração prevista de 9 meses”*

Vítor Pereira

Quadro d. Ponto de Situação - DELTA

Relatório de Inspeção: 4 Dia: 21 de Setembro de 2012 Hora: 08:00

Observação: A “PARTIDA”.

Este momento aconteceu dentro do “horário estipulado” na “porta de embarque” Nº 217. Este foi um número que marcou esta viagem (VP 217), pois foi o número da sala em que lecionei a minha primeira aula como Professor de Educação Física.

Para este momento foi necessário preparar-me afincadamente, pois só deste modo era possível extrair todas as vantagens inerentes à ocasião (ex. conhecer os alunos, passar uma boa imagem como professor, transmitir os pontos centrais de funcionamento das aulas, etc.). Esta preparação passou por uma organização cuidada junto dos meus colegas de estágio e do professor Cooperante.

Assim sendo, dividi, a aula em dois momentos: Um momento formal, em que se estabeleceram os primeiros contactos entre o Professor (eu) e os alunos, e se esclareceram diversos pontos relativos ao funcionamento das aulas, apresentação do aluno, etc. De seguida, teve lugar um momento dinâmico, em que se realizou um trabalho prático sobre Prós e Contras - “A Educação Física deverá contar para a média do Secundário?”. Este foi um momento que também serviu de descontração para a mim, pois ajudou-me a descontrair e a recolher informações sobre os alunos de uma maneira mais “subtil”.

Na continuidade da estruturação do ponto anterior, esta “descolagem” também foi acompanhada de fragilidades e potencialidades que fizeram desde primeiro momento uma experiência diferenciada das restantes.

Tabela 1. Fragilidades e Potencialidades (1º Momento):

Fragilidades	Potencialidades
Inexperiência	Equidade entre alunos
Nervosismo;	Organização
Dificuldade em estabelecer uma comunicação efetiva	Explicar os objetivos da disciplina
Impacto com uma possível realidade distinta (aluno → professor)	Explicação da linha de pensamento de forma coerente
Ansiedade	

Aproveito as palavras escritas naquela altura, espelham bem as minhas primeiras emoções como professor:

“Confesso que não estava muito nervoso neste dia, estava mais ansioso. Fui muito cedo para a escola para encontrar lugar para estacionar e, dessa forma, manter tudo sobre controlo - uma maneira pessoal que utilizo a fim de minimizar nervosismo. Subi à sala de aula por volta das 07:50 com o livro do ponto junto de mim. Foi uma sensação diferente, agradável, foi uma sensação de sucesso!”

(Diário de Bordo, 21 de Setembro de 2012)

Como referi anteriormente, no momento da “descolagem” tive algumas reações menos agradáveis, como ansiedade e medo. Posso também dizer estive um pouco tímido e com algumas dúvidas em relação ao meu real desempenho como professor. Porém, julgo que foi uma situação considerada normal pois aconteceu com todos os meus colegas de estágio.

Assim sendo, no momento da descolagem foram emergindo emoções que foram-se modificando com o ganhar dos primeiros “metros em altitude”, todavia, sublinho de seguida todos os passos que contribuíram para o objetivo da primeira aula, ou seja, abrir canais de comunicação recíproca, fomentar as relações interpessoais e conhecer outras e demais características.

1. ORGANIZAR E ESTRUTURAR

Como “Piloto”, tracei um “plano” de aula detalhado sobre o que iria fazer, em conteúdo e estrutura. É claro que existiram algumas situações não planeadas, mas estas foram todas ocasionais. O meu grande objetivo era manter tudo sobre controlo. Julgo que a improvisação é para os mais experientes no exercício da profissão de professor, que não era o meu caso. Para a aula necessitei de um plano estruturado e de um mapa mental, que me ajudasse a prevenir algumas das situações passíveis de acontecer (ficar muito nervoso, saltar informação, etc.).

Algo que também contribuiu para o sucesso deste primeiro momento foram as estratégias que adotei ao longo da aula; a maioria resultou de impulsos e de certo modo foram inconscientes, mas que contribuíram de forma efetiva para o sucesso desta “descolagem”. Mencione-se a título de exemplo, o facto de me dirigir sempre a um aluno específico e de forma direta quando queria comunicar. Estas foram situações que hoje, em retrospectiva, considero que foram fundamentais para o sucesso da “descolagem”.

2. UTILIZAR A MINHA EXPERIÊNCIA COMO ALUNO

O resgatar da experiência como aluno é outro elemento que considero que todos os professores estagiários deveriam recorrer, pois, pelo menos para mim, não existe nada mais verídico que a minha própria experiência como aluno, ou seja, lembrar-me de como gostava dos professores, como me relacionava com eles, o que sentia, o que me motivava, etc. Este foi definitivamente um bom exercício, ler a matéria e elaborar um mapa mental da situação através da minha experiência como aluno, ampliando as potencialidades e ocultando as fragilidades.

3. ASSEGURAR O RESPEITO DA TURMA

Retomo este tema, porquanto na fase inicial este ponto foi muito importante perceber, pela observação e pela sensação, que os alunos sabiam que eu era o professor.

Porém, logo na primeira aula, alguns alunos testaram os meus limites, nomeadamente pelo facto de terem usado o telemóvel dentro da aula de aula. Apesar da minha não experiência em lidar com este tipo de situações, sabia que se

nada fizesse estaria a abrir caminho para que situações similares voltassem a suceder. Por outro lado, era minha preocupação de dar uma imagem de “bom professor”, pelo que era importante manter relacionamento bom e amigável com os alunos, para que o cumprimento do plano traçado - assegurar o respeito da turma - pudesse ser alcançado. Com este intuito, optei por guardar discretamente o telemóvel do aluno e assim não colocar em causa o meu objetivo inicial que foi construir um bom relacionamento com a turma e com cada um dos alunos.

Numa análise geral, realço que foi importante ter consciência que o primeiro momento ia acontecer e que era preciso estar devidamente preparado. Em resultado desta tomada de consciência aumentei a vontade e a motivação de procurar fazer bem. Este mote foi suficiente para mobilizar os meus recursos e capacidades. O restante foi aprender com a experiência, mesmo com aquilo que correu menos bem. Gostei imenso daquele “primeiro momento”; jamais o esquecerei! O experienciado encontra eco nas palavras de Thomas Jefferson:

“Eu acredito demais na sorte. E tenho constatado que, quanto mais duro eu trabalho, mais sorte eu tenho”

(Thomas Jefferson)

5.2.4. Ganhar Altitude: Uma Aprendizagem Constante

Quadro e. Ponto de Situação - ECHO

Relatório de Voo: 1

Dia: 22 de Novembro de 2012

Hora: 22:42

Observação: Em busca da “ALTITUDE CRUZEIRO “

A riqueza desta experiência de ensino só foi possível pela busca constante de aprender cada dia mais.

Porém, este processo de crescimento só foi possível pelo facto de ter assumido os meus defeitos e virtudes. De facto, só assim é que as aprendizagens ganharam sentido e consequentemente significado, contribuindo para o meu crescimento pessoal e profissional. Vejamos o registo efetuado a 9 de novembro:

“Existe a urgência de sermos nós mesmos durante as aulas. Seguir um modelo que não somos é prejudicial para a nossa própria formação. Além disso, dificulta a construção da nossa própria identidade como professor.”

(Diário de Bordo, 9 de Novembro de 2012)

No entanto, na fase inicial da minha transformação este foi um erro constante e confortável, digamos, um porto de abrigo. Porém, não demorou muito tempo até perceber que o medo de assumir a minha própria identidade manipulava e limitava os meus talentos. Só depois de corrigir esse problema é que fui capaz de aperfeiçoar o meu desenvolvimento profissional. O facto de “adotar” as características de “outro-alguém” apenas libertou uma espontânea “personagem” que não era a minha. Assim, hoje posso dizer que assumir as minhas próprias características como professor, que nunca foram demais. Esta opção libertou-me e permitiu-me prosperar, alargando as possibilidades de crescimento.

Isso possibilitou-me evoluir no sentido certo, tornou as aprendizagens verídicas e adequadas à minha própria imagem como professor. Neste contexto, surgiu um renovado entendimento acerca do que é ser professor: Ser professor é estar constantemente em aprendizagem, construindo e atualizando conhecimentos.

Um dos primeiros momentos de impacto como professor foi descobrir que não é fácil exercer esta profissão; confesso que as dificuldades e os desafios que enfrentei por vezes deixaram-me um pouco desmotivado, sobretudo pela complexidade do cargo. Mas independentemente destes constrangimentos, orgulhei-me da função e desempenhei o meu papel de mediador de conhecimento de forma oportuna, afinal de contas, estava a concretizar um sonho.

Após esta vivência ao longo deste ano compreendo que algumas dificuldades que enfrentei foram determinantes para entender que ser professor é uma aprendizagem constante. Um exemplo concreto desta perceção materializou-se na elaboração dos planos de aulas e determinação de objetivos (anexo). Nos excertos a seguir apresentados refletem bem esta perceção:

“Não tenho tido dificuldades em elaborar os planos de aulas mas começo a aperceber-me de alguns erros, tal como nos OBJETIVOS DE AULA (alguns exemplos: avaliar a flexibilidade, força, resistência da zona abdominal e da cintura escapular; calcular peso e altura; familiarização com as máquinas de musculação, etc.). Hoje considero que isto não é um objetivo, é mais um sumário! Ou seja, o objetivo seria os alunos perceberem que todos os exercícios concorreram de forma integrar para os objetivos centrais da aula (ex. a inspiração e a expiração com os movimentos nas máquinas de musculação; aprenderem a postura correta a adotar em cada máquina, etc.). Este pormenor é algo que terei de melhorar nos próximos planos de aula.”

(Diário de Bordo, 7 de Dezembro de 2012)

Apesar da consciência do erro ter sido alcançada desde o início do ano letivo, a sua resolução não foi linear e completa. De facto, foram necessárias várias modalidades e muitas definições de objetivos para que houvesse melhorias neste aspeto. Hoje estou consciente que ainda posso e devo melhorar (aprendizagem constante). Porém, julgo que aprendi o essencial.

Na minha perspetiva, a definição de um objetivo (plano de aula com o foco no aluno) só passou a fazer sentido quando percebi que o que pretendia era alcançar uma mudança significativa no comportamento do aluno. Todavia, foi na especificidade dos objetivos, nomeadamente dos objetivos centrais, que a dificuldade foi mais notória: *“Qual o maior erro do aluno vs. Objetivos do programa?”*

Para mim o truque sempre esteve em compreender de que forma é que os “pequenos” critérios de sucesso e comportamentais iriam ajudar, orientar e desenvolver o processo mental do aluno, conduzindo-o, de forma consciente, ao objetivo central e consequentemente, ao sucesso na aprendizagem da matéria.

5.3. ALTITUDE DE CRUZEIRO

5.3.1. As Escalas

5.3.1.1. Inspeção de Voo: Processo de Avaliação

Quadro f. Ponto de Situação - FOXTROT

Relatório de Voo: 2

Dia: 20 de Dezembro de 2012

Hora: 13:27

Observação: 1ª Escala – AVALIAÇÃO VS CLASSIFICAÇÃO

“No fim do período tive, literalmente, a sensação de poder e de responsabilidade na mão. O facto de poder classificar os alunos e de estes dependerem de mim para prosseguir a sua formação deu-me esse tipo de sensação. Confesso que gostei, considero que dá valor à nossa profissão.”

(Relatório Final do 1º Período, 19 de Dezembro de 2012)

Do ponto de visto pessoal, este é um tema relevante, pois apesar do processo de avaliação se destinar ao aluno não deixou de ser uma ótima ferramenta de avaliação sobre a minha prestação e qualidade como professor. Por outro lado, apercebo-me de um conceito que tem vindo a ganhar um valor próprio: “justiça”, o *que ser justo? Será que fui justo no processo de avaliação?*

Ao longo destas duas “escalas” que realizei no decorrer desta “viagem” apercebi-me de alguns elementos que me fizeram questionar sobre os resultados das avaliações. Foram fatores, do meu ponto de vista, pertinentes por serem muito significativos para a formação dos meus alunos. De facto, eles necessitaram da classificação de EF (atribuída por mim) para progredirem no seu percurso académico, pelo que eu não podia “falhar”.

O primeiro elemento que importa expor reporta-se à forma como determinada avaliação, positiva ou negativa, influência as restantes componentes de avaliação, nomeadamente os critérios de avaliação do domínio das habilidades motoras (técnica e tática - dependendo da modalidade), no domínio sócio afetivo (empenho, cooperação, entre outros). No meu entender, o erro esteve em “universalizar” alguns resultados e transferi-los, embora de forma inconsciente, a outros domínios, ou seja, um aluno com poucas habilidades motoras numa modalidade poderia ser direta

causa da falta de empenho, o que nem sempre é assim. A forma como contornei esta questão, foi procurar entender o aluno como indivíduo, ou seja, diferentes valores resultam em diferentes resultados. Além disso, esta questão defeito quando conjugada com o erro da “primeira impressão” duplica-se porque decalca um problema que se faz sentir horizontalmente (vários domínios) para a vertical (vários períodos), ou seja, por exemplo a imagem de tinha acerca de um aluno no 1º período transporta-se para o 2º período e como consequência a minha opinião sobre o aluno pouco se altera. Hoje sei que os alunos mudam e merecem obter crédito pelo seu desenvolvimento, afinal de contas, esse sempre foi o meu objetivo.

Outro fator que também me influenciou bastante foram as classificações que os restantes professores, incluindo dos estagiários, atribuíram aos seus alunos. Ou seja, por influência indireta, apercebo-me que atribui notas mais altas para não prejudicar os meus alunos, isto em comparação com outros alunos de outras turmas. Porém, acho que é normal e neste contexto específico suponho que até tenha sido mais “justo”.

O penúltimo fator divide-se em duas causas divergentes: a fadiga do processo de avaliação, conjugado com a interpretação e distorção dos resultados, que estiveram intimamente ligados. Suponho que isso tenha acontecido porque os critérios não estavam bem definidos, além disso, para quem não está habituado, o processo de avaliação é muito exaustivo, provocando, por vezes, alguma divergência de resultados em consequência da fadiga.

Por fim, outro aspeto de que me apercebi no terceiro período foi a influência direta das avaliações mais recentes. Ou seja, um aluno que tenha tido más classificações no primeiro período e boas classificações no terceiro, na realização da avaliação final, acabei por sobrevalorizei a ultima avaliação.

Agora, mais à distância, confesso que percecionei alguma pressão da direção de escola sobre os professores no que se refere à atribuição de classificações e no fundo que percebo a origem da sua razão.

Apesar de a Escola da APEL ser uma cooperativa, a verdade é que não deixa de ser uma escola privada, e o estigma de que numa escola privada só estão os melhores alunos parece existir, pelo menos nesta escola. *Mas um bom aluno é aquele que é mais capaz e está melhor preparado ou é aquele que tem melhores classificações?* Na Madeira, de um modo geral, parece que um aluno que tem boas

notas é aquele que está melhor preparado, por isso, não me surpreende que a escola tenha uma especial atenção relativamente à avaliação. Segundo o meu orientador de estágio, a pressão sobre o processo de avaliação iria subir com o passar das avaliações periódicas, porém, não senti isso. De facto, durante todo o ano fui muito claro com os alunos em relação às classificações, pelo que quando cheguei ao terceiro, e último período, os alunos estavam totalmente conscientes da sua situação, não aportando qualquer tipo de constrangimento à minha missão avaliativa.

Para terminar, reporto-me à avaliação do domínio cognitivo, nomeadamente na forma como produzi e encarei os trabalhos práticos. Ao longo do ano letivo propus dois trabalhos práticos, sendo um dos objetivos foi fazer com que os alunos conseguissem atribuir significado à sua elaboração. Assim sendo, a melhor forma que encontrei para alcançar este objetivo foi realizar trabalhos de forma mais pessoal, de modo a conseguir com que o aluno entendesse a função das tarefas e compreendesse a sua importância para a sua formação.

No primeiro trabalho procurei que os alunos atribuísem significado à disciplina de EF. Para o seu cumprimento solicitei a elaboração de um trabalho “livre”, mas ao mesmo tempo com um enfoque na área de estudo dos alunos (economia). O trabalho era composto por 4 questões pelas quais os alunos escolhiam um: *“Regras e desporto, como se relacionam?”*; *“Que impacto tem os Jogos Olímpicos na sociedade?”*; *“Desporto e saúde, como se relacionam?”*; *“Como vê o Impacto do Desporto na Economia”*. Sendo assim, o último tema referente à área de estudo deles de forma a procurar motivá-los para a tarefa.

No segundo trabalho procurei realizar uma tarefa em que o objetivo foi contribuir para os alunos organizarem melhor a sua rotina diária. Neste sentido, forma propostos três temas: *“O Que a Universidade Mudará na Minha Vida”*; *“Que Vantagens e Desvantagens estão Inerentes ao Facto de Estudar Fora da RAM”*; *“Que Influência tem a Conclusão do Secundário para o meu Futuro Pessoal e Profissional”*.

De forma a ilustrar o resultado das tarefas solicitadas apresento quatro trabalhos individuais referentes ao primeiro e ao segundo trabalho, dois de Amy Johnson, um de Leonardo da Vinci e outro de George Cayley.

O IMPACTO DO DESPORTO NA ECONOMIA

“Por definição, desporto é uma forma de atividade física que está sujeita a regras de participação; a economia é uma ciência social que estuda a produção, o consumo e a distribuição de bens e serviços. Embora sejam dois conceitos distintos, o desporto tem inúmeras consequências que se refletem na economia e que são fáceis de analisar.

Em primeiro lugar, relacionemos o conceito de desporto com a saúde e com a economia. É bem sabido que a atividade física é benéfica para a saúde humana, quer na diminuição do risco de doenças como a obesidade, diabetes e doenças cardiovasculares, quer no aumento da autoestima e autoeficácia e na redução do *stress*, ansiedade e depressão. Do ponto de vista económico, uma pessoa mais saudável significa uma redução dos custos de saúde das famílias, que irá levar a um maior consumo de outros bens ou serviços, que gerará mais produção e, por conseguinte, mais emprego – o que voltará a gerar mais consumo, seguindo um modelo de ciclo; ou então levará a uma maior poupança, o que dará aos bancos uma maior possibilidade na cedência de créditos ao investimento, que por sua vez criará mais postos de trabalho, que conduzirá ao aumento do consumo, isto é, ao desenvolvimento e à estimulação de toda a atividade económica; ou, por outro lado, levará ao investimento direto. Além disso, uma pessoa saudável, com mais autoestima e menos *stress* e ansiedade, contribui para a melhoria do ambiente social e para o aumento da sua produtividade.

Em segundo lugar, vamos relacionar os eventos desportivos com o crescimento económico inerente aos mesmos. Eventos como os Jogos Olímpicos ou Campeonatos Mundiais têm, digo eu, o maior impacto na economia a nível desportivo. Um país acolhedor, por exemplo, dos Jogos Olímpicos, que é o maior evento desportivo do mundo, faz imensas alterações sociais e investe imenso capital financeiro, técnico e humano para se preparar. Há, principalmente, construções de estádios e aldeias olímpicas, o que por si só já gera um aumento do emprego, produção e consumo. Além disso, um evento desta dimensão atrairá um número inimaginável de turistas, o que fará com que haja uma preparação da cidade a nível de renovação urbana, dinamização dos transportes públicos e dos serviços de comércio e restauração e de reabilitação dos edifícios e monumentos. Assim, haverá um crescimento económico a triplicar: na primeira fase, aquando da preparação da cidade, em que a produção é bastante elevada e há uma entrada de investimentos externos e de investimentos público-privados; na segunda fase, quando os visitantes consomem bens e serviços e na terceira fase, a partir dos efeitos multiplicadores, ou seja, após a primeira e a segunda fase, há uma criação de novos postos de trabalho, o que faz com que o rendimento disponível das famílias aumente, possibilitando-as de consumir mais, voltando ao ciclo já referido.

Em último lugar, há um aproveitamento do setor terciário – comércio e serviços – do conceito do desporto aliado a uma vida saudável. A sociedade define modelos de beleza, sendo os de hoje em dia corpos esculpidos e com pouca gordura corporal, o que normalmente é sinal de prática regular de atividade física ou desporto. Assim, o desejo das pessoas atingirem esse modelo levou à criação de novos investimentos em negócios como ginásios, venda de produtos para a melhoria da eficiência muscular como suplementos vitamínicos ou proteicos ou outras substâncias, máquinas de exercício físico “milagrosas”, produtos desportivos e a criação de novas marcas desportivas e até canais

televisivos. Como consequência, toda a imprensa dos serviços de comunicação e informação utilizou a ideia de um estilo de vida saudável em sua virtude, através da publicidade e marketing e também ao transmitir em direto eventos desportivos.

Podemos então concluir que a aproximação destes dois conceitos – desporto e economia – deu origem a um grande crescimento económico que cada vez é maior. O desporto e a economia têm uma relação direta na medida em que o desporto foi muito aproveitado para levar a um desenvolvimento e dinamização da economia. Não esquecendo que crescimento económico não é o mesmo que desenvolvimento económico, devemos saber que o principal objetivo dos Jogos Olímpicos e do desporto em geral não é o crescimento económico, mas sim a união entre os povos e a prática de uma competitividade saudável.”

Amy Johnson¹⁰

Funchal, 19 de Novembro de 2012

DESPORTO E SAÚDE, COMO SE RELACIONAM?

“A vida sedentária da maioria das pessoas, hoje em dia, tem levado a uma carência na prática de exercício físico. Esta diminuição de atividade física deve-se, sobretudo, às novas tecnologias aliadas a um conjunto de atividades diárias, às quais a sociedade prefere e dá prioridade.

A Organização Mundial de Saúde faz referência à necessidade de políticas e programas que levem em conta as necessidades e possibilidades das diferentes populações e sociedades, com o objetivo de integrar a atividade física ao dia-a-dia de todas as faixas etárias, incluindo mulheres, idosos, trabalhadores, crianças e pessoas com deficiências.

Saúde e exercício físico estão positivamente correlacionados com o bem-estar e fazem parte de um estilo de vida saudável, juntamente com uma alimentação equilibrada e variada.

A falta de prática de exercício físico regular está também relacionada com o aumento de doenças. O facto de as pessoas estarem mais ocupadas, quer com o trabalho, quer com diversas atividades da sua rotina, faz com que o desporto fique como último plano. Ao longo dos últimos anos, doenças cardiovasculares, cancro, diabetes e doenças respiratórias crónicas têm aumentado significativamente, tanto por transmissões hereditárias, mas também pelo estilo de vida das pessoas, que muitas vezes está ligado ao consumo de tabaco e álcool, inatividade física e alimentação não saudável. A obesidade é também um fator a ter em consideração. Grande parte da sociedade espalhada pelo mundo sofre desta doença, incluindo jovens. As tecnologias, que não precisam de qualquer esforço físico por parte das pessoas, deram lugar à prática de qualquer desporto.

¹⁰ Nome fictício

Os benefícios para a saúde normalmente são observáveis com a prática de exercício físico, diariamente. A sociedade deveria ter em conta esses benefícios, pois são uma mais-valia para todos nós. As vantagens da prática de qualquer desporto são inúmeras, tais como: redução do risco de morte prematura, redução do risco de desenvolver doenças cardíacas, hipertensão, previne a obesidade, promove o bem-estar psicológico, fazendo assim com que o stresse, a ansiedade e a depressão não sejam problemas com que as pessoas tenham de lidar regularmente, e aumenta a resistência à fadiga. É importante mencionar que a prática de qualquer desporto deve ser vista como uma fonte de lazer, e não como uma obrigação, de modo a obter mais rendimento e sucesso nos resultados esperados.

O exercício físico regular nas crianças e adolescente previne a probabilidade destes virem a fumar e são uma forma saudável de promover a integração social. O exercício físico é também importante para as pessoas idosas, pois as permite manter estabilidade e a qualidade de vida, para que não se sintam inválidas ou sozinhas devido à idade. O desporto tem igualmente um grande impacto na qualidade de vida das pessoas com deficiência. O facto de lhes serem apresentados desafios desportivos faz com que se sintam melhor física e psicologicamente, visto que lhes é dada uma oportunidade de se manterem saudavelmente ocupadas com desportos adaptados às suas condições físicas.

O desporto e a saúde são, então, dois fatores relacionados que têm um grande impacto positivo, pois ambos lutam por “uma vida mais saudável” em cada pessoa. Agora, cabe a cada um ter consciência dos seus benefícios aliados com uma boa alimentação.”

Leonardo da Vinci¹¹

Funchal, 16 de Novembro de 2012

O QUE A UNIVERSIDADE MUDARÁ NA MINHA VIDA

“A entrada na universidade vai-me abrir novos horizontes para a construção da minha vida futura, pois o ensino superior dá-nos competências académicas, sociais e pessoais que são importantes para abraçarmos o futuro com confiança e determinação. Para quem não pode, ou não quer, prosseguir os estudos além do secundário, depara-se com um leque mais fechado de oportunidades e opções.

No meu percurso académico espero poder contactar com jovens e professores de outras origens, o que vai contribuir para a minha formação pessoal, dando-me uma visão mais universal do mundo, pois a universidade é isso mesmo.

Espero que, com a minha passagem pela universidade, ganhar mais independência e ter novas experiências, que juntamente com os conhecimentos obtidos me vão permitir orientar a minha futura

¹¹ Nome fictício

carreira profissional. Para isso, é fundamental realizar uma boa escolha, tanto do curso como da faculdade, na próxima fase de candidaturas que se aproxima. Até lá, é necessário obter boas notas no secundário para ter a oportunidade de fazer a minha escolha sem grandes restrições.

O curso superior deve ser visto como um investimento para a vida futura, sem o qual não conseguimos ambicionar a uma boa posição na sociedade.

No entanto, esta condição não é suficiente, pois já há muitos jovens com formação superior que não conseguem encontrar um emprego ou atividade, que os tornem elementos ativos na sociedade - é necessário uma boa formação e um elevado nível de desempenho, para conseguirmos vencer na “alta competição” que é o mercado de trabalho. Só quem for capaz de “marcar golos” é que terá lugar nesta “equipa global”. Atualmente existem muitos jovens “no banco” que não conseguem ser chamados para o “jogo”. Por isso saliento a importância em concluir o curso superior, com uma boa média e com uma boa preparação.

A minha vida irá mudar muito, com a ida para a universidade no próximo ano letivo, pois pela primeira vez vou viver longe dos meus pais durante um longo período de tempo. Esta é a maior mudança que a minha vida tomará, em que me tornarei independente, não a nível financeiro, mas em todos os outros níveis. A cidade de Lisboa, onde nasci, é a que mais me atrai e, na minha opinião, a que oferece maior número de oportunidades.

Vou conhecer novos locais e criar novos laços de amizade. No início poderei ter algumas dificuldades de adaptação, mas também será um teste às minhas capacidades, pois terei de ser eu a tratar de tudo. Deixarei algumas amizades para trás, mas a vida é assim mesmo, temos de seguir os nossos sonhos e ambições.

Ainda estou indeciso quanto à escolha do curso. Para já pretendo ingressar em Gestão ou Engenharia Informática, porque me parecem interessantes e de futuro.

Espero ser bem recebido por todos aqueles que farão parte do meu dia-a-dia e que a Universidade abra boas perspetivas para a minha vida futura, proporcionando-me conhecimento e oportunidades de “vencer” no mundo do trabalho.”

George Cayley¹²

Funchal, 11 de Março de 2013

¹² Nome Fictício

QUE VANTAGENS E DESVANTAGENS ESTÃO INERENTES AO FACTO DE ESTUDAR FORA DA RAM?

“Hoje em dia - e cada vez mais -, os jovens residentes na Madeira têm em perspetiva fazer um curso universitário fora da região. Embora exista a Universidade da Madeira, esta por vezes não satisfaz a procura do estudante em relação ao curso em que pretende ingressar ou em relação à sua qualidade. Assim, muitas vezes o aluno candidata-se a universidades em Portugal continental ou a universidades estrangeiras, o que, além das inúmeras vantagens de enriquecimento pessoal e cultural que a experiência oferece, existem também algumas desvantagens a ter em consideração.

Em primeiro lugar, estudar num lugar que não o de origem oferece desde logo a oportunidade de conhecer uma nova cultura e modo de vida. Assim, o aluno fará novos amigos, poderá aprender uma nova língua e experienciar diferentes métodos de ensino. No fundo, terá de se adaptar a um estilo de vida totalmente diferente do habitual, o que lhe vai proporcionar um ganho de responsabilidade, independência e autossuficiência, em especial se for para fora da RAM sozinho ou só com colegas. Além deste enriquecimento pessoal, tudo isto será benéfico para o seu currículo e futura carreira profissional, uma vez que demonstra capacidade de adaptação e permite a frequência de estabelecimentos de ensino mais prestigiados.

Por outro lado, mudar-se para uma cidade nova ou para um país novo pode ser complicado, na medida em que tem de haver uma enorme adaptação por parte do estudante a um completo novo estilo de vida, principalmente se for sem companhia. Além disso, se for estudar para um país com uma língua diferente, tem de haver um grande esforço para compreender, comunicar e estudar, uma vez que aprender uma língua nova pode não ser fácil. Para além destes aspetos, existe também o fator económico, uma vez que uma mudança para um novo sítio pode ser dispendiosa, assim como as propinas na universidade. Num âmbito mais pessoal, é comum haver algumas saudades de casa e da família.

Na minha opinião, penso que as desvantagens que podem existir não me levariam a deixar de querer estudar fora da RAM, uma vez que as vantagens são muito mais compensatórias. Acho que é importante esta experiência, principalmente nos dias de hoje em que vivemos cada vez mais numa aldeia global e é tão importante esta capacidade de adaptação a novos ambientes. Eu própria quero seguir os meus estudos em Lisboa e futuramente noutro país através de algum programa ou bolsa de estudo. O meu objetivo é tirar uma licenciatura em Economia na Nova *School of Business and Economics* e posteriormente um mestrado em Gestão na Católica *Lisbon School of Business and Economics*. Na licenciatura quero estudar uns meses na Noruega - porque é o meu “país de sonho”, tanto pela sua qualidade de vida como pela sua cultura, paisagem, costumes e valores típicos - e no mestrado quero fazer um “double degree”, ou seja, é um programa em que um dos anos do mestrado é efetuado numa escola internacional parceira da Católica, ficando formada em ambas as faculdades e recebendo dois diplomas pelo preço de um. Tenho objetivos para os meus estudos bem fixos, mas sei que exigem imenso trabalho. Se tudo correr como planeado, sei que não terei dificuldades em arranjar emprego, já que a Católica *Lisbon School of Business and Economics* tem um índice de empregabilidade no mestrado em Gestão de 100% e a Nova de 96%.

Em paralelo, fazer sempre muitas atividades extraescolares tais como desporto e voluntariado é indispensável e indiscutível para mim, já que, além de gostar de o fazer, vivemos numa fase de “declínio dos ‘marrões’”. “As empresas muitas vezes dizem-nos que não querem os alunos de 18, com medo do estereótipo do ‘marrão’, que nada mais faz além de estudar. As atividades extraescolares são muito importantes. (...) É preciso que saibam comunicar, argumentar as suas ideias e transmitir confiança. (...) A prática de desporto mostra-nos que o aluno tem outros interesses além dos estudos, tem capacidade de resistência, sabe gerir o seu tempo, tem vontade de vencer e tem prática no trabalho em equipa”, explica Fátima Barros, diretora da Católica numa entrevista à Visão.

Concluindo, após analisadas as vantagens e desvantagens de estudar fora da RAM, na minha opinião, um aluno ganha muito mais em fazê-lo, quer a nível pessoal como a nível profissional. Há que ter capacidade de adaptação, não haja dúvida e ao início pode ser complicado e frustrante, mas isso só nos fará crescer e aprender. Certamente que irei fazê-lo e espero conseguir concretizar todos os meus objetivos.”

Amy Johnson¹³

Funchal, 4 de Março de 2013

¹³ Nome Fictício

5.3.1.2. Assistência em Terra: Dificuldades e Superações

Quadro g. Ponto de Situação - GOLF

Relatório de Voo: 3	Dia: 4 de Janeiro de 2013	Hora: 11:52
Observação: Revisão – Relação com a Turma: Uma dificuldade no início do estágio... Dificuldade Superada (afetividade vs. autoridade)		

Entre todas as dificuldades e superações, a mais significativa para mim esteve na forma como lidei com a relação pedagógica com cada aluno e com a turma. No meu entender, todas as relações foram complexas e fundamentais para a realização e consequente sucesso do estágio profissional.

“Este foi o meu primeiro contacto com os alunos neste ano (2013) e destaco esta reflexão para a particularidade de conviver com os alunos fora do espaço de aula, algo que ocorreu em algumas ocasiões nestas férias de natal. O problema não se relaciona diretamente com o facto de os ver e/ou de estar com eles fora do espaço de aula mas sim para o facto de os encerrar formalmente dentro do espaço de aula após um ato de convívio.

“Felizmente não houve qualquer situação, apenas comentários, oriundos da minha parte em espírito de brincadeira.”

(Diário de Bordo, 4 de Janeiro de 2013)

O facto de ter realizado o estágio na RAM abriu-me um leque de aprendizagens específicas, nomeadamente no que se refere ao relacionamento com os alunos. Acontece que a ilha é um meio pequeno, pelo que é frequente o professor cruzar-se com os alunos da sua escola fora do contexto escolar.

Esta ocorrência sucedeu comigo e teve um valor acrescentado, pois fui tratado pela mesma naturalidade e especificidade (professor). Realço aqui, mais uma vez, a importância de ter realizado o estágio profissional na minha região, pois enalteceu a experiência, pela coadjuvação de situações muito específicas características deste meio.

Ao longo do ano letivo sempre procurei ter a melhor relação com os alunos, reconheço que estes também valorizaram professor pelas qualidades que nos ligaram afetivamente. Porém, face ao meu papel de professor tive que assumir um papel diferente dos alunos, o que não foi difícil, pois senti que essa diferença foi naturalmente imposta, sendo que durante o ano letivo apenas tive que manter e respeitar essa “distância”. Ao mesmo tempo, apercebi-me que o ambiente institucional interfere e limita a relação entre o professor e o aluno. Deste modo, hoje percebo que o professor tem que ser uma pessoa “contextualizada” e consciente, capaz de perceber e entender até que ponto é que uma relação de afetividade é positiva para o processo de aprendizagem do aluno.

De facto, considero que quanto mais próximo estive do limite na relação com o aluno (positivo → limite ← negativo), melhor foi, porquanto pude perceber que aumentaram as possibilidades de motivação do aluno. Em contrapartida, alguns alunos, por vezes, passavam os limites definidos, e nesses casos a minha autoridade tinha que ser fazer sentir. Isso é uma realidade (autoridade) e hoje percebo que ela está inerente à função docente. No entanto, para mim, como estagiário, a autoridade foi uma conquista e uma disciplina de vida que não se aprende nos manuais, porque cada caso é um caso. Confesso que a autoridade neste contexto foi um valor acrescido, pois garantiu a liberdade no sentido que elevar as relações com os alunos ao seu supremo e consequentemente aumentar as possibilidades de aprendizagem.

Para garantir este equilíbrio (autoridade vs. afetividade) foi necessário atender a dois elementos fundamentais:

1. Analisar e discutir as normas de conduta propostas, explicando a sua razão, bem como a sua necessidade, numa atitude de abertura às sugestões dos alunos;
2. Respeitar e ter em conta a história pessoal de cada aluno.

“A relação educador-educando não deve ser uma relação de imposição, mas sim, uma relação de cooperação, de respeito e de crescimento. O aluno deve ser considerado como um sujeito interativo e ativo no seu processo de construção de conhecimento. Assumindo o educador um para fundamental nesse processo, como um individuo mais experiente fundamental no processo.”

Vygotsky

Concluindo, a relação professor-aluno dependeu fundamentalmente da relação pedagógica positiva que se estabeleceu entre mim e os alunos, a qual foi fundamental a todos os níveis do processo de ensino-aprendizagem.

É com felicidade que digo que a minha experiência foi muito constante e não houve nenhum acontecimento menos positivo, foram todos excelentes! Considero mesmo que a relação pedagógica construída entre mim e os alunos foi algo essencial para o sucesso deste estágio profissional.

5.3.1.3. Bagagem de Mão: Processo de Evolução

Quadro h. Ponto de Situação - HOTEL

Relatório de Voo: 4

Dia: 2 de Fevereiro de 2013

Hora: 16:07

Observação: Evolução - Na “Gestão da Aula”

Todo o tempo de estágio e de aprendizagem foi por mim entendido como um prolongamento do curso que estou em vias de concluir. No entanto, apesar de já possuir uma “bagagem” proveniente da minha formação anterior, ao longo do ano letivo ocorreram inúmeras situações de aprendizagem, as suficientes para perceber um sentido de evolução crescente.

Este processo de formação apenas foi possível pela especificidade das situações de estágio, tais como aprender a lidar com os alunos, aprender a lidar com situações de *stress* e pressão da aula, aprender a lidar com a comunidade educativa. Foi definitivamente a melhor forma de aprender a “trabalhar”.

Neste processo dinâmico e em constante desenvolvimento, o processo de aprendizagem e de evolução esteve envolvido em erros e críticas construtivas provenientes das experiências a que acedei. Estas foram a melhor forma de aperfeiçoar o meu percurso no sentido da evolução. Na verdade, muitos erros que foram cometidos foram oportunidades de aprendizagem únicas, senão vejamos:

“...a solução que encontro será repetir exercícios de aulas anteriores, pois assim não perco tanto tempo a explicar e dessa forma rentabilizo melhor a aula (tempo). Por outro lado, tenho que ter mais cuidado com os exercícios que pretendo aplicar. Veremos como correm as restantes aulas.”

(Diário de Bordo, 18 de Janeiro de 2013)

“Esta unidade didática é muito cansativa, já deu para perceber pelo cansado dos alunos nesta aula. Terei que contemplar mais situações de descanso, nomeadamente durante os jogos que normalmente decorrem no fim de cada aula.”

(Diário de Bordo, 4 de Janeiro de 2013)

Ou seja, todo o processo de evolução surgiu como a soma de experiências. Neste caso específico, após um período de aulas aprendi que diferentes modalidades necessitam de diferentes abordagens, resultando, por vezes, numa gestão de aula completamente diferente. Isto aconteceu especificamente na modalidade de futebol, onde a dimensão do espaço e o próprio esforço que os alunos dedicam à modalidade foi totalmente distinta das restantes matérias.

Quadro i. Ponto de Situação - INDIA

Relatório de Voo: 5

Dia: 16 de Fevereiro de 2013

Hora: 14:34

Observação: Evolução - Na “Procura e Conhecimento”

“A matéria lecionada nesta aula foi uma estreia pessoal, pois pela primeira vez abordei a modalidade de ténis de campo. Na faculdade a única matéria que frequentei e que se relaciona de alguma maneira com a de ténis de campo foi badmínton, talvez, por isso, confesso que antes da aula estava pouco confiante, fruto da minha inexperiência e falta de conhecimento. Consciente de que não podia demonstrar qualquer tipo de insegurança, a boa preparação, mesmo sendo uma aula de avaliação diagnóstica, foi uma mais-valia. Iniciei o Modelo de Estrutura do Conhecimento (MEC), módulo 1, estudei a sua terminologia, as regras, etc. a fim de estar à altura do acontecimento. A verdade é que por pouco que um “licenciado” em desporto saiba, é sempre muito mais do que um aluno “comum” sabe!”

(Diário de Bordo, 7 de Janeiro de 2013)

Com a modalidade de ténis de campo entendi que apesar de toda a preparação universitária, um aluno, agora professor, não está preparado para tudo. Neste entendimento, ganha relevo a importância da aprendizagem constante, bem como a mobilização e transferência de conhecimentos. A melhor maneira que encontrei para resolver este problema foi a pesquisa na procura de exercícios que dessem resposta aos objetivos que pretendia alcançar. Assim utilizei o estudo

autônomo de forma a me prepara para o desafio. A verdade é que se não fosse essa pesquisa as aulas de ténis, a meu ver, não tinham sido tão coerentes e tão complexas, pois encontrei muitos exercícios de prevenção de lesões, algo muito importante, que antes da pesquisa efetuada não pensava contemplar.

Quadro j. Ponto de Situação - JULIETT

Relatório de Voo: 6

Dia: 18 de Fevereiro de 2013

Hora: 06:14

Observação: Evolução - No “Plano de Aula”

“Desde que iniciei o estágio sempre procurei construir planos de aula sucintos e fáceis de interpretar (uma página), mas ao nível do planeamento das aulas de Judo, os planos de aula são extensos, chegando facilmente a duas páginas. Isso acontece porque na modalidade de Judo existem muitos termos específicos e muitas das vezes recorro a imagens para ter mais confiança naquilo que estou a ensinar. Como consequência, em algumas fases da aula ando, literalmente, com o plano de aula na mão, o que teoricamente não deveria acontecer, mas é um “problema” exclusivo nas aulas de Judo, pois não acontece nas restantes matérias. Todavia, felizmente, com a prática cada vez recorro menos a esta opção.”

(Diário de Bordo, 6 de Maio de 2013)

Enquanto o primeiro parágrafo deste tema (Processo de Evolução) retrata a forma como evolui no contexto da gestão de aula, o excerto acima transcrito retrata a forma como evolui ao nível do processo de planeamento.

No início no ano letivo os meus planos eram extensos, muito informativos e pouco concretos. Com o passar das aulas, tentei aperfeiçoá-los, tornando-os mais sucintos e objetivos. Esse processo fez-se sentir até certo ponto, mas no terceiro período entendi que diferentes matérias necessitam de diferentes abordagens e planeamentos, não tinham que conter necessariamente determinado número de páginas e a mesma estrutura.

5.3.2. O “Serviço de Bordo”

5.3.2.1. As Hospedeiras: Trabalhar em Equipa

Quadro k. Ponto de Situação - KILO

Relatório de Voo: 7

Dia: 1 de Março de 2013

Hora: 16:07

Observação: Trabalho de Equipa – Perspetiva Individual (eu)

O “serviço de bordo” (equipa) de um avião é um aspeto fundamental para o sucesso da “viagem” e bem-estar dos “passageiros” (aluno), ajudando e orientado o processo de ensino-aprendizagem.

Pelo que constatei enquanto professor da Escola da APEL, os diferentes agentes escolares (professores, diretores, etc.) assumem um papel determinante na condução da escola como instituição, porquanto “geram” os recursos materiais, humanos e também financeiros.

No desenvolvimento deste tema vou abordar três acontecimentos que presenciei enquanto membro desta comunidade educativa, e que sublinham o trabalho em equipa.

O primeiro acontecimento retrata a forma como fui melhorando ao longo do ano letivo a competência de trabalhar em equipa, pois no início tive algumas dificuldades, nomeadamente nas pequenas tarefas iniciais que o professor cooperante prescreveu para serem realizadas grupo (ex. construir a base do plano de aula para o núcleo de estágio; a primeira aula, entres outros). No entanto, foi um problema que reconheci, como expressam as primeiras reflexões.

“Confesso ter alguma dificuldade em trabalhar dessa forma (equipa), talvez porque tenho muito presente na memória o lema: “Se queres as coisas bem-feitas sê tu mesmo a fazê-las!” É claro que esta frase não se aplica ao núcleo de estágio, simplesmente a tendência de dar um toque pessoal em todos os trabalhos está patente em mim.”

(Relatório Final do 1º Período, 19 de Dezembro de 2012)

Porém, com o passar do tempo fui melhorando, nomeadamente pela iniciativa de trazer os colegas de estágio para minha casa para trabalharmos em grupo (ex. planeamento anual). Ao longo do tempo fui atribuindo cada vez mais importância a este trabalho cooperativo, por me aperceber que a escola e trabalho em equipa são praticamente “sinónimos”.

Quadro I. Ponto de Situação - LIMA

Relatório de Voo: 8

Dia: 15 de Março de 2013

Hora: 00:08

Observação: Trabalho de Equipa – Perspetiva Coletiva (departamentos)

Porém, não demorou muito tempo até presenciar uma situação de trabalho em equipa em maior “escala”.

“Há cerca de duas semanas atrás a Professora de Matemática pediu-me para terminar a aula de hoje mais cedo, para assim pode começar logo o teste. Uma vez que este pedido veio com antecedência, foi fácil planejar e ter este elemento em consideração (aquecimento, retorno à calma, etc.).”

(Diário de Bordo, 20 de Maio de 2013)

De imediato entendi a importância deste tipo de entendimentos entre os professores das várias disciplinas. Acho bem que seja deste modo, pois embora não renunciando à importância da minha disciplina para o desenvolvimento dos meus alunos, tive que ser coerente. Naquela data (20 de Maio de 2013), as atenções dos meus alunos centravam-se nas disciplinas que iriam permitir, diretamente, ter acesso à faculdade. Por isso, tive que considerar essa importância.

Em relação aos entendimentos entre os vários departamentos, nunca pedi diretamente a um professor para dispensar os seus alunos para a minha disciplina, porém, quando penso bem sobre este assunto reparo que em algumas atividades, tal como a “APEL 100 LIMITES”, algumas disciplinas disponibilizaram o seu horário à atividade e, inclusive, participaram, por isso, acho que é justo da minha parte também contribuir para este tipo de ações.

Relatório de Voo: 9

Dia: 25 de Março de 2013

Hora: 19:44

Observação: Trabalho de Equipa – Perspetiva Coletiva (Escola)

Esta perspetiva de trabalhar em equipa está patente em toda a instituição escolar, no fosse ela constituída por membros da comunidade educativa. Porém, até em atividades, digamos, extracurriculares, houve muitos professores que se disponibilizam para acompanhar os alunos.

“Deveria haver um professor a acompanhar os finalistas para orientar os alunos. É claro que esta proposta é para o conselho pedagógico mas, seja como for, é uma excelente forma de os pais se sentirem mais seguros em relação aos seus filhos.”

(Diário de Bordo, 10 de Outubro de 2012)

Neste pensamento retratado no excerto fica evidente que o entendimento entre o professor e a escola é muito alargado, sobretudo em termos da responsabilidade. Ou seja, existe um esforço em expandir o trabalho de equipa da comunidade educativa para fora do espaço escolar, assumindo, assim, um papel determinante, não só na condução da escola como instituição, mas também na condução das atividades que complementam a formação do aluno (ex. as “capas” e viagem de finalistas).

Grande parte destas informações apenas é adquirida nas reuniões que se fazem semanalmente com o GEF. Neste espaço o Delegado do Grupo informa os restantes membros, uma vez que apenas estão representados nas reuniões da direção os delegados de cada departamento. Ao longo dessa reunião é feito, obrigatoriamente, uma ATA, sendo essa tarefa dirigida a cada membro que constitui o grupo (uma semana a cada). Para além dessas reuniões serem uma excelente oportunidade de manifestar as nossas opiniões, também foram uma excelente forma de me fazer sentir que fazia parte daquele grupo. Eu também era uma voz. De seguida segue uma ATA que escrevi enquanto secretário.

ATA Nº 10

REUNIÃO DE GRUPO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

“Aos dezasseis do mês de Janeiro do ano de dois mil e treze, pelas quinze horas e vinte minutos, sobre a presidência do delegado de grupo, Nelson Gouveia, reuniu-se o grupo de Educação Física, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 - Planeamento das atividades para o "DIA DO AMIGO";
- 2 - Outros assuntos.

Relativamente ao primeiro ponto, todos os docentes do gabinete de educação física já divulgaram a presente atividade nas suas turmas de décimo ano. Dessa forma o Professor Nelson Gouveia deu ordem para se proceder, a partir de amanhã (dezassete do mês de janeiro do ano de dois mil e treze), à divulgação da atividade às turmas de décimo primeiro e décimo segundo ano. Ainda dentro desta discussão, foi dada a oportunidade aos docentes para exporem a suas dúvidas relativamente à atividade, nomeadamente no que se refere à justificação de faltas dos alunos convidados. Será entregue um certificado de participação a esses alunos e a justificação de faltas, se necessário, ficará dependente da aceitação da escola em questão.

Foi também apresentado o orçamento relativamente às atividades propostas pelo gabinete de Educação Física sendo trezentos de cinquenta euros para o “Slide”, cem euros para o “Arco e Flexa” e os “Matraquilhos Humanos” serão atribuídos ao grupo pela Empresa de Cervejas da Madeira sem qualquer custo adicional ou com contrapartida. Para segundo plano, de momento, apenas consta os “Matraquilhos Humano”, sendo que este ficará situado no campo oeste e apenas em caso condições climáticas não favoráveis à prática este ficará situado no ginásio. As atividades “Slide” e “Arco e Flexa” ainda estão dependentes de aprovação. Para classificar a participação dos alunos nas presentes atividades será utilizado um sistema de pontuação “fez / não fez”, sendo este o critério definido por parte do gabinete de educação física para os alunos se habilitarem ao sorteio. No que se refere a colaboração, o gabinete decidiu que os seis docentes do gabinete mais os quatro professores estagiários é suficiente para responder às exigências das atividades. Relativamente ao som, este de momento está condicionado uma vez que a escola encontra-se em aulas no ato da atividade. Para concluir o primeiro ponto, como forma de aumentar o número de inscrições, cada professor, a partir de amanhã (dezassete do mês de janeiro do ano de dois mil e treze) procederá nas suas aulas à entrega das fichas de inscrição.

No que diz respeito ao segundo ponto, outros assuntos, começando pelo Torneio COMPAL AIR, a escola está recetiva à participação dos seus alunos na atividade em nome da escola da APEL mas a mesma não se responsabilizará por qualquer custo económico.

Relativamente à gestão do material, este surge diariamente desarrumado fruto da utilização partilhada. É também reconhecido pelo gabinete que a perda de material, nomeadamente as bolas de ténis de campo e os volantes de badmínton é inevitável. Como solução, o gabinete propôs comprar bolas de esponja, específicas para a modalidade de ténis de campo que, independentemente da força que

se aplica nas bolas, estas dificilmente ganham força suficiente para sobrepor ou até transpassar a grade de proteção. Para responder à perda dos volantes de badminton, o grupo amanhã irá se juntar de manhã para remover os volantes que após cada aula, inevitavelmente, alguns acabam por ficar presos por cima das calhas.

O Torneio de Futsal está concluído e é tempo de iniciar outra atividade. Uma vez que o Torneio de Voleibol está destinado ao terceiro período, a atividade proposta foi o Torneio de Basquetebol inter-turmas. Foram assim conhecidas as principais regras, sendo que o torneio será misto com um máximo de cinco jogares por equipa. Desses cinco jogadores terá que constar pelo menos uma rapariga ou um rapaz na equipa que deverá, obrigatoriamente, estar sempre em jogo.

Para concluir o segundo ponto e a reunião, uma vez que o núcleo de estagiários estará no Porto para atividades académicas relacionadas com o mestrado, a “Sala de Treino” ficará a cargo do Professor Nelson Gouveia na segunda-feira, do Professor João Pedro Silva na quarta-feira e do Professor Bernardo Vasconcelos na sexta-feira.

Sem mais acrescentar, o delegado de grupo, Nelson Gouveia, deu a reunião como concluída pelas dezoito horas e quarenta minutos.”

Funchal, 16 de Janeiro de 2013

Vítor Pereira

5.3.2.2. Vendas a Bordo: Participação na Escola

Quadro n. Ponto de Situação - NOVEMBER

Relatório de Voo: 10

Dia: 09 de Abril de 2013

Hora: 19:13

Observação: Atividades Extracurriculares / **Sala de Musculação**

As atividades extracurriculares tiveram um enorme contributo para o desenvolvimento da educação física. Podemos dizer que as atividades extracurriculares tiveram por objetivo a realização pessoal dos alunos, isto no sentido da utilização formativa dos seus tempos livres. Porém, outros contributos estiveram inerentes a esse efeito, como por exemplo: desenvolvimento de competências ao nível do relacionamento interpessoal; aquisição de competências, etc.

A Escola da APEL disponha várias atividades, oferecendo uma vasta variedade de vivências aos alunos: “Clube de Línguas”, “Clube Europa”, “Clube de Dança”, “Clube de Artes”, “Clube de Música”, entre outros. Habitualmente cada atividade era realizada duas a três vezes por semana entre as 13 e as 14 horas. Partindo desse princípio e agregando o facto de ter que realizar uma atividade não letiva tendo em vista a minha integração na comunidade escolar, eu e um colega de estágio recriamos a “Sala de Musculação” com o intuito de desenvolver nos alunos hábitos de vida saudável. A figura seguinte ilustra o Cartaz de Apresentação da Atividade (figura 1.):



FIGURA 1. Cartaz de Apresentação da “Sala de Musculação”

“O Prof. Cooperante decidiu que eu e um colega de estágio ficaríamos com a “Clube de Musculação” e os restantes o “Clube de Dança” e o “Torneio de Futebol”. Achamos por bem também participar nesses mesmos eventos e dessa forma passamos uma mensagem positiva e motivadora para os alunos.”

(Diário de Bordo, 2 de Outubro de 2012)

A “Sala de Musculação” teve como principal objetivo acolher os alunos com baixos índices de aptidão física, no sentido contrariar esse efeito. Os alunos eram encaminhados pelos seus professores após a leitura dos resultados da bateria de testes *FitnessGram*, que era realizada nas suas aulas.

Antes de passar aos resultados desta atividade, importa dizer que a atividade teve início a meio do período e foi uma mais-valia para mim, para o meu colega de estágio e para os alunos que a frequentaram. Além de disponibilizar aos alunos o espaço de musculação num horário privilegiado, possibilitou-me criar outro tipo de ligação com eles, bem menos formal. Por outro lado, embora houvesse repartição de tarefas entre mim e o colega de estágio, houve um esforço em nos auxiliarmos mutuamente nas tarefas designadas para cada um, sublinhando assim o trabalho em equipa.

Para mim o sucesso desta atividade foi notório, não só pelo número de inscrições que ocorreram, como também pelo número “diário” de utentes. No entanto, acho que o objetivo principal da atividade (acolher os alunos com baixos índices de aptidão física) ficou um pouco aquém do desejado. Na verdade, todos os benefícios que recolhi desta experiência (ex. criar laços de amizade com outros alunos da Escola da APEL) foram conquistados com um grupo de alunos em particular, que estavam na atividade por gosto próprio, ou seja, houve uma maior adesão à atividade por parte dos alunos que lá estavam porque queriam do que pelos alunos que lá estavam porque “tinha que ser”.

Relatório de Voo: 11

Dia: 17 de Abril de 2013

Hora: 03:51

Observação: Atividades Extracurriculares / Dia do Amigo

O “Dia do Amigo” foi a minha primeira atividade extracurricular como professor. Essa atividade foi concebida pela direção da escola e foi desenvolvida pelo GEF. O objetivo desta atividade foi divulgar a Escola da APEL aos alunos de outras escolares, nomeadamente aos alunos do 3º ciclo. Para alcançar esse objetivo, a direção contou com a plena colaboração do GEF para criar atividades apelativas. Ou seja, nesta fase comecei a entender que a nossa função (professores de EF) na escola, vai muito além do mero do conceito de aprendizagem (ponto fulcral de um professor). Porém, para mim foi uma excelente oportunidade de trabalhar, pela primeira vez, com todos os membros que constituem o GEF.

Relatório de Voo: 12

Dia: 27 de Abril de 2013

Hora: 19:13

Observação: Atividades Extracurriculares / Feira da Saúde

Esta atividade decorreu no dia 5 de Março, sendo uma atividade desenvolvida exclusivamente pelo GEF. A atividade teve lugar nas instalações da escola e o objetivo foi promover hábitos de vida saudável através de aulas de grupo (ex. *BodyBump*, *BodyJump*, etc.) e medições (ex. perímetros e composição corporal).

Esta foi uma atividade que contou com a minha presença como organizador e como participante. Na verdade, a atividade foi pequena, e devido ao número que professores presentes tudo ficou pronto rapidamente. Dada a essa particularidade (ser um pequeno evento), houve oportunidade de conviver com os alunos fora do contexto das aulas, sendo este o meu primeiro convívio com os meus alunos fora das aulas. Gostei particularmente desta sensação, pois mesmo fora das aulas era o “Professor” e o laço de afetividade que existia entre mim e os meus alunos estava

bem patente naquele momento. Por outro lado, houve um convívio mais próximo com a restante comunidade educativa, sendo uma excelente oportunidade de me integrar melhor.

Quadro q. Ponto de Situação - QUEBEC

Relatório de Voo: 13

Dia: 5 de Maio de 2013

Hora: 01:15

Observação: Atividades Extracurriculares / APEL 100 LIMITES

O “APEL 100LIMITES” foi uma atividade desenvolvida maioritariamente pelo GEF tendo como principal objetivo a promoção de hábitos de vida saudáveis através do desporto. Esta foi uma atividade de grande dimensão, sendo possível realizar graças à colaboração de outros departamentos escolares, nomeadamente os de artes e de informática.

A minha responsabilidade ao longo desta atividade esteve unicamente relacionada com a segurança, nomeadamente dos desportos radicais (ex. rapel). Isso impossibilitou-me de ter uma visão global do evento, algo que gostaria de ter podido aceder. No entanto, apercebi-me da sua dimensão. Esta foi definitivamente a maior atividade do ano na Escola da APEL. Envolveu toda a instituição escolar e nesse dia de manhã praticamente não houve aulas. Este é um exemplo prático de como o “trabalho em equipa” é realizado na Escola da APEL, em que todas as disciplinas “condicionaram” as suas matérias em prol do Desporto. Da mesma forma, foi uma forma de constatar a “força” que a educação física e o desporto ainda têm na comunidade educativa. A aposta em eventos desta natureza (extracurriculares) é essencial, pois a perceção que tenho é que dia após dia a educação física (como disciplina) está a perder credibilidade.

Esta atividade, para mim, foi o culminar de todas as outras, pois todos os benefícios para a minha formação recolhidos, eventos após evento, conjugaram-se nesta experiência, sobretudo pelo facto de ter convivido e trabalhado com toda a comunidade escolar (departamentos e direção).

5.4. CHEGADA

5.4.1. O Trem de Aterragem (nostalgia): A Responsabilidade do Cargo

Quadro r. Ponto de Situação - ROMEO

Relatório de Voo: 14	Dia: 20 de Maio de 2013	Hora: 07:55
Observação: Terra à Vista...		

Em retrospectiva, reconheço que ao longo desta “viagem” a minha obrigação enquanto “piloto” foi de extrema importância no desenvolvimento formativo e pessoal dos meus alunos. Porém, essa importância não se deu apenas no final do ano letivo (chegada), esta foi permanente ao longo de todo o processo de aprendizagem, que demorou nove meses a cumprir (*check in* → partida → altitude cruzeiro → chegada).

Hoje reconheço a grande responsabilidade e dignidade que foi ser professor. Não só pelo facto de ensinar aos alunos, como também por trabalhar com toda a comunidade escolar. Confesso que a “responsabilidade do cargo” de professor foi uma das razões que me fez querer esta posição, pois para mim é de elevada dignidade e tem um enorme impacto social. Entre todas as responsabilidades, sublinho: desenvolver e adequar os conteúdos programáticos ao nível dos meus alunos → delinear objetivos → avaliar, de forma contínua, a minha atuação e a dos alunos → acompanhar as atividades de ensino desenvolvidas no contexto escolar e → participar em atividades extracurriculares.

Agora que o já vejo “terra à vista” apercebo-me do quanto o meu papel foi fundamental no processo educativo do aluno. No entanto, hoje, o sentimento mais presente é de enorme alegria, pois sei que a maioria dos meus alunos ficou fascinada com esta “viagem” e com o que aprenderam no seu decurso.

Este sentimento faz-me sentir melhor e mais preparado, motivado e cheio de vontade para continuar a minha construção para ser um profissional de qualidade na área da educação.

5.4.2. Um Olhar Além da Janela: Reflexões

E a viagem chega ao fim... “rodas no chão”, “cintos desapertados”; “avião no hangar”, “passageiros de pé”, “bagagens na mão”... mas eu não me levanto!

Em vez disso olho para a janela... e vejo um ano marcado por enormes aprendizagens!

Quadro S. Ponto de Situação - SIERRA

Relatório de Voo: 15

Dia: 1 de Junho de 2013

Hora: 12:37

Observação: Refletido sobre a Reflexão...

Este é certamente um momento de reflexão. Por isso, julgo que não existe melhor momento para falar do impacto que a “reflexão” teve na minha “transformação” e, conseqüentemente, no estágio.

“... este relatório juntamente com os seminários de estágio tornam-se cada vez mais essenciais para o futuro e para o sucesso das nossas aulas. Sinto-me muito gratificado com este trabalho pois permite-me refletir e encontrar algumas soluções que podem vir a ser vantajosas nas próximas aulas.”

(Diário de Bordo, 24 de Setembro de 2012)

No entanto, “refletir” não é, nem foi, uma tarefa fácil!

O meu primeiro momento, enquanto estagiário, foi desconectar a “descrição” da “reflexão”, algo que não demorei muito a fazer. Porém, foi no segundo momento que senti mais dificuldades.

Uma boa reflexão requer boa capacidade de análise, processos cognitivos, construtivos e uma escrita “desenvolvida”. Ora, esta última (escrita desenvolvida) é a que mais me causou dificuldades, sobretudo porque apresento dificuldades em transformar todos os meus pensamentos (que são muitos) em frases que expressem exatamente aquilo que vai na minha cabeça. Creio que este problema se relaciona com alguma falta de leitura, um hábito que não adquiri ao longo da minha formação.

Apesar de todas as dificuldades, que se fizeram sentir nesta área, as reflexões permitiram-me desenvolver outras capacidades (ex. autocrítica). Ou seja, ao longo desta “viagem” as reflexões ajudaram-me a diagnosticar e consequentemente a melhorar a forma de ensinar. Acredito plenamente que sem o ato de refletir iria constantemente “recorrer” aos mesmos erros, por esta mesma razão, acho que nenhum profissional do ensino pode renegar o ato de “reflexão”, porque, para mim, foi uma excelente forma de potenciar o meu ensino e o meu desenvolvimento pessoal.

**6. A MOTIVAÇÃO DOS ALUNOS
PRATICANTES DESPORTIVOS E NÃO
PRATICANTES DO ENSINO SECUNDÁRIO
PARA AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA
ESCOLA DA APEL: ESTUDO REALIZADO NA
ESCOLA DA APEL NA REGIÃO AUTÓNOMA DA
MADEIRA**

INDICE DO ESTUDO

6.1 – PREÂMBULO	1
6.2 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
6.2.1 – Motivação e Experiências Anteriores	3
6.2.2 – Motivação e Nível de Desempenho	4
6.2.3 – Motivação, Sexo e Idade	5
6.2.4 – Motivação	6
Praticantes e Não Praticantes	
6.3 – OBJETIVOS	6
6.4 - METODOLOGIA	7
6.4.1 – Delineamento do Estudo	8
6.4.2 – Recolha de Dados	8
6.4.3 – Instrumento	9
6.4.4 – Processamento de Aplicação	9
6.4.5 – Procedimentos de Análise	10
6.5 – RESULTADOS	12
6.5.1 – PRIMEIRA FASE: Aplicação na Escola em Geral	12
6.5.1.1 – Dados Gerais da Amostra	12
6.5.1.2 – Diferenças Relativas à Prática Desportiva	14
6.5.1.3 – Diferenças Relativas ao Sexo	16
Sexo Masculino e Sexo Feminino	
6.5.2 – SEGUNDA FASE: Aplicação na minha Turma	18
1º Momento e 2º Momento de Avaliação	
6.6 – AÇÃO	19
6.5.1 – Estratégias a Implementar	19
6.6.1.1 – Maior Autonomia ao Aluno Federado	19

6.6.1.2 – Maior Responsabilidade à Turma.....	21
6.6.2 – Respostas - Novas Estratégias / Educação Física (2012/13).....	21
6.6.2.1 – Questão 1.....	22
6.6.2.2 – Questão 2.....	23
6.6.2.3 – Questão 3.....	23
6.6.2.4 – Questão 4.....	24
6.6.2.5 – Questão 5.....	24
6.5.2.6 – Questão 6.....	25
6.7 – CONCLUSÃO.....	27
6.8 – BIBLIOGRAFIA DO ESTUDO.....	28
6.9 – ANEXOS DO ESTUDO.....	29
6.9.1 – Requerimento ao diretor pedagógico, ao coordenador departamento expressões e ao delegado do grupo de EF da Escola da APEL.....	29

INDICE DE TABELAS DO ESTUDO

1. TABELA I. Objetivos.....	7
2. TABELA II. Número e Média de Idades.....	8
3. TABELA III. Teste de SMIRNOV	11
4. TABELA IV. Médias e Desvios Padrão de respostas na Amostra Geral	12
5. TABELA V. Médias, Desvios Padrão e Nível de Significância entre Alunos Praticantes e Não Praticantes.....	14
6. TABELA VI. Médias, Desvios Padrão e Nível de Significância entre o Sexo Masculino e Feminino.....	16
7. TABELA VII. Médias e Desvios Padrão do Primeiro e Segundo Momento / Turma....	18

INDICE DE FIGURAS DO ESTUDO

FIGURA 2. Aluno Federado a Introduzir a Matéria à Turma 20

FIGURA 3. Aluno Federado a Exercitar a Matéria ao Colega.....20

RESUMO

A “motivação” é o “ato de motivar”, “exposição de motivos” ou “que pode fazer mover”. Assim, depreendesse que um indivíduo motivado para algo detém um conjunto de asserções que o predispõe a cumprir um determinado objetivo e/ou reconhecimento. Se transportarmos esta noção para o campo do desporto e da educação, podemos considerar que um aluno que reconhece a importância das atividades físicas para o seu bem-estar (reconhecimento), provavelmente poderá estar mais motivado para a aula de educação física. O presente estudo está estruturado em duas componentes: uma extensiva com uma amostra de 454 alunos do ensino secundário da escola da APEL (213 do sexo feminino e 241 do sexo masculino) e uma intensiva com uma amostra de 16 alunos (3 do sexo feminino e 16 do sexo masculino), da minha turma da escola da APEL. Na componente extensiva, o estudo teve como objetivo determinar e compreender os níveis de motivação dos alunos da escola da APEL em função da prática desportiva e do sexo. Na componente intensiva, o estudo teve como objetivo analisar os níveis de motivação dos alunos da minha turma e partir dela definir estratégias de intervenção que contribuíssem para aumentar os seus níveis motivacionais. O instrumento utilizado na componente extensiva foi o Questionário de Motivação para a Educação Física (QMEF) adaptado por Pimental, Âmbar, Esteves e Bettencourt em 2000. Na análise dos dados recorreu-se ao programa estatístico SPSS 20 para o cálculo das medidas descritivas básicas e o teste inferencial *Man-Whitney*. Os resultados da componente extensiva evidenciaram que os alunos da escola da APEL estão motivados e gostam das aulas de educação física. Relativamente aos praticantes, de um modo geral, apresentam níveis motivacionais mais elevados dos não praticantes para a EF. Foi também evidenciado que os alunos do sexo masculino estão mais motivados que os alunos do sexo feminino para as aulas de educação física. Já na componente intensiva foi utilizado o mesmo instrumento de análise acrescido de seis questões de resposta aberta, que foram analisadas recorrendo à análise de conteúdo. Os resultados não permitiram determinar se as estratégias implementadas contribuíram ou não para o aumento da motivação dos alunos da minha turma para as aulas de educação física.

Palavras-Chave: Educação Física, Motivação, Estudante-estagiário

ABSTRACT

Motivation is the act of motivating, expressing motives or enabling movement. One can conclude that a motivated person has true beliefs that predispose him/her to fulfil a particular goal and/or gain recognition. With regard to sports and education, one can assert that a student that recognizes the importance of physical activity for his/her wellbeing (recognition) is probably more motivated to participate in physical education courses. This study has two main parts: an extensive one with conclusions drawn from a sample of 454 high school students from *APEL* School (213 females and 241 males) and a more intensive section with conclusions drawn from a sample of 16 students (three females and 16 males) that attended the class lectured by the author. The more extensive study was aimed at identifying and understanding the different levels of motivation of the students from *APEL* School in general, as well as by gender and federation to a club or to the above mentioned school. The specific goal of the more intensive study was to analyse the levels of motivation of student that attended the class lectured by the author and to define and implement strategies to boost their motivation. A survey on student's motivation for physical education courses (Questionário de Motivação para a Educação Física – QMEF, adapted by Pimental, Âmbar, Esteves and Bettencourt i (2000) was utilised in the extensive study. The author analysed the data using the SPSS 20 statistical software to compute basic descriptive measures and the Mann-Whitney inferential test. The results of the extensive study show that students from *APEL* School are motivated and enjoy participating in physical education courses. Concerning to the sport patricians they are more motivated for Physical Education Classes than the non-sport participants. However, male students are motivated to participate than female students. The author used the same methodology in the intensive study in addition to six open-ended questions. By analysing the results of this study, one cannot determine if the targeted strategies have contributed to an increased level of motivation of students attending the classes lectured by the author.

Key Words: Physical Education, Motivation, Pre-service Teacher

6.1. PREÂMBULO

O presente estudo tem como principal propósito analisar os níveis motivacionais evidenciados nos alunos da Escola da APEL (Associação Promotora de Ensino Livre) durante o ano letivo de 2012/2013, com particular destaque numa turma do ensino secundário (a minha). Porquê esta temática? Porquê esta estrutura?

Evidenciando a importância do trabalho corporativo, o Núcleo de Estágio (NE) da APEL decidiu realizar o Projeto de Investigação conjunto que, complementarmente, tivesse uma componente individual (central e específica), materializada na exploração de uma variável distinta, que no meu caso, se reporta à motivação dos praticantes desportivos do ensino secundário para as aulas de educação física.

A pertinência deste tema nasce de experiências pessoais vivenciadas em dois papéis distintos: o de aluno e o de professor, sendo no papel de professor que o tema ganhou maior relevância. Na verdade, o meu grande propósito era motivar todos os alunos para as aulas de educação física, isto independentemente do seu grau de comprometimento com a disciplina.

Ao longo da experiência do Estágio Profissional (EP), nomeadamente a resultante das observações realizadas a outras turmas, constatei que os alunos praticantes apresentam melhores níveis de desempenho nas aulas quando comparados com outros não praticantes. Porém, não tinha dados relativamente aos seus níveis motivacionais. A percepção que tinha é que estes tendiam a ficar desmotivados em algumas modalidades. Em contraponto, a minha experiência como aluno do ensino secundário, que praticava uma modalidade federada (praticante), a natação, era em sentido inverso. Lembro-me de gostar imenso da disciplina de EF. Gostava de tudo, mas gostava especialmente de abordar a modalidade de natação por duas razões: Primeiro, porque tinha “assegurada” uma boa classificação naquela matéria e segundo porque gostava de demonstrar o meu trabalho e as minhas habilidades/qualidades à turma, ou seja, este elemento era motivador. Não obstante esta experiência pessoal, a percepção atual é que este gosto dos alunos praticantes pelas aulas de EF não era transversal.

No que se refere às diferenças entre o sexo masculino e feminino, em ambas as vivências (a de aluno e a professor), a percepção que vigorava é que o sexo feminino tendia a apresentar níveis motivacionais mais baixos.

Na momento da discussão da temática a explorar nesta componente investigativa do estágio, e em resultado da agregação da minha experiência como aluno com a experiência que foi ser professor, o meu interesse e o dos meus colegas de estágio, relativo à temática da “motivação”, cresceu exponencialmente. O objetivo era procurarmos compreender melhor este fenómeno para nos tornarmos mais capazes de motivar os nossos alunos, enriquecendo, assim, não só as aprendizagens dos alunos, mas também as nossas.

Neste contexto, pessoalmente, perspetivei ir além da mera determinação dos níveis motivacionais dos alunos. Assim sendo, a partir da caracterização dos níveis motivacionais dos alunos para as aulas de EF, bem como da identificação dos fatores que a influenciavam, procurei delinear estratégias de intervenção que envolvessem os alunos praticantes (federados) com o objetivo de aumentar os seus níveis motivacionais e, paralelamente, aumentar também a dos colegas.

6.2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

6.2.1. Educação Física – Motivação e Experiências Anteriores

Segundo o dicionário de Língua Portuguesa da Editorial Notícias podemos definir a “Motivação” como “ato de motivar”, “exposição de motivos” ou “que pode fazer mover”. Assim, podemos depreender que um indivíduo motivado para algo detém um conjunto de asserções que o predispõe a cumprir um determinado objetivo e/ou reconhecimento. Se transportarmos esta noção para o campo do desporto e da educação, podemos considerar que um aluno que reconhece a importância das atividades físicas para o seu bem-estar (reconhecimento), provavelmente poderá estar mais motivado para a aula de EF. Por esta razão, tomar em consideração as estratégias adotadas para a manutenção e/ou incremento dos níveis motivacionais do aluno, no meu entender, é fundamental.

No contexto da EF importa ter algum cuidado nas ações pedagógicas de forma a manter os alunos motivados e interessados nas aulas de EF. O Programa Nacional de Educação Física (PNEF) para o Ensino Secundário objetiva a missão da disciplina na potenciação das capacidades dos alunos a vários níveis, tendo como finalidades:

- Aquisição da aptidão física potenciando a qualidade de vida, saúde e bem-estar; favorecer a compreensão dos conteúdos;
- Reforçar o **gosto pela prática** regular das atividades físicas.

Está assim patente nos Programas de EF, a preocupação de desenvolver o gosto e a motivação dos alunos pela atividade física.

Ter alunos motivados para as aulas de EF é importante, porém, suponho que será igualmente importante orientar e desenvolver o interesse dos alunos para expandirem a sua atividade desportiva para fora do contexto escolar, contribuindo para a aquisição de hábitos de vida saudáveis.

Num estudo realizado com alunos entre os 14 e 17 anos, em escolas do Município de Maringá-PR (Brasil), verificou-se que os alunos podem ser influenciados pelas intenções e objetivos que cada aluno tem ao encerrar o 3º ciclo (Marzinek &

Neto, 2007). Segundo os autores, as experiências anteriores parecem balizar o interesse dos alunos nas aulas. Esta interferência pode implicar motivos negativos (*“ineficácia que pode traduzir um mau desempenho para o Professor”*) e positivos (*“o que aprendo faz-me querer aprender mais”*).

Face a este enquadramento, que aponta para que as experiências anteriores parecem influenciar o nível de motivação no aluno, pode depreender-se que os alunos carregam experiências anteriores que influenciam diretamente os seus níveis de motivação para as aulas de EF. Dessa forma, todos os professores têm um papel determinante na configuração destas experiências que são transportadas ao longo do percurso escolar e que o influenciam no sentido positivo, isto é, de maior envolvimento nas aulas de EF e na prática desportiva ou, pelo contrário, que os desmobilizam e desmotivam para atividades desta natureza.

6.2.2. EDUCAÇÃO FÍSICA – Motivação e Nível de Desempenho

Perante as características deste estudo, importa compreender o contexto psicológico dos alunos do secundário, isto tendo em conta que estes possuam experiências e aprendizagens resultantes dos anos de escolaridade anteriores (ensino básico).

Fases aos resultados do estudo referido anteriormente, no percurso formativo os alunos desenvolvem algumas perspetivas que podem condicionar a sua prestação nas aulas de EF, nomeadamente ao nível da motivação nas experiências de anos anteriores de escolaridade. Desde modo, os professores enfrentam um duplo desafio: o de conseguir manter ou elevar os níveis de motivação dos alunos motivados e/ou conseguir motivar os alunos que apresentam menores índices de motivação pela EF.

Um estudo desenvolvido por Carlson (1995) revelou que 21% de alunos não se sente envolvido nem gosta das aulas de EF, sendo que destes 50% também não se sentiam envolvidos em outras matérias. O mesmo estudo evidencia que 75% dos alunos apresentavam um nível médio ou abaixo da média ao nível das habilidades motoras. A leitura que faço destes dados é que eles indicam que um aluno com um igualmente reduzido, ou seja, menos habilidade resulta numa menor motivação.

Este estudo revela ainda que existe uma grande percentagem de alunos do secundário com níveis de habilidades motoras baixas. Por outro lado, a maioria dos alunos parecem estar motivados nas aulas de EF, o que deveria traduzir um maior desenvolvimento psicomotor e de hábitos de vida saudáveis. Ou seja, perante a bibliografia consultada, existem alguns dados divergentes o que me leva a deduzir que cada caso é um caso.

Por outro lado, alguns alunos que gostam da atividade física chegam mesmo a desenvolver esse interesse fora do contexto escolar e de forma regular; e em alguns casos, dependendo da modalidade, em práticas federadas.

6.2.3. EDUCAÇÃO FÍSICA – Sexo e Idade

A compreensão deste assunto (sexo e idade) poderá auxiliar o professor de EF a direcionar os alunos para uma prática mais específica e motivadora.

O sexo parece t ser uma das variáveis que se relaciona com os níveis de atividade física da população. No que se reporta às diferenças entre sexos, os estudos apontam para valores mais baixos de atividade física no sexo feminino (Blair & Owen, 2000).

No que se reporta à variável da idade, os estudos indicam os níveis de atividade física são inversamente proporcionais à idade, o que pode encontrar explicação em fatores biológicos (cit. por Ladeira, 2004).

Na Região Autónoma da Madeira (RAM), Ladeira (2004) verificou que a faixa etária com maiores índices de atividade física se situa entre os 25 e os 35 anos de idade em ambos sexos. Ao longo da adolescência os alunos parecem ganhar algum gosto pelo exercício físico e começam a dar-lhe maior importância por razões estéticas, bem-estar e lazer, o que contraria, em parte, o estudo anterior em que os níveis de atividade física são inversamente proporcionais à idade.

6.2.4. MOTIVAÇÃO: Praticantes e não praticantes

Em termos gerais consideram-se dois níveis de filiação com a atividade desportiva: Praticantes e Não Praticantes.

Os alunos praticantes são os alunos que teoricamente têm uma atividade física regularizada. Por sua vez, os não praticantes por si só não realizam qualquer tipo de atividade.

De facto existem muitos estudos que relacionam a motivação com outras variáveis, como por exemplo, a idade e o sexo. Todavia, não encontrei nenhum estudo que em contexto escolar se reportasse aos alunos praticantes e não praticantes, muito menos referente às aulas de educação física. Este dado veio aumentar a importância deste estudo.

Estou confiante que os resultados serão expressivos e satisfatórios do ponto de vista educacional e profissional.

6.3. OBJETIVOS

Neste enquadramento, a investigação que vou desenvolver pretende caracterizar e analisar a motivação para as aulas de educação física dos alunos praticantes e não praticantes de desporto. Face ao facto de o projeto ter uma componente comum aos vários elementos do núcleo de estágio os objetivos foram definidos a três níveis:

Transversal – Representa dos níveis de motivação para as aulas de educação física dos alunos da escola em geral;

Central – Representa a componente individual materializada na exploração de uma variável distinta, no meu caso a prática desportiva, coadjuvada com o sexo.

Específicos – Representa os objetivos relativos à componente de aplicação na minha turma, que no meu caso também incidiu na prática desportiva, na vertente federada.

1. TABELA I – Objetivos do estudo

Nível	Objetivo
Transversal	• Caracterizar e analisar os níveis de motivação dos alunos do Ensino Secundário da Escola da APEL para as aulas de Educação Física; • Caracterizar e analisar os níveis de motivação dos alunos do Ensino Secundário da Escola da APEL para as aulas de Educação Física em função do sexo
Central	• Caracterizar e analisar os níveis motivacionais dos alunos do Ensino Secundário da Escola da APEL para as aulas de Educação Física em função da prática desportiva.
Específico	• Caracterizar e analisar os níveis motivacionais dos alunos da minha Turma. • Definir e implementar estratégias que motivem os alunos praticantes e não praticantes da minha Turma para as aulas de Educação Física; • Verificar os resultados da implementação das estratégias definidas para aumentar os níveis motivacionais dos alunos da minha turma (praticantes e não praticantes) para as aulas de Educação Física.

6.4. METODOLOGIA

Na componente extensiva do estudo participaram 454 alunos do ensino secundário da Escola da APEL (213 do sexo feminino e 241 do sexo masculino), de um total de 481 dos cursos de ciências e tecnologias, ciências socioeconómicas, línguas e humanidades, artes visuais, tecnológico de informática e tecnológico de eletrotecnia e eletrónica, matriculados na disciplina de Educação Física. As idades dos respondentes estão compreendidas entre os 14 e os 22 anos, com uma média de idades de $16,37 \pm 1,05$ anos (Tabela II).

2.TABELA II – Número e Média de Idades.

Sexo	Número	Média de Idade
Masculino	241	16,64
Feminino	213	16,55
Total	454	16,37

No que concerne à prática desportiva foram identificados 180 (39,60%) alunos praticantes, e 274 (60,40%) alunos não praticantes.

Na segunda componente do estudo participaram 16 alunos (3 de sexo feminino e 13 do sexo masculino), de uma Turma (a minha) do 12º ano do curso Ciências Socioeconómica da Escola da APEL, com idades compreendidas entre os 17 e os 21 anos de idade.

6.4.1. Delineamento do Estudo

O estudo foi aplicado pelo NE da Escola da APEL no decurso do ano letivo.

Dado ser um estudo descritivo, eu e outro elemento do núcleo de estágio (Adolfo Ferraz¹⁴) recorreremos a métodos quantitativos para poder descrever, entender e intervir os dados dos objetivos transversais. Já para descrever, entender e intervir os dados ao nível dos objetivos centrais e específicos, este ficou a cargo de cada estagiário, recorrendo de igual modo a métodos quantitativos, complementados com métodos qualitativos.

6.4.2. Recolha de Dados

A recolha de dados foi realizada através da aplicação de um questionário, sendo considerado um estudo aplicado na medida em que responde a problemas imediatos; usa situações da vida real; os participantes são humanos; os resultados produzidos têm valor/aplicação direta para profissionais e há um controlo limitado sobre o ambiente de pesquisa (Thomas e Nelson, 2002).

¹⁴ Nome Fictício

Neste quadro foram definidas duas variáveis, variável independente (que será manipulada) e a variável dependente (onde será avaliado o efeito):

- Variável Dependente: Motivação para as aulas de educação física;
- Variáveis Independentes: Prática desportiva (praticantes e não participantes) e sexo.

6.4.3. Instrumento

O instrumento utilizado foi o QMEF (Questionário de Motivação para a Educação Física) adaptado por Pimental, Âmbar, Esteves e Bettencourt em 2000. Os autores deste instrumento basearam-se no QMPD (Questionário de Orientação Motivacional no Desporto) de Cruz (1988). Tendo em conta os propósitos deste estudo procedeu-se a uma adaptação do questionário, designadamente pela eliminação de duas questões.

Em cada questão os alunos optaram por uma resposta cotada numa escala de *Likert* onde apontavam o grau de concordância com as mesmas (1 - Nada; 2 - Pouco; 3 - Assim-assim; 4 - Muito; 5 - Completamente). A pontuação de cada item varia entre 1 e 5, sendo o 1 o valor mais baixo e o 5 o valor mais alto, o que implica um valor mínimo de 14 e máximo de 70. Ou seja, quanto maior o *score* de cada item, maior será a concordância do aluno e consequentemente a motivação para as aulas de EF.

6.4.4. Procedimentos de Aplicação

Através de um requerimento ao diretor pedagógico da escola da APEL, ao coordenador departamento expressões da escola da APEL e ao delegado do grupo de EF da escola da APEL (anexo (7.8.1)), foi-nos permitida aplicação do questionário QMEF.

A primeira aplicação decorreu nos dias 14 e 15 de Fevereiro de 2013. Para tal foi necessário construir e aplicar um mapa de horários contendo as datas, as horas e as salas de cada recolha. Este processo teve a aprovação do diretor pedagógico da escola da APEL, do coordenador departamento expressões da escola da APEL e do delegado do grupo de EF da escola da APEL. O objetivo foi organizar e controlar o processo para que o tempo despendido para a recolha da informação fosse o mais diminuta possível.

A recolha de dados foi efetuada digitalmente a partir do sistema de questionário disponibilizados pelo motor de busca “Google”, diminuindo assim o uso de papel e tornando o processo mais célere. Da mesma forma, todos os dados foram automaticamente processados pelo sistema que acumulou e organizou a informação num ficheiro Microsoft®.

Em relação ao segundo momento de avaliação (na minha turma), todos os procedimentos foram repetidos mas acrescentou-se um conjunto de questões de resposta aberta, as quais foram respondidas na totalidade pelos 16 alunos que compõem a minha turma, que é do curso das ciências socioeconómicas. Estas questões de resposta aberta procuram responder aos objetivos específicos definidos para a minha componente individual do trabalho, o, ou seja, “Verificar os resultados da implementação das estratégias definidas para aumentar os níveis motivacionais dos alunos praticantes e não praticantes de uma Turma específica do Ensino Secundário da Escola da APEL para as aulas de Educação Física.”

6.4.5. Processamentos de Análise

Para a organização dos dados foi utilizado o sistema operativo Microsoft® Excel. Para o procedimento de dados utilizado foi o sistema IBM SPSS STATISTICS®, versão 20. Os procedimentos decorreram em três fases.

Na primeira fase de procedimentos de dados, foram recolhidos e tratados os dados referentes as respostas das questões de identificação pessoal (1 à 7) e do estudo (8 à 20) de toda a escola em geral, ou seja, direcionada à totalidade da amostra da Escola da APEL, sem qualquer tipo de variável condicionante na primeira e com as variantes do sexo na segunda, ou seja, a primeira fase de procedimentos foi cumprida em duas análises distintas.

Na segunda fase de procedimentos de dados, foram selecionados e tratados os mesmos grupos de questões de identificação pessoal (1 à 7) e do estudo (8 à 20) a toda a escola em geral, comparativamente aos alunos praticantes e não praticantes.

Na terceira e última fase de procedimentos de dados, foram selecionados e tratados os mesmos grupos de questões de identificação pessoal (1 à 7) e do estudo (8 à 20) entre o primeiro e o segundo momento de avaliação.

Por fim, foram analisadas as questões de resposta aberta (22 à 28) à mesma turma específica da escola da APEL.

Assim, foram somados os valores obtidos na escala de *Likert* para cada questão, e ainda os pontos totais do questionário. Desta forma, tivemos acesso aos scores obtidos em cada questão para observarmos a existência, ou não, de alterações da primeira para a segunda avaliação.

Foi ainda calculada a normalidade dos dados através do teste de *Smirnov* dada a amostra ser superior a 30 indivíduos (Tabela III). Este cálculo permitiu a verificação do facto dos dados seguirem uma distribuição não normal ($p = 0$, para qualquer uma das variáveis

3. TABELA III – Teste de SMIRNOV

Normalidade			
SMIRNOV			
Total	N	X $\pm$ SD	P
	454	54,04 $\pm$ 10,32	0,000

Na análise dos dados recorreu-se a parâmetros descritivos e a um teste não paramétrico o *Mann-Whitney*. O nível de confiança utilizado para o presente estudo foi de 95%.

6.5. RESULTADOS

6.5.1 PRIMEIRA FASE: Aplicação na Escola em Geral

6.5.1.1. Dados Gerais da Amostra

Na Tabela IV podem ser observadas as médias e desvios padrão para cada uma das questões do questionário aplicado à amostra geral:

4. TABELA IV – Médias e Desvios Padrão de respostas na Amostra Geral.

Questão	$\bar{x} \pm SD$
8 - Gosto das aulas de EF.	4,04 $\pm$ 0,90
9 - Gosto de fazer exercício físico.	4,18 $\pm$ 0,94
10 - Gosto de aprender novas técnicas nas aulas de EF.	3,95 $\pm$ 0,94
11 - Quando vou para as aulas de EF sinto-me contente.	3,90 $\pm$ 1,02
12 - Gosto das matérias ensinadas nas aulas de EF.	3,70 $\pm$ 0,93
13 - Penso que nas aulas de EF o tempo passa depressa.	4,13 $\pm$ 1,02
14 - Se na escola aumentassem o número de horas semanais de EF ficava contente	3,53 $\pm$ 1,44
15 - Gosto que o professor proponha tarefas difíceis durante as aulas de EF.	3,42 $\pm$ 1,23
16 - Para mim é importante que as aulas sejam relativamente intensas para melhorar as minhas capacidades motoras.	3,81 $\pm$ 1,05
17 - Nas aulas de EF eu sou empenhado.	4,01 $\pm$ 0,83
18 - Sempre que um colega consegue realizar corretamente uma tarefa difícil na aula de EF, eu admiro-o.	3,93 $\pm$ 1,05
19 - Obter uma boa nota na disciplina de EF é algo que me preocupa.	4,04 $\pm$ 1,05
20 - Para mim a disciplina de EF é tão importante quanto as outras.	3,96 $\pm$ 1,13
21 - Obter melhores resultados (correr mais, etc.) que os colegas na disciplina de EF são para mim importante.	3,45 $\pm$ 1,24

Como é possível constatar pela Tabela IV, todas as médias se situam em valores médios superiores (entre 3,42 e 4,18), da escala de *Likert* utilizada no questionário.

Nesta análise, podemos constatar que na questão 9 (Gosto de fazer exercício físico) encontra-se a média mais elevada ($\bar{x} = 4,18 \pm 0,94$). Sendo assim, o gosto pelo exercício físico surge como o fator que mais motiva os alunos para as aulas de EF. Ou seja, a generalidade da amostra está mais motivada para as aulas de educação física pelo gosto que têm pelo exercício físico.

Por outro lado, a questão onde foi identificada a menor média ($\bar{x} = 3,42 \pm 1,23$) foi a questão 15 (Gosto que o professor proponha tarefas difíceis durante as aulas de EF). A informação revela que os alunos se desmotivam pela dificuldade da tarefa.

A maioria dos alunos manifesta satisfação com a possibilidade do aumento de horas letivas da EF nos programas curriculares, como podemos verificar na média de respostas ($\bar{x} = 3,53 \pm 1,44$) à questão 14 (*Se na escola aumentassem o número de horas semanais de EF ficava contente*). Este valor vai em sentido contrário às novas regras impostas pelo Ministério da Educação, em que a carga horária semanal da disciplina de educação física é reduzida em alguns ciclos de ensino.

Além desta satisfação com a disciplina de EF, os alunos também valorizam a nota que obtêm nela, como podemos verificar na questão 19 (*Obter uma boa nota na disciplina de EF é algo que me preocupa*) ($\bar{x} = 4,04 \pm 1,05$). No entanto, tal facto pode ser influenciado por vários fatores, nomeadamente, contribuição para a média final do secundário, autossuperação, comparação com outros colegas, etc.

Numa análise geral, é visível que os alunos da Escola da APEL, em geral, estão muito motivados e gostam das aulas de educação física ($\bar{x} = 3,86$).

6.5.1.2. Análise em função da Prática Desportiva: Praticantes Não Praticantes

Na Tabela V podem ser observadas as médias, desvios padrão e nível de significância para cada uma das questões do questionário aplicada a toda a amostra em geral, diferenciando os alunos praticantes e não praticantes.

5. TABELA V – Médias, Desvios Padrão e Nível de Significância entre Praticantes e Não Praticantes

Questão	Prática desportiva	$\bar{x} \pm SD$	ρ
8 - Gosto das aulas de EF.	Praticantes/ Não Praticantes	4,29 $\pm$ 0,84 3,88 $\pm$ 0,90	0,000*
9 - Gosto de fazer exercício físico.	Praticantes/ Não Praticantes	4,60 $\pm$ 0,67 3,90 $\pm$ 0,99	0,000*
10 - Gosto de aprender novas técnicas nas aulas de EF.	Praticantes/ Não Praticantes	4,21 $\pm$ 0,79 3,78 $\pm$ 0,99	0,000*
11 - Quando vou para as aulas de EF sinto-me contente.	Praticantes/ Não Praticantes	4,11 $\pm$ 0,86 3,76 $\pm$ 1,09	0,001*
12 - Gosto das matérias ensinadas nas aulas de EF.	Praticantes/ Não Praticantes	3,86 $\pm$ 0,89 3,59 $\pm$ 0,94	0,003*
13 - Penso que nas aulas de EF o tempo passa depressa.	Praticantes/ Não Praticantes	4,35 $\pm$ 0,84 3,99 $\pm$ 1,01	0,001*
14 - Se na escola aumentassem o número de horas semanais de EF ficava contente	Praticantes/ Não Praticantes	3,99 $\pm$ 1,32 3,23 $\pm$ 1,43	0,000*
15 - Gosto que o professor proponha tarefas difíceis durante as aulas de EF.	Praticantes/ Não Praticantes	3,88 $\pm$ 1,07 3,11 $\pm$ 1,20	0,000*
16 - Para mim é importante que as aulas sejam relativamente intensas para melhorar as minhas capacidades motoras.	Praticantes/ Não Praticantes	4,15 $\pm$ 0,85 3,59 $\pm$ 1,10	0,000*
17 - Nas aulas de EF eu sou empenhado.	Praticantes/ Não Praticantes	4,23 $\pm$ 0,76 3,87 $\pm$ 0,84	0,000*
18 - Sempre que um colega consegue realizar corretamente uma tarefa difícil na aula de EF, eu admiro-o.	Praticantes/ Não Praticantes	3,96 $\pm$ 1,03 3,91 $\pm$ 1,08	0,675
19 - Obter uma boa nota na disciplina de EF é algo que me preocupa.	Praticantes/ Não Praticantes	4,21 $\pm$ 0,98 3,93 $\pm$ 1,09	0,004*
20 - Para mim a disciplina de EF é tão importante quanto as outras.	Praticantes/ Não Praticantes	4,27 $\pm$ 0,96 3,76 $\pm$ 1,19	0,000*
21 - Obter melhores resultados (correr mais, etc.) que os colegas na disciplina de EF são para mim importante.	Praticantes/ Não Praticantes	3,77 $\pm$ 1,19 3,25 $\pm$ 1,22	0,000*

* Estatisticamente significativo para $p \leq 0.05$

Como é possível verificar na tabela V, à exceção da questão 18 (*Sempre que um colega consegue realizar correta mente uma tarefa difícil na aula de EF, eu admiro-o*), verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre as respostas dos alunos praticantes e não praticantes ($p \leq 0.05$). Ou seja, de um modo geral os alunos praticantes apresentam níveis motivacionais mais elevados para a EF comparativamente aos não praticantes.

O grupo dos alunos praticantes apresentou maiores índices motivacionais nos itens: *gosto pela disciplina; exercício físico; aprendizagem, satisfação na prática, bem-estar na aula; importância atribuída à disciplina; dificuldade na tarefa; intensidade na aula; e ainda motivação para o ego e para a tarefa.*

Verifica-se ainda que o gosto pelo exercício físico ($\bar{x} = 4,60 \pm 0,67$) e a satisfação na aula ($\bar{x} = 4,11 \pm 0,86$) são os motivos que maiores diferenças apresentam nas respostas dos dois grupos. Assim é notório o destaque dos alunos praticantes no seu interesse na aula de EF.

6.5.1.3. Análise em função do Sexo

Na Tabela VI podem ser observadas as médias, desvios padrão e nível de significância para cada uma das questões do questionário aplicado a toda a amostra em geral, diferenciando o sexo masculino do feminino

6. TABELA VI – Médias, Desvios Padrão e Nível de Significância entre o Sexo Masculino e Feminino.

Questão	Sexo	$\bar{x} \pm SD$	ρ
8 - Gosto das aulas de EF.	Masculino	4,23 $\pm$ 0,89	0,000*
	Feminino	3,82 $\pm$ 0,86	
9 - Gosto de fazer exercício físico.	Masculino	4,40 $\pm$ 0,87	0,000*
	Feminino	3,93 $\pm$ 0,96	
10 - Gosto de aprender novas técnicas nas aulas de EF.	Masculino	4,12 $\pm$ 0,92	0,000*
	Feminino	3,77 $\pm$ 0,93	
11 - Quando vou para as aulas de EF sinto-me contente.	Masculino	4,10 $\pm$ 0,96	0,000*
	Feminino	3,66 $\pm$ 0,86	
12 - Gosto das matérias ensinadas nas aulas de EF.	Masculino	3,83 $\pm$ 0,92	0,000*
	Feminino	3,54 $\pm$ 1,09	
13 - Penso que nas aulas de EF o tempo passa depressa.	Masculino	4,29 $\pm$ 1,42	0,000*
	Feminino	3,94 $\pm$ 1,38	
14 - Se na escola aumentassem o número de horas semanais de EF ficava contente	Masculino	3,83 $\pm$ 1,16	0,000*
	Feminino	3,18 $\pm$ 1,11	
15 - Gosto que o professor proponha tarefas difíceis durante as aulas de EF.	Masculino	3,80 $\pm$ 1,15	0,000*
	Feminino	2,98 $\pm$ 1,11	
16 - Para mim é importante que as aulas sejam relativamente intensas para melhorar as minhas capacidades motoras.	Masculino	4,05 $\pm$ 1,04	0,000*
	Feminino	3,54 $\pm$ 0,98	
17 - Nas aulas de EF eu sou empenhado.	Masculino	4,20 $\pm$ 0,84	0,000*
	Feminino	3,80 $\pm$ 0,77	
18 - Sempre que um colega consegue realizar corretamente uma tarefa difícil na aula de EF, eu admiro-o.	Masculino	3,66 $\pm$ 1,11	0,000*
	Feminino	4,23 $\pm$ 0,90	
19 - Obter uma boa nota na disciplina de EF é algo que me preocupa.	Masculino	4,03 $\pm$ 1,11	0,636
	Feminino	4,04 $\pm$ 0,99	
20 - Para mim a disciplina de EF é tão importante quanto as outras.	Masculino	4,07 $\pm$ 1,15	0,007*
	Feminino	3,85 $\pm$ 1,09	
21 - Obter melhores resultados (correr mais, etc.) que os colegas na disciplina de EF são para mim importante.	Masculino	3,65 $\pm$ 1,25	0,000*
	Feminino	3,23 $\pm$ 1,18	

* Estatisticamente significativo para $p \leq 0.05$

Como é possível verificar pela Tabela VI, excetuando uma questão houve diferenças estatisticamente significativas entre as respostas dos alunos do sexo masculino e do feminino ($p \leq 0.05$).

Numa análise mais específica relativamente às médias de cada grupo, podemos verificar que os alunos do sexo masculino apresentam níveis médios de concordância e com níveis de motivação superiores ($\bar{x} = 4,01$). Este grupo de alunos apresentou maiores índices motivacionais para: *o gosto pela disciplina; exercício físico; aprendizagem, satisfação na prática, bem-estar na aula; importância atribuída à disciplina; dificuldade na tarefa; intensidade na aula; e ainda motivação para o ego e para a tarefa*. Ou seja, é expectável que os alunos do sexo masculino tenham, à partida, mais motivação para as aulas de EF.

As principais diferenças registadas entre os dois grupos residem nas questões 15 e 16, nas quais as raparigas demonstraram menores índices motivacionais para a dificuldade ($\bar{x}_{\text{femininos}} = 2,98 \pm 1,11$) e intensidade das tarefas ($\bar{x}_{\text{femininos}} = 3,54 \pm 0,98$). Aqui os rapazes tendem a dar mais valor ao aumento da dificuldade e intensidade da aula o que contribui para o aumento da sua motivação.

Já na questão 18 (*Sempre que um colega consegue realizar corretamente uma tarefa difícil na aula de EF, eu admiro-o*) deu-se o inverso, as raparigas apresentaram uma média superior aos rapazes no que concerne à importância atribuída ao sucesso do colega ($\bar{x}_{\text{femininos}} = 4,23 \pm 0,90$). Aqui verificou-se que os rapazes não dão tanta importância ao sucesso dos colegas em tarefas de grau superior de dificuldade como as raparigas.

Por fim, apenas na questão 19 (*Obter uma boa nota na disciplina de EF é algo que me preocupa*) não se registaram diferenças significativas entre os grupos, onde as médias rondaram o valor 4 da escala de Likert ($\bar{x}_{\text{masculinos}} = 4,03 \pm 1,11$; $\bar{x}_{\text{femininos}} = 4,04 \pm 0,99$). Ou seja, tanto os rapazes como as raparigas dão valor semelhante à obtenção de uma boa nota na disciplina de EF.

Se fizer uma retrospectiva à questão que coloquei no preâmbulo deste estudo relativamente às diferenças entre o sexo masculino e feminino ao nível motivacional para as aulas de educação física, posso inferir, pelo menos para esta população da escola da APEL, que as raparigas apresentam valores mais baixos de motivação ($\bar{x} = 3,68$) quando comparadas com o nível de motivação dos rapazes ($\bar{x} = 4,01$), embora ambos sejam satisfatórios.

6.5.2 SEGUNDA FASE: Aplicação na Turma

No que respeita à análise da turma será aqui apresentado a média e o desvio padrão, referente ao primeiro e ao segundo momento de avaliação.

7. TABELA VII – Médias e Desvios Padrão do Primeiro e Segundo Momento / Turma

Questão	1º Momento	2º Momento
	$\bar{x} \pm SD$	$\bar{x} \pm SD$
8	4,17 $\pm$ 0,78	4,66 $\pm$ 0,47
9	4,29 $\pm$ 0,74	4,33 $\pm$ 0,84
10	4,17 $\pm$ 0,74	4,33 $\pm$ 0,74
11	4,11 $\pm$ 0,89	4,41 $\pm$ 0,75
12	3,82 $\pm$ 0,61	4 $\pm$ 0,57
13	4,52 $\pm$ 0,60	4 $\pm$ 0,57
14	4,11 $\pm$ 1,18	4,3 $\pm$ 0,74
15	4,23 $\pm$ 0,80	3,9 $\pm$ 1,03
16	4,41 $\pm$ 0,69	4,25 $\pm$ 0,92
17	4,11 $\pm$ 0,67	4,16 $\pm$ 0,79
18	3,58 $\pm$ 0,84	4,16 $\pm$ 0,79
19	4 $\pm$ 1,13	4,16 $\pm$ 0,79
20	4,58 $\pm$ 0,49	4,58 $\pm$ 0,49
21	3,52 $\pm$ 1,09	3,0 $\pm$ 1,25

Uma vez que a amostra da turma é pequena, a opção foi não efetuar os níveis de significância das diferenças motivacionais entre o primeiro e o segundo momento. No entanto, podemos constatar que houve uma ligeira subida na média da motivação da turma do primeiro momento ($\bar{x} = 4,11$) para o segundo momento ($\bar{x} = 4,16$), o que, à partida, denuncia resultados positivos. Porém, uma vez que essa diferença parece ser muito diminuta, não podemos tirar elações conclusivas sobre esses mesmos resultados.

Todavia, estes resultados quando comparados com a média da motivação da Escola da APEL em geral ($\bar{x} = 3,86$) são positivos, pois demonstram que a minha turma encontra-se mais motivada que a média da escola para as aulas de educação física (primeiro momento ($\bar{x} = 4,11$) / segundo momento ($\bar{x} = 4,16$)).

Mas quais foram as estratégias implementadas?

6.6. AÇÃO

6.6.1. Estratégias implementadas

Perante as características da turma, individualmente e coletivamente, a disponibilidade das instalações e da modalidade que estava a lecionar na altura (Judo), foram definidas duas estratégias de ensino para dar voz aos objetivos que almejávamos: aumentar a motivação dos praticantes, neste caso de um aluno federado, bem como a motivação dos restantes alunos da turma.

6.6.1.1. Atribuir Maior Autonomia aos Praticantes

Esta foi a estratégia basilar que serviu de suporte a todas as outras “pequenas estratégias” que acabaram por surgir a partir desse ponto.

1. Utilizar o aluno federado no sentido de INTRODUZIR matéria nova à turma, como foi no caso da apresentação do fato de judo (JUDO GI). Esta estratégia também possibilitava ao professor saber se o aluno federado estava preparado ou não para assumir o seu “dever” perante a turma. Exemplificando:

O professor chama o aluno federado para que explique à turma para que serve e como se veste o fato de judo (JUDO GI). Por sua vez, como podemos constatar pela imagem 1, o aluno federado chamou um colega e demonstrou à turma, de outra perspetiva, como se veste o fato de judo (JUDO GI) e se realiza o nó.

Deste modo, enquanto professor percebi se este aluno federado era capaz de ensinar e de demonstrar. Da mesma forma, deu para entender que a turma respeitava o colega como “educador”.



FIGURA 2. Aluno Praticante a Introduzir a Matéria à Turma

2. Conceber ao aluno federado a liberdade de usufruir dos seus conhecimentos e habilidades para EXERCITAR sozinho as aprendizagens dos colegas, nomeadamente nos “nós” do cinto do fato de judo (*JUDOGI*). Exemplificando:

Como podemos constatar pela imagem 2, enquanto o professor (eu) realizava as tarefas de saudação (*REI*) / exercitação com a turma, o aluno federado encontra-se o lado extremo da sala exercitar com o colega os “nós” do cinto de judo (*JUDOGI*). Este ponto esteve muito dependente da confiança e do conhecimento que o professor recolheu que o aluno federado tinha da matéria de ensino.



FIGURA 3. Aluno Praticante a Exercitar a Matéria

Esta estratégia revelou-se motivante para todos os alunos, quer para o aluno federado, como para os restantes. Também eu, enquanto professor, considerei que foi uma excelente forma de rentabilizar o tempo de aula, pois duas matérias estavam a ser tratadas no mesmo momento e com grande qualidade.

Por fim, a última estratégia foi utilizar o aluno federado como agente de ensino (EXEMPLIFICAR). Neste aspeto o professor rentabilizou o bom nível de prática do aluno federado, nomeadamente nas quedas (UKEMI), para demonstrar à turma os aspetos essenciais da habilidade técnica.

Resumindo, o objetivo foi conceder ao aluno federado a liberdade de usufruir dos seus conhecimentos e habilidades para INTRODUZIR, EXERCITAR E EXEMPLIFICAR a matéria de ensino aos seus colegas, sempre sob o controlo do professor.

6.6.1.2. Atribuir Mais Responsabilidade à Turma

Esta estratégia surge na sequência da anterior, pois se por um lado exigia do aluno federado capacidade de “ensinar” os colegas, exigia-se que os restantes alunos da turma respeitassem o colega que se encontrava na função de educador.

O objetivo foi “surpreender” a turma pelo facto de ser um aluno e colega de turma a assumir a responsabilidade sobre a turma em geral no ato de ensinar, utilizando o seu conhecimento e experiência em benefício de todos os colegas e do professor.

Podemos dizer então que as estratégias centraram-se na manipulação de dois fatores: AUTONOMIA E RESPONSABILIDADE. As restantes estratégias partiram destes princípios nos vários momentos da aula, da matéria e sobretudo da função didática.

A turma tinha três alunos praticantes em desportos de combate, pelo que estes foram solicitados em função seus níveis de conhecimento e sociabilidade com a turma, nomeadamente, respeito, integridade, honestidade e seriedade.

O grau de autonomia foi definido consoante a distância que havia entre o professor e o aluno federado quando este assumia o papel de agente de ensino. Desta forma, o objetivo é o professor afastar-se do aluno federado e “escapar” aos olhos dos restantes alunos, na procura de que os alunos fiquem em total autonomia.

Esta postura de distância e de confiança pode ser observada nas figuras 2 e 3. Na figura 2 o professor (eu) está afastado do aluno federado e do olhar da turma. Na figura 3 o professor (eu) estou voltado de costas para o aluno federado, denunciando uma total confiança na sua intervenção.

6.6.2. Análise das Questões Abertas

No segundo momento de avaliação foi pedido aos alunos que respondessem a 6 questões de resposta aberta para além do questionário geral.

Passo a analisar cada questão.

6.6.2.1. Qual a tua opinião em relação às aulas de Educação Física deste ano letivo? (questão 1)

Antes de mais, esta questão não responde diretamente aos problemas levantados pelo estudo, porém, para mim como professor destes alunos, foi muito interessante constatar a sua opinião em relação às minhas aulas.

Todas as respostas foram positivas, o que me alegra e me faz sentir imensa falta deles. Em relação às respostas concretas reparo que, apesar de positivas, existe alguma falta de especificação de algumas opiniões em relação às aulas de Educação Física deste ano letivo, senão vejamos.

*“Eu acho que o professor fez com que as aulas deste ano fossem **divertidas** mas **intensas**.”* (Ada Leda Rogato)

*“Decorreram de acordo com as expectativas, **sempre com tarefas mais complicadas que outras**, mas sempre que houvesse alguma dúvida ou dificuldade o professor estava **sempre lá para ajudar e apoiar**.”* (George Cayley)

Concordo com ambas as opiniões descritas e na minha opinião, acho que as minhas aulas foram muito boas, foi definitivamente o ponto mais forte do meu estágio. Tenho imenso orgulho da minha prática, sobretudo pela pertinência das minhas ações nos mais variados aspetos do estágio, desde o planeamento da própria aula à relação com os alunos e dos demais órgãos da escola da APEL.

6.6.2.2. O que é que mais gostaste? E o que é que menos gostaste? (questão 2)

Mais uma vez refiro que esta questão não responde diretamente aos problemas levantados pelo estudo, porém, para mim como professor destes alunos, foi muito interessante constatar a sua opinião em relação às minhas aulas.

Ao analisar as respostas reparo que a opinião dos alunos foi muito distinta. Contudo, posso afirmar que de todas as modalidades que lecionei durante o ano, pelo menos uma vez, cada uma das modalidades foi definida como a favorita ou menos favorita pelos alunos.

Segundo a revisão da literatura realizada faz sentido porque apesar de eu ter manipulado os gostos dos alunos ao longo do ano, muitos dos seus “gostos” já estão “demarcados” de outros anos, o que, no meu entender, condicionou as respostas a esta questão. Ou seja, suponho que as respostas dos alunos a esta questão não estão diretamente relacionadas com a minha qualidade enquanto professor em determinada matéria ou modalidade. Da mesma forma, suponho que a qualidade dos alunos em determinada modalidade influencia diretamente o “gosto” pela mesma.

6.6.2.3. O que é que distinguiu as aulas deste ano letivo de anos anteriores? Podes apresentar alguns exemplos? (questão 3)

Apesar de esta questão não ir diretamente ao encontro dos problemas levantados pelo estudo, reparei que algumas das frases elaboradas pelos alunos justificam alguns dos dados produzidos, responde porque é que os níveis de motivação da minha turma são superiores à média da escola em geral. Senão vejamos.

*“O professor era diferente e como este era um estagiário as aulas eram igualmente intensas como **motivadoras**” (Percy Pilcher)*

*“Não foram diferentes porque sempre tivemos bons professores nos últimos dois anos e o professor deste ano era de igual forma bom a dar a aula, **motivador**” (Henry Farman)*

Talvez a “motivação” fosse uma das qualidades específicas das minhas aulas, tal como as dos restantes professores de Educação Física da Escola da APEL.

6.6.2.4. Que modalidades coletivas é que mais gostaste de abordar nas aulas de Educação Física (Voleibol, Futebol ou Basquetebol)? Porquê? E modalidades individuais (Judo, Musculação ou Ténis de Campo? Porquê? (questão 4)

Perante as respostas elaboradas reparo que a nível coletivo, a modalidade favorita dos alunos foi a modalidade de Basquetebol realizada no terceiro e último período. Já no que se refere às modalidades individuais, a Musculação e o Judo foram definidas pelos alunos como as favoritas, exatamente com o mesmo número de “votos”.

No entanto, reparo que as disciplinas favoritas dos meus alunos foram as do terceiro período. Suponho que isso acontece porque os alunos têm mais em conta a última experiência, ou seja, poderá aqui haver um “efeito de recência”.

(4.1) Porquê: *“Porque já tinha uns pequenos conhecimentos e sempre gostei de ver na TV”*

Por outro lado, reforça a resposta à questão 2 (O que é que mais gostaste? E o que é que menos gostaste?) uma vez que sublinha o facto das experiências anteriores influenciaram as escolhas atuais, nomeadamente nos gostos.

6.6.2.5. (5) - O que é que consideras que poderia melhorar nas aulas de Educação Física?

Esta foi a questão com que fiquei desiludido, pois não constatei nenhuma evidência plausível e concreta que pudesse analisar. Todavia, apesar de alguns alunos terem dito que “*não há nada a mudar*”, não partilho da mesma opinião.

Se fosse a fazer tudo de novo, o meu primeiro objetivo seria exatamente igual (criar laços de afetividade com os alunos a fim de potencializar a s suas situações de aprendizagens) mas tudo em si teria que ser “obrigatoriamente” melhor e com menos erros. Porém, estou consciente que outras oportunidades de aprendizagem iriam surgir e, conseqüentemente, outros erros iriam surgir. Mas sempre seria melhor professor!

6.6.2.6. **Sentes alguma vantagem em utilizar um aluno federado como fonte de ensino nas aulas de Educação Física? (ex. Wilbur Wright¹⁵ na modalidade de Judo), (questão 6)**

Esta questão responde indiretamente aos problemas levantados pelo estudo. As novas estratégias implementadas foram muito concretas, o que no meu entender ajudou os alunos a perceberem que algo tinha mudado nas aulas de Educação Física.

Ao longo desta experiência reparei que os alunos gostaram mais das aulas de educação física em resultado das estratégias implementadas, não só por ser um colega “a dar a aula”, como também pelas aulas serem, automaticamente, diferentes, o que para muitos alunos é por si só um fator motivador.

Vejamos algumas das vantagens.

*“Sim, de uma certa forma ajudou, pois tecnicamente **havia dois professores**”*

(Samuel Pierpont Langley)

*“Sim, para ser **um auxílio à explicação do professor**”*

(Leonardo da Vinci)

*“Sim, porque tendo alunos com experiência nas modalidades é mais fácil para nós **observarmos a técnica e caso haja dúvida podemos dirigir-nos ao colega caso o professor esteja com outro aluno.**”*

(Charles Lindbergh)

*“Claro que sim, para além do professor **sempre nos ajuda e nos apoia.**”*

(Amy Johnson)

*“Sim, pois **ajuda o professor em alguns aspetos**”*

(Santos Dumont)

Apesar de nenhuma das respostas evidenciar que foi mais motivador ou não as estratégias que foram implementadas foram referenciadas pelos alunos como muito vantajosas.

¹⁵ Nome fictício

Podemos ver que segundo a opinião dos alunos, utilizar um aluno federado durante o processo de aprendizagem é como usufruir de dois professores, aumentando a eficácia do ensino. Os alunos reconhecem igualmente que poderá ser uma ajuda ao próprio professor da turma na transmissão da matéria. Por fim, o aluno federado parece ser um ponto de ajuda, fora e dentro das aulas, uma vez que ele está mais perto dos colegas e durante mais tempo.

6.7. CONCLUSÃO

Os valores médios de resposta ao questionário evidenciaram que os alunos da escola da APEL estão motivados para as aulas de educação física. Porém, em média, os alunos demonstram que estão mais motivados para as aulas de educação física devido ao gosto que têm com o exercício físico.

A nível estatístico, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre as respostas dos alunos praticantes e os não praticantes. De um modo geral os alunos praticantes apresentam níveis motivacionais mais elevados quando comparados com os alunos não praticantes para as aulas de educação física.

Em relação à variável do sexo, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre as respostas dos alunos do sexo masculino com os alunos do sexo feminino. Os alunos do sexo masculino apresentam de forma estatisticamente significativa maior nível de motivação para as aulas de educação física quando comparado com os alunos do sexo feminino. No entanto, ambos os sexos encontram-se motivados para as aulas de educação física. Verifica-se igualmente que a maior diferença registada entre os dois sexos se relaciona com a dificuldade da tarefa, sendo que o sexo masculino tende a dar mais valor ao aumento da dificuldade e da intensidade da aula do que o sexo feminino.

Em relação à segunda componente do estudo relativo à minha turma, a avaliação entre o primeiro e segundo momento evidencia uma ligeira subida na média da motivação do primeiro para o segundo momento. Interessante foi verificar que, em média, esta turma esteve sempre mais motivada que a Escola da APEL em geral para as aulas de educação física, tanto no primeiro como no segundo momento de avaliação.

No que se refere às questões de resposta aberta, não consegui determinar se as estratégias que implementei contribuíram, ou não, para o aumento da motivação para as aulas de educação física.

6.8. BIBLIOGRAFIA DO ESTUDO

Alves, D. (2003). *Determinantes Motivacionais para as aulas de Educação Física: O caso dos alunos do ensino secundário do conselho de Vila Nova de Gaia*. Porto: Dissertação apresentada com vista à obtenção do Grau de Mestre em Ciências do Desporto na Área de Especialização de Desporto para Crianças e Jovens;

Pimentel, B.; Âmbar, C.; Esteves, P.; Bettencourt, R. (2000). *Motivação dos Alunos para a Educação Física*. Seminário Escola Básica 3/S das Laranjeiras, Núcleo de Estágio de Educação Física 99/2000. Ponta Delgada, 27 de Março de 2000;

Bidutte, L. (2001). *Motivação nas aulas de Educação Física em uma Escola Particular*. Versão impressa ISSN 1413-8557 Psicol. Esc. Educ. V.5 n.2 Campinas

Marzinek, A.; Neto, A. (2007). *A Motivação de Adolescentes nas Aulas de Educação Física*. Revista Digital - Buenos Aires - Ano 2011 - Nº 105 - Fevereiro de 2007;

Ferrer-Caja, E.; Weiss, Maureen R. (2000). *Predictors of Intrinsic Motivation Among Adolescent Students in Physical Education*. American Alliance for Health, Physical Education, Recreation and Dance. Vol. 71, No. 3, pp. 267-279. September 2000;

Carlson, T. (1995). *We Hate Gym: Student Alienation from Physical Education*. Journal of Teaching in Physical Education, v14 n4 p467-77. July 1995.

SIMONS, D.; VAN RHEENEN, D.; COVINGTON, V. (1999). *Academic Motivation and the Student Athlete*. Journal of College Student Development, v40 n2 p151-62. Mars-April 1999.

6.9. ANEXOS

6.9.1 - Requerimento ao diretor pedagógico da escola da APEL, ao coordenador departamento expressões da escola da APEL e ao delegado do grupo de EF da escola da APEL



Requerimento



Dr. Franco

Nós, Bárbara Catarina Diogo de Sousa, Miguel Afonso Encarnação Telo Franco, José Vítor Camacho Ferreira e Vítor Hugo Freitas Pereira, professores estagiários da Escola da APEL e alunos do 2º ciclo do Ensino da Educação Física no Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Vimos por este meio, solicitar a V. Ex.a, Diretor Pedagógico da Escola da APEL, a permissão para a recolha de dados, durante o mês de Fevereiro, neste estabelecimento de ensino.

Mais informamos que os temas para as nossas Investigações-ação são:

- "A MOTIVAÇÃO DOS ALUNOS DO ENSINO SECUNDÁRIO PARA AS ATIVIDADES RÍTMICAS EXPRESSIVAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA – Estudo realizado na Escola da APEL da Região Autónoma da Madeira”;
- "MOTIVAÇÃO DOS ALUNOS FEDERADOS EM MODALIDADES PARA AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA – Estudo realizado na Escola da APEL da Região Autónoma da Madeira”;
- "MOTIVAÇÃO DOS ALUNOS NÃO FEDERADOS PARA AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA - Estudo realizado na Escola da APEL da Região Autónoma da Madeira”;
- "MOTIVAÇÃO DOS ALUNOS DO SEXO FEMININO DO ENSINO SECUNDÁRIO PARA AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM DESPORTOS DE CONTATO FÍSICO (FUTEBOL, RÂGUEBI, BASQUETEBOL E ANDEBOL): estudo realizado na escola da APEL da Região Autónoma da Madeira.”,

Os estudos acima referenciados serão parte integrante do Relatório Final de Estágio, com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário.

7. CONCLUSÃO GERAL

CONCLUSÃO GERAL

E tudo acabou assim (Quadro t.)

Quadro t. Ponto de Situação - TANGO

Relatório de Inspeção: 16 Dia: 8 de Junho de 2012 Hora: 09:20

Observação: *Afinal de contas... é a última! Por agora...*

É hora de voltar a casa, mas antes disso vou olhar para trás, para linha do tempo que ficou sublinhada por uma experiência maravilhosa, a experiência de me transformar e ser Professor.

“Aquele que quer aprender a voar um dia precisa primeiro aprender a ficar de pé, caminhar, correr, escalar e dançar; ninguém consegue voar só aprendendo voo.”

(Friedrich Nietzsche)

É na pertinência desta frase que para mim o *enquadramento pessoal* faz todo o sentido. Apesar da minha extensa preparação que se resume, neste momento, a um ano letivo recheado de maravilhosas situações de aprendizagem, a verdade é que o caminho que percorri até aqui foi importante para o que hoje sou, Professor.

Ao longo da construção do primeiro capítulo apercebi-me que os contributos para a minha formação nem sempre foram deliberados, isto é, que o caminho não foi apenas marcado pelas minhas próprias decisões, mas sim, por um conjunto de pessoas, de momentos e de situações que de modo consciente e ao mesmo tempo inconsciente me conduziram até estas “palavras”.

O termo de responsabilidade cresce significativamente no segundo capítulo, *enquadramento institucional*, pois ao assumir a consciência dos pressupostos legais, institucionais e funcionais em que a prática de ensino supervisionada decorreu, inúmeras questões se colocaram, questões essas importantes na experiência que é aprender a ser Professor.

Quais os conteúdos da Educação Física?

Não existem conteúdos fixos sobre esta temática, variam de olhar para olhar e de experiência para experiência. É claro que de um modo “formal” os conteúdos programáticos são a essência desta e de outras matérias (ex. Matemática, Português), mas ninguém passa por esta experiência de ser professor transmitindo apenas esses conteúdos, *afinal de contas*, também passei um pouco de mim aos meus alunos e eu não creio que seja constituído apenas por conteúdos. Para mim, de forma contextualizada, os conteúdos de educação física são o respeito, trabalho de equipa, superação, cooperação, entre outros... pois foi este conjunto de conteúdos que, para mim, tornou a minha aula / disciplina única para os meus alunos.

Para mim, o que é ser Professor de Educação Física?

Antes de saber o que é ser professor de educação física, primeiro tive que saber o que é ser “Professor”. Para mim ser professor apenas se resume a uma arte. A arte de ensinar! É daqui que partem todos os sentimentos, todas as emoções, todo o trabalho, toda a magia, toda uma vida... mas também, toda uma dificuldade, *afinal de contas*... estamos a formar pessoas! Ser professor de educação física foi “simplesmente” o realizar de um sonho, *afinal de contas*... quantas pessoas têm a felicidade de alcançar os seus sonhos?

Que legitimidade tem a disciplina de Educação Física?

Este é um pensamento que surge por íntima defesa, sobretudo devido aos tempos em que se vive, em que pouca gente dá valor aos outros. O mesmo acontece nas profissões, parece que se está a criar uma hierarquia estigmatizada que apenas parece prejudicar a nossa comunidade e a sociedade em geral.

No entanto, para mim o “movimento” e o “corpo” são a nossa maior arma da importância de aprendizagem da nossa disciplina. Esta necessita de um processo de desenvolvimento e este também deverá ser matéria de ensino (corpo e a mente). *Afinal de contas*, que outras disciplinas trabalham o indivíduo como um todo, ou seja, a pessoa?

O que é ser Professor de Educação Física na Escola da APEL?

Para mim ser professor na Escola da APEL foi uma excelente oportunidade de iniciar a vida docente no contexto real, mas ao mesmo tempo específico, *afinal de contas*, pretendo viver e trabalhar na RAM. Porém, foi uma experiência, digamos, particular, pois a escola da APEL é uma escola semiprivada e todo o seu sistema de

ensino é privativo. Isso trouxe um complemento a esta reta final do 2º ano do mestrado, pois no primeiro ano tive a oportunidade de ensinar em diversas escolas públicas da cidade do Porto, e agora, uma oportunidade magnífica de adicionar ao meu currículo uma experiência particular (privada) mas ao mesmo tempo contextualizada.

Que ênfase existe nas aulas da disciplina de Educação Física?

Independentemente das minhas crenças, todas as aulas tiveram ênfase no conceito de aprendizagem, pois esta foi a minha função perante toda a instituição escolar e toda a comunidade educativa (ponto).

Qual a maior conquista deste ano?

O termo conquista para mim provém da vitória, e a “vitória” de ser Professor não se atinge em apenas um ano, ser professor é e será sempre uma aprendizagem constante, ou seja, uma meta sempre possível de alcançar mas nunca possível de definir (concretamente).

Todavia, este ano foi magnífico, certamente um dos melhores da minha vida e formação. Não só por ter experienciado o Estágio Profissional dos meus sonhos, mas sim, por ter voltado, após quatro anos, à minha terra natal, ao clube onde pratiquei natação durante muitos anos e ter iniciado a atividade de treinador...

O que mudou em mim do início ao fim deste ano de estágio?

Ao longo de construção desde relatório, sobretudo do *enquadramento pessoal*, tomei consciência que não é nada fácil descrever, literalmente, quais foram os contributos de uma experiência tão longa e gradual. Digamos que é como olhar ao espelho todos os dias à procura de diferenças... mais ainda, eu “voo” olhando para a frente... *afinal de contas*...

“Nenhum pássaro voa olhando pra suas asas”

(Fabrício Carpinejar)

No entanto, apercebo-me que não sou o mesmo! Mas *afinal de contas*, o que mudou em mim? Hoje sinto que sou um melhor professor, no entanto, senti o mesmo no meu primeiro momento (primeira aula) ...

Acho que o que mudou em mim foi a consciência sobre o que faço, para quem faço e porque faço. Ou seja, é na confiança com a consciência que vou crescendo e, automaticamente, mudando...

Recurso a outras ferramentas de forma complementar o nosso ensino.

Desde o início que me apercebi que a faculdade não disponibiliza todas as ferramentas para o futuro. Porém, hoje reconheço que a faculdade disponibilizou uma ferramenta que me permitiu alcançar as mais variadas “altitudes” deste “voo”: A “fonte do conhecimento”, que parte da formação académica, crenças, estudo autónomo, etc... até onde necessitar.

A importância da credibilidade de um Professor no contexto escolar.

Se para mim ser professor tem imensa credibilidade no seio da sociedade, muito mais terá no contexto escolar. Porque ser professor no contexto escolar não se restringe apenas ao ato de ensinar o aluno, existem outras obrigações agregadas a esse papel que fazem com que a escola funcione como uma instituição (delegado de grupo, direção de turma, atividades extracurriculares, etc.).

A forma como respondo a esta questão (a anterior) surge pelo que aprendi, em parte, no terceiro capítulo, *estágio profissional: entendimento e expectativas*. De modo particular, foi uma resposta atribuída por um grupo de pessoas que trabalhou comigo ao longo do ano letivo, o Gabinete de Educação Física da APEL e que sem eles, este estágio teria uma “altitude de cruzeiro” mais baixa.

Ainda neste terceiro capítulo retrato outro conjunto de pessoas que trabalhou comigo nesta “viagem” e que me ajudaram a definir a rota e, de certo modo, o seu destino. Digamos que foram os meus “assistentes de bordo”. Hoje posso dizer, não escolhia outra equipa... o núcleo de estágio, o professor cooperante e a professora orientadora, todos tiveram o seu contributo. A mim apenas bastou ser inteligente o suficiente para recolher todos os momentos de aprendizagem que estes me permitira aceder.

No quarto capítulo não me contive, pois não bastava descrever a minha experiência, tinha que personalizá-la, mas o que se pode fazer...

“Nunca se pode concordar em rastejar, quando se sente ímpeto de voar”

(Helen Keller)

Esta frase enquadra-se perfeitamente na minha paixão de ser professor e de voar (aviões), quer seja na realidade ou no mundo virtual... a verdade é que são dois gostos que, literalmente, convergem!

A escolha por este tema, estrutura e narrativa para o quarto capítulo prende-se à minha paixão por voar, talvez desenvolvido por viver numa ilha, mas a verdade é que existe. No entanto, a essência desta escolha, mas sobretudo do tema, está na analogia do livro “*A Maravilhosa Viagem de Nils Holgersson através da Suécia*”, uma obra de Selma Lagerlöf. Algo que me inspirou e orientou na estrutura desde relatório pelo simples facto de combinar uma experiência pedagógica com o talento de uma narradora. Porém, do livro sobressai a exaltação do trabalho, da boa vontade e da caridade, e de valores como o respeito pela natureza, a importância do trabalho em grupo e a integridade. Tudo aquilo que se materializou neste Estágio Profissional.

É no desenvolvimento deste capítulo (quinto), que as vivências mais marcantes desta vivência de aprender a ser professor ganhou “asas”. No desenvolvimento deste capítulo tive a preocupação de transcrever todo o meu percurso de forma deliberada e contextual, em que tentei atribuir uma ordem temporal às experiências que vivi. Da mesma forma, o facto de ter personalizado e descrito todo o processo em torno de uma narrativa foi importante como elemento motivador, pois não foi nada fácil escrever este relatório. O “trajeto” foi demoroso e confesso que até ter “terra à vista” toda a viagem parecia sem fim, *afinal de contas*, foram inúmeros os momentos que tornaram este estágio numa magnífica experiência.

Por fim, o sexto e último capítulo foi atribuído ao Projeto Investigação, que qual gostei particularmente de fazer. Considero que o núcleo de Estágio, juntamente com os ambos os professores (orientador e cooperante) foi muito inteligente em convergir os quatro estudos (quatro estagiários) num só, ampliando assim a sua dimensão. Confesso que estou muito satisfeito com a particularidade do meu estudo, foi útil e com resultados palpáveis, o que contribuiu para a minha formação e para a escola da APEL também.

Agora que estou abarcando na ponte telescópica (manga do aeroporto) começo a tomar total consciência dos momentos que vivi... *afinal de contas*...

“Uma vez tendo experimentado voar, caminharás para sempre sobre a Terra de olhos postos no Céu, pois é para lá que tencionas voltar”

(Leonardo da Vinci)

Para concluir, este relatório representa muitas horas de trabalho, físico e psicológicas. Tentei transcrever ao máximo os meus sentimentos e nunca as minhas emoções, *afinal de contas*, a emoção é instantânea e o sentimento é duradouro... Dedico esta última frase ao meu Relatório de Estágio:

“Amanhã pretendo acordar com a impressão que todas estas palavras são verdadeiras... para daqui a uns anos rever este capítulo da minha formação, trazer de volta todos os sentimentos, transformá-los numa emoção e resumi-los numa lágrima.”

(Vítor Pereira)



FIGURA 4. Os Alunos, o Estudante e os Professores

*“Em nome de toda a equipa,
um **MUITO OBRIGADO** por ter vivenciado as minhas experiências,
- Aguardo impientemente pelo próximo voo!”*

Até lá, Vítor Pereira

8. BIBLIOGRAFIA GERAL

Alves, D. (2003). *Determinantes Motivacionais para as aulas de Educação Física: O caso dos alunos do ensino secundário do conselho de Vila Nova de Gaia*. Porto: Dissertação apresentada com vista à obtenção do Grau de Mestre em Ciências do Desporto na Área de Especialização de Desporto para Crianças e Jovens;

Bidutte, L. (2001). *Motivação nas aulas de Educação Física em uma Escola Particular*. Versão impressa ISSN 1413-8557 Psicol. Esc. Educ. V.5 n.2 Campinas

Belotti, S. H. A., & FARIA, M. A. D. *Relação professor/aluno*. Revista Eletrônica Saberes

Bercht, M. (2001). *Em direção a agentes pedagógicos com dimensões afetivas*.

Carlson, T. (1995). *We Hate Gym: Student Alienation from Physical Education*. Journal of Teaching in Physical Education, v14 n4 p467-77. July 1995.

COSTA, V. L. P. (2002). *Função Social da Escola*. Revista em Aberto, (44).

ESTEVES, M. RODRIGUES (1995), A. *A formação de professores: especificidades e problemas*. In: Análise de necessidades na formação de professores. Lisboa: Porto, 1995, p.39-42.

Ferreira, D. (2012). *Uma Viagem pelo Estágio: entre Dificuldades e Conquistas*. Relatório de Estágio Profissional. Porto: D. Ferreira. Relatório de Estágio Profissional para obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado à Faculdade de Desporto, Universidade do Porto.

Ferrer-Caja, E.; Weiss, Maureen R. (2000). *Predictors of Intrinsic Motivation Among Adolescent Students in Physical Education*. American Alliance for Health, Physical Education, Recreation and Dance. Vol. 71, No. 3, pp. 267-279. September 2000;

Frederico de Sousa Silva, Relatório de Estágio apresentado com vista à obtenção do Grau de Mestre (Decreto-lei nº 74/2006 de 24 de Março e o Decreto-lei nº 43/2007 de 22 de Fevereiro) em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundários em Junho de 2010;

GRANT, R. G. (2003). *Flight–100 years of aviation*. Aircraft Engineering and Aerospace technology, 75(2).

JACQUES DELORS (2001) *Educação, um tesouro a descobrir* - Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI (2001) de, Porto, Edições Asa, p.1-17.

JULIO GROPPA AQUINO (1997). *Erro e fracasso na Escola: alternativas teóricas e práticas / coordenação*, p.12. São Paulo: Summus, 1997.

Marzinek, A.; Neto, A. (2007). *A Motivação de Adolescentes nas Aulas de Educação Física*. Revista Digital - Buenos Aires - Ano 2011 - Nº 105 - Fevereiro de 2007;

Moreira, P. J. L. (2012): *Entre a experiência e o significado atribuído ao Estágio Profissional: Relatório de Estágio Profissional*. Porto: P. Moreira. Relatório de Estágio Profissional para a obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

PESSOA, F., LIND, G. R., & DO PRADO COELHO, J. (1966). *Páginas Íntimas e de Auto-interpretação*. Edições Ática

Pimentel, B.; Âmbar, C.; Esteves, P.; Bettencourt, R. (2000). *Motivação dos Alunos para a Educação Física*. Seminário Escola Básica 3/S das Laranjeiras, Núcleo de Estágio de Educação Física 99/2000. Ponta Delgada, 27 de Março de 2000;

Ribeiro, V. (2012). Aprender a ser Professora: do Conhecer ao Ser. Relatório de Estágio Profissional. Porto: V. Ribeiro. Relatório de Estágio Profissionalizante para a obtenção do grau de mestre em Ensino de Educação Física no Ensino Básico e Secundário, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Silva, A. (2011). *Relatório de Estágio Profissionalizante*. Porto: A. Silva. Relatório de Estágio Profissionalizante para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

SIMONS, D.; VAN RHEENEN, D.; COVINGTON, V. (1999). *Academic Motivation and the Student Athlete*. *Journal of College Student Development*, v40 n2 p151-62. Mars-April 1999.

SOUZA, D. B. (Dezembro de 2009). Os Dilemas do Professor Iniciante: Reflexões sobre os cursos de formação inicial. *Revista Multidisciplinar da UNIESP*.

VEENMAN, S (1984). *Perceived Problems of beginning teachers*. In: *Review of Educational Research Summer*, v.54, n.2, 1984, p.143-178.

SITES

Autor/Título: *A Maravilhosa Viagem de Nils Holgersson através da Suécia*

Disponível em:

http://pt.wikipedia.org/wiki/A_Maravilhosa_Viagem_de_Nils_Holgersson_atrav%C3%A9s_da_Su%C3%A9cia

Consultado a: 16 de Agosto de 2013.

Autor/Título: FADEUP - Apresentação.

Disponível em:

http://sigarra.up.pt/fadeup/pt/web_base.gera_pagina?P_pagina=1182

Consultado a: 11 de Setembro de 2013;

Autor/Título: FADEUP, Metodologia Natação I – Treino Desportivo – Natação

Disponível em:

https://sigarra.up.pt/fadeup/pt/ucurr_geral.ficha_uc_view?pv_ocorrencia_id=160649

Consultado a: 11 de Setembro de 2013;

Autor/Título: FADEUP, Metodologia Natação II e III – Treino Desportivo – Natação

Disponível em:

https://sigarra.up.pt/fadeup/pt/ucurr_geral.ficha_uc_view?pv_ocorrencia_id=161067

Consultado a: 11 de Setembro de 2013;

Autor/Título: Escola da APEL - Um Pequeno Historial sobre a Escola da APEL

Disponível em: <http://www.escola-apel.com/web/index.php/a-escola/historial>

Consultado a: 19 de Novembro de 2012

Autor/Título: Mccann Erickson. “*De Braços Bem Abertos*”. Vídeo de Segurança da TAP (Portugal)

Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Ho7IMctxnnI>

Consultado a: 23 de Setembro de 2013

Autor/Título: Pensador (Descartes; Nelson Mandela; Thomas Jefferson; Vygotsky; Helen Keller; Fabrício Carpinejar; Friedrich Nietzsche)

Disponível em: <HTTP://PENSADOR.UOL.COM.BR/FRASES/>

Consultado entre: 27 de Julho e 25 de Setembro

9. ANEXOS

ANEXO 1. Calendário Escolar 2012/2013



Calendário Escolar 2012/2013

Dia	Mês	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho
Sáb	1				1						1	
Dom	2				2						2	
Seg	3	1			3				1		3	1
Ter	4	2			4	1			2 Início 3º Período		4	2
Qua	5	3			5	2			3	1	5	3 Entrega notas 10º
Qui	6	4		1	6	3 Início 2º Período			4	2	6	4
Sex	7	5	2		7 Benção ds Capas	4	1	1	5	3	7 Fim - 11º e 12º	5
Sáb	8	6	3		8	5	2	2	6	4	8	6
Dom	9	7	4		9	6	3	3	7	5	9	7
Seg	10	8	5 Av. Intermedia		10	7	4	4	8	6	10	8
Ter	11	9	6		11	8	5	5	9	7	11	9
Qua	12	10	7		12	9	6	6	10	8	12 Entrega notas 12º	10
Qui	13	11	8		13	10	7	7	11	9	13 Entrega notas 11º	11
Sex	14	12	9		14	11	8	8	12	10	14	12
Sáb	15	13	10		15	12	9	9	13	11	15	13
Dom	16	14	11		16	13	10	10	14	12	16	14
Seg	17 Visita 10º ano	15	12		17 Missa do Parto	14	11	11	15	13	17	15
Ter	18 Início 1º Período	16	13		18 Fim 1º Período	15	Carnaval	12	16	14	18	16
Qua	19	17	14		19 1º Av. Mom	16	13	13	17	15	19	17
Qui	20	18	15		20	17	14	14	18	16	20	18
Sex	21	19	16		21 Entrega notas/Pautas	18	15 Av. Intermedia	15 Fim 2º Período	19	17	21	19
Sáb	22	20	17		22	19	16	16	20	18	22	20
Dom	23	21	18		23	20	17	17	21	19	23	21
Seg	24	22	19		24	21	18	18	22	20	24	22
Ter	25	23	20		25 Natal	22	19	19 Entrega notas	23	21	25	23
Qua	26	24	21		26	23	20	20 AF. Pautas	24	22	26	24
Qui	27	25	22		27	24	21	21	25	23	27	25
Sex	28	26	23		28	25	22	22	26	24	28 Fim - 10º ano	26
Sáb	29 Abertura	27	24		29	26	23	23	27	25	29	27
Dom	30	28	25		30	27	24	24	28	26	30	28
Seg		29	26		31	28	25	25	29	27		29
Ter		30	27			29	26	26	30	28		30
Qua		31	28			30	27	27		29		31
Qui			29			31	28	28		30		
Sex			30					29		31		
Sáb								30				
Dom								Páscoa				
Ter												